

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641 - 1820/22

VOL. III - TOMO 6

CONSELHO ESTADUAL DE ARTES
E CIÊNCIAS HUMANAS

VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO

- N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, VOL. I
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERARIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. I
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. II
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. III — ANOS ACADEMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. II
- N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 4

- N.º 19 — *Octacilio de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)
- N.º 20 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 5
- N.º 21 — *Manoel Botelho de Oliveira (leitura paleográfica de Heitor Martins)*
LYRA SACRA
- N.º 22 — *Francisco Pati*
DICIONÁRIO DE MACHADO DE ASSIS
- N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL
- N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS E RELÂMPAGOS
- N.º 25 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. III — TOMO 1
- N.º 26 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. III — TOMO 2
- N.º 27 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 3
- N.º 28 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 4
- N.º 29 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 5
- N.º 30 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. III
- N.º 31 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. II — TOMO 1
- N.º 32 — *Myriam Ellis e Rosemarie Erika Horch*
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY NO CENTENARIO DO
SEU NASCIMENTO
- N.º 33 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. II — TOMO 2

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YEDDA DIAS LIMA

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641-1820/22**

VOL. III — TOMO 6



CONSELHO ESTADUAL DE ARTES E CIÊNCIAS HUMANAS
SÃO PAULO

1978

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Castello, José Aderaldo, 1921-

C345m O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
v.1- José Aderaldo Castello. — São Paulo: Conselho Estadual de
Artes e Ciências Humanas, 1969-
(Textos e documentos; n. 10, 14-15, 18, 20, 25-29, 31,
33-34)
Publicados: v.1, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5, 1971; v.2,
t.1, 1977, t.2, 1978; v.3, t.1, 1974, t.2-3, 1975, t.4-5, 1976,
t.6, 1978.

Bibliografia.

1. Literatura brasileira — Coletâneas. 2. Literatura
brasileira — Sociedades etc. I. Título. II. Série: Conselho
Estadual de Artes e Ciências Humanas (São Paulo). Textos
e documentos.

CDD-869.906
-869.908

78-0220

Índice para catálogo sistemático:

1. Academias: Literatura brasileira 869.906
2. Brasil: Academias literárias 869.906
3. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

**FESTEJOS PÚBLICOS
COMEMORATIVOS - 1641-1821**

(CONTINUAÇÃO)

ADVERTÊNCIA

O presente tomo, o 6.º do volume III, conclui este volume. Reuniram-se, nos seis tomos que o compõem, os *Festejos públicos comemorativos*, inéditos e éditos de 1641 a 1822. Foi tudo o que pudemos reunir com pesquisas em bibliotecas públicas e particulares e em arquivos. Certamente existem outras *relações* dessas festividades públicas comemorativas, tão frequentes por todo o Brasil Colônia, do século XVII ao XVIII/XIX. Mas a pesquisa não pode prosseguir indeterminadamente. É preciso considerá-la concluída. É o que fazemos, neste caso, com a certeza de que o material aí reunido é de grande riqueza cultural e intelectual para o estudo daquela fase da vida brasileira em formação. O interesse se estende a diversas áreas: urbanismo, geografia urbana, história, antropologia, sociologia, literatura, teatro ou espetáculo em particular. É material ainda não devidamente estudado, salvo casos excepcionais, como o do *Aureo trono episcopal* e do *Triunfo Eucarístico*. Continua a desafiar os especialistas que desejem fazer uma revisão do período colonial, para reformulações. O certo é que tudo é pouco conhecido, embora dele tanto se tenha falado, seja com fundamento suficiente ou não do período.

Conforme o “Plano e orientação” que presidem a publicação da matéria relativa ao *Movimento academicista no Brasil — 1641 — 1820/22*, expostos na abertura do volume I, tomo I, a documentação levantada foi classificada em 3 grupos. Correspondem às três partes em que se divide a publicação e aí os textos estão distribuídos por ordem cronológica. Contudo, dada a extensão e a complexidade da pesquisa e a delonga de sua divulgação, novos textos são encontrados e o plano original pode sofrer alterações. Aqui, no caso do volume III, registramos pouca coisa alterando aquele plano: 1.º) a transposição para o volume I dos textos do *Parnaso festivo* (1749) e *Rio de Janeiro ilustrado* (1750); 2.º) redistribuição da matéria, dos tomos 5 e 6 do próprio volume III; 3.º) quebra da cronologia da matéria do volume III, em virtude do conhecimento, só recente, de mais três relações. Duas delas foram-nos apontadas por Rubens Borba de Moraes, e a última por Rosemarie E. Horch; agradecemos a ambos.

Para melhor orientação do estudioso, também para registrar aquelas alterações na disposição da matéria, passamos a indicar, na ordem dos tomos do volume III, todas as relações que o compõem, com indicação de local onde se encontram os originais ou edições utilizadas. Isto, independentemente do índice geral da matéria dos seis tomos, ao final deste sexto. É o que se segue:

1. **RELAÇÃO DA ACLAMAÇÃO** que se fez na Capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao senhor rei Dom João IV por verdadeiro rei, e senhor do seu reino de Portugal, com a felicíssima restituição, que dele se fez a Sua Majestade que Deus guarde, etc. Com todas as licenças necessárias. Em Lisboa. Por Jorge Rodrigues — ano 1641. A custa de Domingos Alures livreiro. Reimpresso em Portugal, Tip. da Atlântida. 1940. Prefácio de Francisco Morais.
— Utilizamos o exemplar (de 1940) existente no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) — USP — Coleção J. F. de Almeida Prado” (2, a, 14).
2. **SENTIMENTOS PÚBLICOS DE PERNAMBUCO** na morte do sereníssimo infante Dom Duarte assistindo o mestre de campo general de todo o Estado do Brasil, Francisco Barreto, governador das armas desta Capitania, com a câmara e mais nobreza da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, quarta-feira, seis de abril de 1650. Oferecidos a majestade de el-rei Dom João Quarto de Portugal pelo padre Frei Bernardo de Braga lente de Teologia e Dom Abade de São Bento Pernambuco. Que orou nestes sentimentos. Com todas as licenças necessárias. Por Domingos Lopes Rosa. [1651].
— Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade (BMMA) — SP.
3. **ORAÇÃO FÚNEBRE** que disse o licenciado Antônio da Silva, vigário do Recife: nas exéquias da sereníssima princesa Dona Isabel Luísa Josefa celebrados na Misericórdia da cidade de Olinda, aos 5 de fevereiro de 1691 por mandado do Marquês de Montebelo governador da Capitania de Pernambuco, e suas anexas. Oferece-a à senhora Dona Luísa Maria de Mendonça, e Sá, marquesa de Montebelo. Lisboa com todas as licenças necessárias. Na Oficina de Miguel Manescal, impressor do Santo Ofício. Ano M.DC.XCI. [1691]

— Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J.F. de Almeida Prado” (22, b, 45).

4. BREVE COMPÊNDIO, e narração do fúnebre espetáculo, que na insigne cidade da Bahia, cabeça da América Portuguesa, se viu na morte de el-rei Dom Pedro II, de gloriosa memória, senhor nosso. Oferecido à majestade do sereníssimo senhor Dom João V, rei de Portugal composto por Sebastião da Rocha Pita, fidalgo da casa de Sua Majestade, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e coronel do regimento da ordenança da cidade da Bahia. Lisboa, na Oficina de Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Majestade. Com todas as licenças necessárias. Ano 1709.

— Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP. (O IEB também possui um exemplar).

5. DIÁRIO HISTÓRICO das celebridades, que na cidade da Bahia se fizeram em ação de graças pelos felicísimos casamentos dos sereníssimos senhores príncipes de Portugal, e Castela; dedicado ao ilustríssimo senhor arcebispo da Bahia Dom Luís Álvares de Figueiredo, metropolitado dos Estados do Brasil, Angola, e São Tomé, do conselho de Sua Majestade, etc. Escrito pelo licenciado José Ferreira de Matos, tesoureiro mor da mesma Sé da Bahia. Lisboa Ocidental: na Oficina de Manuel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Ofício. MDCCXXIX com todas as licenças necessárias. [1729]

— Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP.

6. TRIUNFO EUCARÍSTICO, exemplar da cristandade lusitana em pública exaltação da fé na solene trasladação do Diviníssimo Sacramento da Igreja da Senhora do Rosário, para um novo templo da Senhora do Pilar em Vila Rica, corte da Capitania das Minas aos 24 de maio de 1733 dedicado à soberana Senhora do Rosário pelos Irmãos Pretos da sua irmandade, e à instância dos mesmos, exposto à pública notícia por Simão Ferreira Machado natural de Lisboa, e morador nas Minas. Lisboa Ocidental na Oficina da Música, debaixo da proteção dos patriarcas São Domingos, e São Francisco. MDCCXXXIV com todas as licenças necessárias. [1734]

— Utilizamos o exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. (O IEB também possui um exemplar da 2.^a ed. de 1734).

7. SÚMULA TRIUNFAL da nova e grande celebridade do glorioso e invicto mártir São Gonçalo Garcia dedicada, e oferecida ao senhor Capitão José Rabelo de Vasconcelos, por seu autor Sotério da Silva Ribeiro: com uma coleção de vários folgedos, e danças, oração panegírica, que recitou o doutíssimo, e reverendíssimo padre Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, religioso capucho da Província de Santo Antônio do Brasil, na Igreja dos Pardos da Senhora do Livramento, em Pernambuco no primeiro de maio do ano de 1745, Lisboa na Oficina de Pedro Ferreira, impressor da augustíssima Rainha nossa senhora. Ano de M.D.CC.LIII. Com todas as licenças necessárias. [1753]
- Reproduzido in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1928. tomo 99, vol. 153. pp. 5 a 104. Consta na introdução que, sob o nome suposto de Sotério da Silva Ribeiro, seu autor é Frei Manuel da Madre de Deus Bulhões. Utilizamos esta publicação.
8. AUREO TRONO EPICOPAL, colocado nas minas de ouro, ou notícia breve da criação do novo bispado marianense, da sua felicíssima posse, e pomposa entrada do seu meritíssimo, primeiro bispo, e da jornada, que fez do Maranhão, o excelentíssimo, e reverendíssimo senhor Dom Frei Manuel da Cruz, com a coleção de algumas obras acadêmicas, e outras, que se fizeram na dita função, autor anônimo, dedicado ao ilustríssimo patriarca São Bernardo, e dado à luz por Francisco Ribeiro da Silva, clérigo presbítero, e cônego da nova Sé marianense. Lisboa, na Oficina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício. Ano 1749. Com todas as licenças necessárias. [Sem indicação de autor]
- Utilizamos o exemplar do Arquivo Público Mineiro — MG (O IEB possui também a 1.^a edição)
9. MONUMENTO DO AGRADECIMENTO, tributo da veneração, obelisco funeral do obséquio, relação fiel das reais exéquias, que à defunta majestade do fidelíssimo e augustíssimo rei o senhor Dom João V dedicou o doutor Matias Antônio Salgado vigário colado da Matriz de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João-del-rei oferecida ao muito alto, e poderoso rei Dom José I nosso senhor Lisboa na Oficina de Francisco da Silva ano de MDCCLI com todas as licenças necessárias. [1751]

- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP (A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — Coleção “Barbosa Machado” — também possui um exemplar)
10. **RELAÇÃO DAS FESTAS** que se fizeram em Pernambuco pela feliz aclamação do muito alto, e poderoso rei de Portugal Dom José I nosso senhor do ano de 1751 para o de 1752 sendo governador, e capitão general destas capitanias o ilustríssimo e excelentíssimo Senhor Luís José Correia de Sá do conselho de Sua Majestade, etc. Por Felipe Néri Correia official maior da secretaria do governo, e secretário particular do mesmo ilustríssimo, e excelentíssimo senhor governador. Lisboa na Oficina de Manuel Soares ano de MDCCLIII com todas as licenças necessárias. [1753]
- Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (21, b, 5)
11. **RELAÇÃO DAS FESTAS** que fez Luís Garcia de Bivar fidalgo da casa de Sua Majestade, e sargento maior da batalha de seus exércitos, e governador da nova Colônia do Sacramento, pela feliz aclamação do nosso fidelíssimo rei o senhor Dom José o I. Em 2 de fevereiro de 1752, acompanhando-se de seis pessoas dos principais desta praça, que mui voluntárias o ajudaram para as despesas, que se fizeram naquele festejo, os quais são os seguintes; o sargento maior da ordenança Manuel Lopes Fernandes, o capitão José Pereira de Carvalho; o capitão Jerônimo Pereira do Lago; o capitão Manuel Pereira Franco; José da Costa Bandeira; Diogo Gonçalves Lima; Lisboa na Oficina de Pedro Ferreira impressor da augustíssima rainha nossa senhora. Ano de MDCCLIII. Com todas as licenças necessárias. [Sem indicação de autor, 1753]
- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP.
12. **GEMIDOS SERÁFICOS**, demonstrações sentidas, e obséquios dolorosos nas exéquias funerais, que pela morte do fidelíssimo, e augustíssimo rei o senhor Dom João V fez celebrar nos conventos da Província de Santo Antônio do Brasil, entre Bahia, e Pernambuco, e consagra a sempre grande, excelsa, e soberana senhora Dona Maria Ana da Áustria, rainha mãe, o reverendíssimo padre Frei Ger-vásio do Rosário, pregador, ex-definidor, e ministro provincial da mesma Província. Lisboa: na Oficina de

- Francisco da Silva ano de MDCCLV. Com todas as licenças necessárias. [1755]
- Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J.F. de Almeida Prado” (22, b, 1)
13. **NARRAÇÃO PANEGÍRICO-HISTÓRICA** das festividades com que a Bahia solenizou os felicíssimos desposórios da princesa nossa senhora com o sereníssimo senhor infante Dom Pedro, oferecida a el-rei nosso senhor por seu autor o reverendo Padre Manuel de Cerqueira Torres, Bahiense, etc. 1760.
- Reproduzido in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio*. vol. 31, pp. 408 a 429. Faz parte do “Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar, organizado para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por Eduardo de Castro e Almeida” (*loc. cit.* Introdução, p. 6). Utilizamos esta publicação.
14. **RELAÇÃO DAS FAUSTÍSSIMAS FESTAS** que celebrou a câmara da Vila de Nossa Senhora da Purificação, e Santo Amaro da Comarca da Bahia pelos augustíssimos desposórios da sereníssima senhora Dona Maria princesa do Brasil com o sereníssimo senhor Dom Pedro Infante de Portugal, dedicada ao senhor Sebastião Borges de Barros, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, capitão mor das ordenanças da mesma vila, familiar do Santo Offício, deputado atual da Mesa da Inspeção, e acadêmico da Academia Brasílica dos Renascidos por Francisco Calmon, fidalgo da casa de Sua Majestade, e acadêmico da mesma academia Lisboa, na Oficina de Miguel Manesca da Costa, impressor do Santo Offício, ano 1762. Com todas as licenças necessárias.
- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP.
15. **EPANÁFORA FESTIVA**, ou relação sumária das festas, com que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou o feliz nascimento do sereníssimo Príncipe da Beira nosso senhor. Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, impressor do eminentíssimo Cardeal patriarca. MDCCLXIII com as licenças necessárias. [Sem indicação de autor, 1763]
- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP. (O IEB também possui um exemplar).

16. CATÁGRAFO EPIPOMPTÉUTICO dos aplausos soleníssimos, que na vila sempre leal de São Francisco de Sergipe do Conde fez celebrar o nobilíssimo senado da câmara, ao 19 do mês de dezembro de 1760. Em obséquio dos sempre augustos, e felicíssimos desposórios da sereníssima Princesa dos Brasis nossa senhora com o sereníssimo infante Dom Pedro dedicado ao senhor juiz ordinário Benardo de Siqueira Lima e Meneses, e oferecido por Frei Bento da Apresentação, o mais indigno dos seus servos, e filho da Província de Santo Antônio do Brasil, Strictoris obseruantiae, acadêmico supranumerário, da Academia Brasílica dos Renascidos. Lisboa, na Oficina de Antônio Vicente da Silva. Ano MDCCLXIV. Com todas as licenças necessárias. [Sem indicação de autor, 1764]
- Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (21, c, 18)
17. RELAÇÃO DAS FESTAS PÚBLICAS, que na cidade de São Paulo fez o ilustríssimo, e excelentíssimo senhor governador, e capitão general Dom Luís Antônio de Sousa em louvor da senhora Santa Ana com a ocasião de colocar, a sua imagem em o altar novo da Igreja do Colégio. Ano dito. [Sem indicação de autor, ms. 1770]
- Utilizamos o manuscrito pertencente ao IEB — USP — Coleção “J.F. de Almeida Prado”. Por se tratar de ms. reproduzimos também os dizeres da página de rosto interna, mais completa em informações: “Relação das festas públicas que na cidade de São Paulo fez o ilustríssimo, e excelentíssimo senhor Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão governador, e capitão general da dita capitania com a ocasião de colocar a imagem da senhora Santa Ana em a capela nova, que mandou fazer na Igreja do Colégio desta cidade, em que reside: cuja celebridade se fez no dia domingo 19 de agosto de 1770, que é justamente dia de São Joaquim, e São Luís Bispo, prolongando-se a mesma festividade com o motivo de fazer anos no dia terça-feira 21 do mesmo mês o sereníssimo senhor Dom José príncipe da Beira, e no sábado seguinte ser dia de São Luís, rei da França, Santo de que tem o nome o mesmo excelentíssimo senhor general, e ter felizes notícias dos grandes descobrimentos, e conquistas do Tibaji”.
18. EXPOSIÇÃO FÚNEBRE, E SIMBÓLICA das exéquias que a memorável morte da sereníssima senhora Dona

Maria Francisca Dorotéia, infanta de Portugal, fez officiar no arraial de Paracatu o illustríssimo, e excellentíssimo senhor Conde de Valadares, governador, e capitão general da Capitania de Minas Gerais etc. etc. Dedicado ao mesmo senhor. Por Manuel Lopes Saraiva, furriel de dragões, e comandante dos mesmos no dito arraial. Seu autor o Reverendo João de Sousa Tavares. Graduado em Leis pela Universidade de Coimbra etc. [ms. 1771]

— Utilizamos o manuscrito pertencente ao IEB — USP
— Coleção “Lamego” (doc. n.º 38)

19. COLEÇÃO DAS OBRAS feitas aos felicísimos anos do illustríssimo e excellentíssimo senhor José César de Menezes governador e capitão general de Pernambuco na sessão acadêmica de 19 de março de 1775. Oferecida por Antônio Gomes Pacheco presbítero secular. [ms. 1775]

— Utilizamos o apócrifo pertencente ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambuco — Pe.

20. FESTEJOS COMEMORATIVOS do aniversário de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, realizadas em Cuiabá, em agosto de 1790 [Sem indicação de autor]

— Reproduzido *in* — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. vol. IV de 1898/99. S. Paulo, Tip. Andrade, Melo e Comp. pp. 219 a 229. Consta em nota a seguinte observação: “Documentos trazidos de Cuiabá pelo dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes encontrados entre os papéis do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e divulgados por A. de Toledo Pisa *in*”... Utilizamos esta publicação.

21. RELAÇÃO DAS FESTAS, que fez a câmara da Vila Real do Sabará na Capitania de Minas Gerais por ocasião do feliz nascimento da sereníssima senhora Princesa da Beira Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, ano M.DCC.XCIV Com licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame, e censura dos livros. [Sem indicação de autor, 1794]

— Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (2, a, 34)

22. RELAÇÃO DOS FESTEJOS realizados a 10 de agosto de 1801, no arraial da Conceição, Capitania de Minas Gerais, em homenagem a Bernardo José de Lorena [Sem indicação de autor, impressão de 1801, reimpresso em 1924]

- Reproduzido *In* SANTOS, Dr. Joaquim Felício dos — *Memórias do distrito diamantino na Comarca de Serro Frio* (Província de Minas Gerais) pelo ... Nova edição, com um estudo biográfico de Nazaré Meneses. Rio de Janeiro, Livr. Castilho, 1924. pp. 246 a 248. Utilizamos esta publicação.
23. DESCRIÇÃO da maneira por que foi aplaudido na Capitania da Paraíba do Norte o memorável dia de 13 de maio de 1803, em que fez anos o sereníssimo *Príncipe Regente* de Portugal nosso senhor. Lisboa. Ano M.DCCCIII. Na Impressão Régia. *Por ordem superior*. [Sem indicação de autor, 1803]
- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP.
24. RELAÇÃO DAS FESTAS que se fizeram no Rio de Janeiro, quando o Príncipe Regente nosso senhor, e toda a sua real família chegaram pela primeira vez àquela capital. Ajuntando-se algumas particularidades igualmente curiosas, e que dizem respeito ao mesmo objeto. Lisboa. Na Impressão Régia. Ano 1810. Com licença. [Sem indicação de autor]
- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP. (O IEB possui dois exemplares).
25. ELOGIO, que ao sempre fausto aniversário de Sua Magestade fidelíssima a rainha Dona Maria I. nossa senhora O.D.C. o seu mais humilde vassalo Bernardo Avelino Ferreira e Sousa. Rio de Janeiro. Na Impressão Régia. M.DCCC.XV. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. [1815]
- Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (22, a, 4)
26. RELAÇÃO CIRCUNSTANCIADA do que se praticou na Província do Pará com a infausta notícia do falecimento da Rainha fidelíssima a senhora Dona Maria I, a qual participação chegou a esta província em o dia primeiro de agosto do corrente ano. Lisboa. Na Impressão Régia. Ano 1816. Com licença. [Sem indicação de autor]
- Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (21, b, 17)
27. RELAÇÃO do que se fez na corte do Rio de Janeiro pela morte da nossa augusta rainha, a senhora Dona Maria I; e do que também se executou nesta cidade de Lisboa no

dia sábadó 20 do corrente, pela ação de quebrar os escudos. Lisboa: Na Impressão Régia, 1816. Com licença. [Sem indicação de autor]

— Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (21, b, 16)

28. **RELAÇÃO DO FESTIM** que ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor Dom Marcos de Noronha e Brito, VIII conde dos Arcos, marechal de campo dos reais exércitos, grão-cruz da Ordem de São Bento de Aviz, governador e capitão general da Província da Bahia, gentil homem da câmara de Sua Alteza sereníssima o Príncipe Real, do conselho de Estado, ministro e secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramarinos, etc. etc. etc. Deram os subscritores da praça do comércio, aos 6 de setembro de 1817, por ocasião de collocarem nela o retrato do mesmo excelentíssimo conde, seu fundador, e mormente em consideração de seus illustres feitos nos próximos passados meses de março, e abril. Bahia: na Tipografia de Manuel da Silva Serva. Com as licenças necessárias. [Sem indicação de autor, 1817?]

— Utilizamos a exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (2, b, 47)

29. **RELAÇÃO DOS FESTEJOS**, que à feliz aclamação do muito alto, muito poderoso, e fidelíssimo senhor Dom João VI rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves na noite indelével, e faustíssimo dia 6 de fevereiro, e nas duas subseqüentes, com tanta cordialidade, como respeito votam os habitantes do Rio de Janeiro; seguida das poesias dedicadas ao mesmo venerando objeto, coligidas por Bernardo Avelino Ferreira e Sousa, official supranumerário da Secretaria da Intendência Geral da Polícia, e dada ao prelo, e gratuitamente distribuída pela mesma Intendência, a de perpetuar a memória do plausível successo, de que mais se gloriam os fastos portugueses. Rio de Janeiro, 1818: na Tipografia real. Por ordem de Sua Majestade. [Sem indicação de autor]

— Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP. (O IEB também possui um exemplar)

30. **PARÁ: RELAÇÃO DAS FESTAS**, que se fizeram nesta cidade de Nossa Senhora de Belém, de ordem do ilustríssimo e excelentíssimo senhor Conde de Vila Flor, governador e capitão general desta capitania pela feliz ocasião do glorioso casamento de sua alteza o príncipe real do

Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarve, com a sereníssima senhora arqueduchessa da Áustria Carolina Josefa Leopoldina. [Sem indicação de autor, ms. 1818]

— Utilizamos o manuscrito pertencente ao IEB — USP
— Coleção “J. F. de Almeida Prado”

31. **DESCRIÇÃO DA ILUMINAÇÃO SIMBÓLICA**, que na noite do faustíssimo dia 4 d'abril de 1819, um dos mais plausíveis para a nação portuguesa, por ocasião do feliz nascimento da sereníssima senhora princesa recém-nascida apresentou ao público na frente da casa de sua residência, e nas duas noites subsequentes o coronel Antônio José da Silva Braga, em sinal da sua gratidão, amor, e lealdade, que tributa ao seu soberano. Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1819. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.
- Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (2, b, 26)
32. **RELAÇÃO DAS FESTAS** com que o senado da câmara com toda a nobreza da Vila de São João da Parnaíba celebrou no dia 13 de maio de 1820 o aniversário natalício de Sua Majestade el-rei nosso senhor. A que se junta a oração, que no mesmo dia recitou em câmara, o doutor juiz de fora presidente do mesmo senado, João Cândido de Deus e Silva. Lisboa, na Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos. Ano de 1820. Com licença da Comissão de Censura.
- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP.
33. **RELAÇÃO FIEL** da ação de patriotismo, e fidelidade, que a câmara e povo da cidade de São Luís do Maranhão praticou, em obséquio do muito alto e poderoso rei, o senhor Dom João VI que Deus guarde, escrito pelo primeiro vereador da câmara Isidoro Rodrigues Pereira, coronel reformado do regimento da Vila de Caixias de Aldeias Altas no ano de 1820. Lisboa. Na Impressão de João Batista Morando. Ano 1822.
- Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP. (O IEB também possui um exemplar).
34. **RELAÇÃO DOS SUCESSOS** do dia 26 de fevereiro de 1821 na corte do Rio de Janeiro. Bahia. Na Tipografia da Viúva Serva, e Carvalho. Com licença da Comissão de Censura. Rio de Janeiro 10 de junho de 1821. [Sem indicação de autor]

— Utilizamos o exemplar da Secção de Obras Raras da BMMA — SP.

35. **DESCRICHÃO DOS EMBLEMAS ALEGÓRICOS** e seus epigramas com que se adornou a iluminação que na fachada das casas de sua residência apresentou ao público o coronel Antônio José da Silva Braga. Na noite de 6 de fevereiro de 1818, em que se celebrou com pompa verdadeiramente real a feliz, e gloriosa aclamação do muito alto, e poderoso rei nosso senhor Dom João Sexto. E nas três noites seguintes dos dias 7, 8 e 9 em memória do seu reconhecimento, amor, e lealdade, que professa ao mesmo augusto senhor, cuja preciosa vida os céus dilatam por longos anos para glória e delícias de toda a Nação Portuguesa. Rio de Janeiro, na Impressão Régia. 1821. Com licença.

— Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (2, b, 25)

36. **APLAUSOS NATALÍCIOS** com que a cidade da Bahia celebrou a notícia do felice primogênito do excelentíssimo senhor Dom Antônio de Noronha, conde de Vila Verde, do conselho de Sua Majestade e seu mestre de campo general, e governador das armas da Província de Entre Douro, e Minho; neto do excelentíssimo senhor Dom Pedro de Noronha, [...] Lisboa Ocidental, na Oficina de Miguel Manescal, impressor do Santo Ofício, e da sereníssima casa de Bragança. [Sem indicação de autor, 1718]. O volume contém um POEMA ELEGÍACO, da autoria de João de Brito e Lima e um DIÁRIO PANEGÍRICO, de Caetano de Brito e Figueiredo.

— Utilizamos o exemplar pertencente à biblioteca particular do Dr. Rubens Borba de Moraes.

37. **RELAÇÃO DA ENTRADA** que fez o excelentíssimo, e reverendíssimo senhor Dom Frei Antônio do Desterro Malheiro bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste presente ano de 1747 havendo sido seis anos bispo do reino de Angola, donde por nomeação de Sua Majestade, e Bula Pontificia, foi permutado para esta diocese. Composta pelo doutor Luís Antônio Rosado da Cunha juiz de fora, e provedor dos defuntos e ausentes, capelas e residuos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, na segunda Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca. 1747.

— Reprodução fac-similar *in* PACHECO, Félix — *Duas charadas bibliográficas*. Apêndice. Rio de Janeiro, Tip.

do Jornal do Comércio Rodrigues e Cia. 1931. Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (016.094, P, 116, d). Dada a importância bibliográfica da obra, transcrevemos a seguir o que Rubens Borba de Moraes disse sobre ela: “Esta *Relação* não tem somente interesse por descrever festejos religiosos no Rio de Janeiro em meados do século XVIII. É o primeiro livro impresso no Brasil. Existem duas tiragens desse famoso folheto: na primeira a data ao pé da página de rosto em vez de ser MDCCXLVII [1747] saiu impressa MCCXLVII 1274. Além desse engano existe uma pequena alteração no texto da segunda tiragem que apareceu com a data certa. Sobre este cimélio e toda a questão da introdução da imprensa no Brasil vide meu livro *O bibliófilo aprendiz* (São Paulo, Cia. Edit. Nac. 1965). Como se sabe toda a edição foi apreendida e, em parte, destruída. Hoje em dia só se conhece a existência dos seguintes exemplares da primeira tiragem (com a data errada): o da biblioteca do Itamarati, o da biblioteca de Nova York e o meu. Da segunda (com a data certa) sabe-se da existência dos seguintes: dois exemplares na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (col. Barbosa Machado), um na Catholic University of America, em Washington (exemplar que pertenceu a Oliveira Lima), outro também na biblioteca de Nova York e um na Universidade de Coimbra. Deste folheto tão raro Félix Pacheco publicou em 1931 uma edição fac-similar em apêndice a sua obra *Duas Charadas Bibliográficas*.” (v. MORAIS, Rubens Borba de — *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo, IEB — USP, 1969, p. 114)

Além da reprodução da *Relação*, Félix Pacheco apresenta, também em reprodução fac-similar, composições poéticas impressas por Antônio Isidoro da Fonseca. Como se harmonizam com a edição dos textos das academias, que vimos promovendo, resolvemos reproduzi-las.

38. **RELAÇÃO DA VIAGEM, E ENTRADA**, que fez o excellentíssimo, e reverendíssimo senhor Dom Frei Miguel de Bulhões e Sousa, sagrado bispo de Málaca, e terceiro bispo *do Grão Pará para esta sua diocese*: escrito por um dos seus familiares. Lisboa. Na Oficina de Manuel Soares. Ano de 1749. Com as licenças necessárias,

— Utilizamos o exemplar do IEB — USP — Coleção “J. F. de Almeida Prado” (12, a, 4).

Os textos acima enumerados se distribuem nos seus tomos da seguinte maneira: tomo 1 — relações de 1 a 6; tomo 2 — de 7 a 11; tomo 3 — de 12 a 13; tomo 4 — de 14 a 18; tomo 5 — de 19 a 35; e tomo 6 — de 36 a 38.

São Paulo, maio de 1977

José Aderaldo Castello.

36. APLAUSOS NATALÍCIOS COM QUE A CIDADE DA BAHIA CELEBROU A NOTÍCIA DO FELICE PRIMOGÊNITO DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOM ANTÔNIO DE NORONHA, CONDE DE VILA VERDE, DO CONSELHO DE SUA MAJESTADE E SEU MESTRE DE CAMPO GENERAL, E GOVERNADOR DAS ARMAS DA PROVINCIA DE ENTRE DOURO E MINHO [...] LISBOA OCIDENTAL, NA OFICINA DE MIGUEL MANESCAL, IMPRESSOR DO SANTO OFÍCIO, E DA SERENÍSSIMA CASA DE BRAGANÇA. [S.I.A.] 1718.

**APLAUSOS
NATALÍCIOS**

com que a Cidade da Bahia celebrou a notícia do felice

PRIMOGENITO

do Excelentíssimo Senhor

DOM ANTÔNIO DE NORONHA,

Conde de Vila Verde, do Conselho
de Sua Majestade e seu Mestre de Campo General, e Governador das
Armas da Província de Entre Douro, e Minho;

NETO

do Excelentíssimo Senhor

**DOM PEDRO ANTÔNIO
DE NORONHA**

CONDE E SENHOR DE VILA VERDE, MAR-

quês de Angeja, Vice-rei, e Capitão General do Estado da Índia, Mestre de Campo General dos Exércitos de Sua Majestade General da Cavalaria da Província de Alentejo, e Governador das Armas da mesma Província Vedor da Fazenda da repartição do Reino, e dos Conselhos de Estado, e Guerra do mesmo Senhor; Vice-rei, e Capitão General de Mar, e Terra, e Estados do Brasil; Senhor das Vilas de Angeja, Pinheiro, e Bemposta, Comendador das Comendas de Santo André de Aljezur da Ordem de Santiago, e da de São Salvador de Boisôs (sic), São Salvador da Ribeira da Pena, Santa Maria de Alvarenga, São Pedro de Caíde, e Santiago de Penamacor, da Ordem de Cristo.

LISBOA OCIDENTAL:

Na Oficina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do Santo Ofício, e da Sereníssima Casa de Bragança. Ano de 1718.

Com todas as licenças necessárias.

AO CAPITÃO JOÃO DE BRITO

e Lima descrevendo em quatro métricos Cantos as festas, que nesta Cidade da Bahia se fizeram ao Excellentíssimo Senhor Marquês Vice-rei pelo nascimento de um Neto, preclaríssimo herdeiro da sua Casa.

SONETO

Quando o triunfo descreveis luzido,
Cõ que aplaude a cabeça deste Estado,
De Vila Verde o fruto sazonado,
De Angeja o sucessor esclarecido.

Por vós, con cento, e fólio envelhecido
De Apolo, e Musas vemos ampliado,
O Sol a quatro Esferas dilatado,
O coro em quatro Cantos repetido.

Da vossa voz sonora o som disperso,
Que o Consistório do Parnaso anima,
É doce consonância do Universo;

Porque quando em cristais de tanta estima,
Na Hipocrene bebeis o claro verso,
De casa lhe applicais a sutil lima.

Sebastião da Rocha Pita.

A FICÇÃO QUE FEZ O AUTOR DA
obra João de Brito Lima, de ser arrebatado ao
Coro das Musas.

DÉCIMAS

Lá com metros de alegria
No Parnaso se cantava,
E inda que a lira pulsava,
Apolo nada dizia:
E como bem entendia
Que era por falta de voz,
Pelo Pegaso veloz,
Despedindo-o nesse instante,
Para que suave cante,
Manda, buscar, Brito, a vós.

Já nesse Coro estrelado
 Vos colocam cortesmente
 As Musas, e reverente
 Apolo vos põe ao lado
 E convosco já sentado
 Fere a lira, canta agudo:
 Mas foi-se tornando mudo
 Ao vosso Canto suave,
 Pois descendo a voz ao grave,
 Vós subieis ao sobre-agudo.

[S. I. A.]

AO MESMO AUTOR DEBAIXO

da alegoria, ou metáfora de três Aves Reais,
 Águia, Fênix, e Cisne.

DÉCIMA

Com vôo mui remontado
 Qual Águia vos pareceis,
 Pois no estilo em que dizeis
 Vos mostrais mui sublimado:
 Como o Fênix abrasado
 Renasceis com versos tais;
 E como Cisne cantais
 Docemente, porém quando
 O Cisne morre cantando,
 Brito cantando matais

[S. I. A.]

AD EUNDEM AUTHOREM EPIGRAMMA

Dum tua Musa canit, gratos in carmine flores
 Fundis, et innumeras mittis ab ore rosas.

Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.
 Funduntur uiolae, lilia plura iacent.

Omnia sunt flores; sed sunt tua carmina, Brite:
 Ergo quid dicis florea rura sapit.

Haec carmina faciebat

Aloisius Canello de Noronha.

AO CAPITÃO JOÃO DE BRITO DE

Lima em louvor dos quatro Cantos panegíricos, em que descreveu as festas, que na Cidade da Bahia se fizeram pelo nascimento feliz do Neto do Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja Vice-rei do Estado do Brasil.

SONETO

Quatro rios perenes fertilisam
 Los quadros del terrestre Paraiso,
 Quando sierpes de liquido graniso
 Cristal escupen, y las flores pisan:

Assi tu rios metricos suavisan
 La America del Orbe culto Eliso,
 Tributando al Pastor del noble Anfriso
 Quatro Cantos, con que se immortalizan.

Mas si aquellos del Orbe discurriendo
 Las quatro partes van al Oceano
 Abrir su sepultura feneciendo,

Hoy los tuyos con modo soberano
 Van nel mar de la emprenta renaciendo
 Para blason del plectro Americano.

[S. I. A.]

AO CAPITÃO JOÃO DE BRITO

e Lima escrevendo em Oitavas as mesmas festa (sic)
 Por um íntimo amigo do Autor.

DÉCIMAS

I

Com festas de nascimento,
 Oitavas de tanta glória,
 Quem as daria à memória
 Mais que o vosso entendimento?
 Foram as festas portento,
 Portento as Oitavas são;
 E é tal a conexão,
 Quem tem aquelas com estas,
 Que entre as Oitavas, e as festas,
 Cuido não há distinção.

II

Foram as festas de guardas,
 De guarda as Oitavas vêm,
 Quem guarda as Festas também,
 As suas Oitavas guarda:
 Grande sorte vos aguarda,
 Lima, neste Arcebispado,
 Pois nos versos tão limado
 Sois, que por Deus da Poesia,
 Ainda há de ser na Bahia
 O vosso nome guardado.

[S. I. A.]

A AMBOS OS AUTORES COM
 a metáfora da solfa pelo mesmo.

SONETO

São nesse duo, que ambos compusestes,
 Máximas as empresas que tomastes,
 Longas as descrições com que entoastes
 Esses breves discursos que fizestes.

Foi a vós esse Sol que encarecestes,
 O Signo este Solar que exagerastes,
 O tempo o mais perfeito em que cantaste,
 Propriedade a com que descrevestes.

Os pontos todos são de perfeição,
 As pausas todas da maior valia:
 Desse pois esse duo à impressão;

Para que em tão suave melodia,
 Se veja em Portugal com atenção,
 Que tal é esta solfa da Bahia.

[S.I.A.]

LICENÇAS DO SANTO OFFÍCIO.

O Padre Mestre Dom Antônio Caetano de Sousa, Qualificador do Santo Offício, veja o livro intitulado, *Aplausos Natalícios*, de que trata esta petição, e informe com seu parecer. Lisboa 10 de Dezembro de 1717.

Rocha. FR. Alancastre. Guerreiro. Portocarreiro.

CENSURA DO PADRE MESTRE DOM ANTÔNIO Caetano de Sousa.

EMINENTÍSSIMO SENHOR:

Vi por ordem de Vossa Eminência o livro intitulado, **Aplausos Natalícios**, que consta de um Poema, que compôs o Capitão João de Brito e Lima, e de um Diário Panegírico em prosa que escreveu o Desembargador Caetano de Brito e Figueiredo em elegante estilo um, e outro papel, que não contém coisa alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes. Cada um destes Autores pretende na sua obra levantar um Obelisco contra as injúrias do tempo, para que não fique somente na duvidosa tradição dos homens, a memória que desejam eternizar do seu Vice-rei Dom Pedro Antônio de Noronha, Marquês de Angeja; tão benquistado dos moradores da Bahia, que em gratificação do que devem às suas prudentes máximas, ornadas de natural benignidade, cuidaram no modo de lhe aumentar o gosto recebido com a agradável nova de ter nascido à preclaríssima Casa de Vila Verde, herdeiro Varão. E assim agradecidos ao suave governo com que os domina, quizeram com públicas demonstrações manifestar o seu amor: o que bem se deixa ver da magnificência e profusão, com que por muitos dias estes nobres Cidadãos em luzidas festas parece queriam dispende todo o ouro que produzem as minas, de que se enriquece o grande Estado da América Portuguesa; dando mais com esta evidência aos séculos vindouros, uma ilustre demonstração da sua afetuosa generosidade. E assim me parece este livro mui digno da licença que pede. Lisboa Ocidental na Casa de nossa Senhora da Divina Providência 13 de Dezembro de 1717.

Dom Antônio Caetano de Sousa C.R.

O Padre Mestre Frei Manuel Guilherme, Qualificador do Santo Offício, veja o livro de que trata esta petição, e informe com seu parecer. Lisboa Ocidental 14 de Dezembro de 1717.

Rocha. Fr. R. Alancastre. Guerreiro. Portocarreiro.

CENSURA DO MUITO REVERENDO PADRE MESTRE FREI MANUEL

Guilherme.

EMINENTÍSSIMO SENHOR:

Com a brevidade possível li este papel, e me conformo em tudo com o primeiro Padre Mestre Consultor. São Domingos de Lisboa Ocidental 17 de Dezembro de 1717.

Frei Manuel Guilherme.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro de que faz menção esta petição, e impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, e sem ela não correrá. Lisboa Ocidental 17 de Dezembro de 1717.

Rocha. Fr. R. Alancastre. Guerreiro. Portocarreiro

DO ORDINÁRIO.

Podese imprimir o livro intitulado, **Aplausos Natalícios**, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Ocidental. 10 de Fevereiro de 1717.

Cardoso.

DO PAÇO.

Veja Lourenço Botelho Souto Maior este papel, e com o seu parecer o remeta a esta Mesa. Lisboa 12 de Fevereiro de 1717.

Andrade. Botelho. Oliveira. Noronha.

SENHOR.

Estes Aplausos Natalícios são duas Relações em verso, e prosa das festas, com que em a Bahia de todos os Santos se celebrou a nova do nascimento de um Neto do Marquês de Angeja Vice-rei naquele Estado: e depois de não conterem coisa que encontre o serviço de Vossa Majestade se dedicam ao obséquio de um Vassalo muito benemérito deste Reino assim pela qualidade hereditária de sua alta nobreza, como por suas ações pessoais em paz, e em guerra;

pelo que me parccem dignos da estampa. Vossa Majestade mandará o que for servido. Lisboa Ocidental 23 de Dezembro de 1717.

Lourenço Botelho Souto Maior.

Pode-se imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário. Lisboa Ocidental 23 de Dezembro de 1717.

Andrade. Botelho. Oliveira. Noronha. Dom Guedes.

POEMA
ELOGÍACO,

e

NARRAÇÃO VERDEIRA,
em que se descrevem as festas, que
o Mestre de Campo

JOÃO DE ARAÚJO DE AZEVEDO
Mandou celebrar na Cidade da Bahia em obséquo

DO
PRIMOGENITO
DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR
CONDE DE VILA VERDE,
NETO, E HERDEIRO DA CASA

Do Excelentíssimo Senhor

MARQUÊS DE ANGEJA,
Digníssimo Vice-rei dos Estados da
Índia, e do Brasil, Capitão General
de mar, e terra, do Conselho de Estado,
e Guerra de Sua Majestade, que Deus
garde, Vedor da sua Real Fazenda.

DEDICATÓRIA:
EXCELENTÍSSIMO SENHOR
SONETO

Em crepúsculos rompe o Sol infante
Os parpados da Aurora transparente:
Do Zênite desce ao pálido Ocidente
Trocando a pira em urna de diamante.

Tendo em reflexos sempre a luz brilhante,
Parece mais ativa, quando ardente,
Purifica o metal resplandecente,
As plantas vivifica rutilante.

Mecenas vos invoco, Herói preclaro,
Porque de vós meu plectro defendido,
Não devore o rigor do tempo avaro.

E qual Apolo sempre esclarecido,
Vosso nome servindo-lhe de amparo,
Fareis (senão maior) mais conhecido.

O mais afetuoso, e humilde criado
de Vossa Excelência.

João de Brito e Lima

CANTO I

I

Não canto as excelências sublimadas,
Do ínclito Vice-rei esclarecidas,
Que da fama nos ecos dilatadas,
São de um pólo, a outro pólo conhecidas.
As festas na Bahia celebradas,
Por serem a tal objeto oferecidas,
Cantando espalharei pelo Universo
Com tosca lira, e mal limado verso.

II

Que ação fora (Senhor) pouco acertada,
 E menos de admirar vosso respeito,
 Se coubera na voz articulada,
 O que apenas se exprime no conceito.
 E é mais fácil a máquina estrelada,
 Vê-la contada em número perfeito,
 Reduzir esse pélagos de neve
 Na breve esfera de uma concha breve.

III

A Lira do Tebano celebrada,
 Do Trace a doce voz enternecida,
 Que os muros fabricou da pátria amada,
 Fez a pena maior, menos sentida.
 Se fora a tais aplausos elevada,
 Qualquer delas se achara confundida,
 E com pena Amfião, Orfeu com ira,
 Emudecera a voz, quebrara a Lira.

IV

Nem a pena de Homero com que a fama
 Voa, do Grego assombro, cuja história,
 De inveja ao Macedônio abrasa a chama,
 Julgando sepultada a sua glória:
 As ações com que o mundo vos aclama,
 Poderá eternizá-las na memória,
 Só nesse azul papel deve escrevê-las,
 O Sol com caracteres das estrelas.

V

Tanto, que se Timantes existira,
 E quisera deixarnos retratada
 A Majestade tal, que em vós se admira,
 Pelo âmbito do mundo sublimada:
 Quando muito (se acaso o conseguira)
 Retratara somente a vossa espada,
 E com ela mostrara ufano, e ledos,
 O mesmo assombro do pintado dedo.

VI

Porém primeiro, ó César Lusitano,
De cujo nome a glória lhe destino,
Ser pequeno teatro este Oceano,
Ser breve estampa o Globo cristalino.
Do Assírio, do Grego, e do Tebano
Assombro excelso, pasmo peregrino,
Convosco falarei, se atenção deres,
Deste pouco volume aos caracteres.

VII

Convosco (ó Pedro invicto, e sem segundo)
A quem nos giros, que circunda o vento,
Do clarim belicoso, o som jocundo,
Do guerreiro tambor, o vago acento
Eterno aclama já por todo o mundo
No celeste cristal do firmamento,
Perpetuando a tanta fidalguia,
Berços do Sol, e túmulos do dia.

VIII

Essa felice pois, e Régia frente,
Circule sempre a desdenhosa rama,
E os triunfos do Ocaso, e do Oriente
Dêem assunto imortal à vossa fama.
Até de Calambuco a pira ardente
Aromas vos tribute em cada chama,
Porque assim vosso nome possa ouvi-lo
O Eufrates, o Gânges, o Indo, o Nilo.

IX

Como vosso aceitai este Poema,
(Bem que holocausto indigno a glória tanta)
Porque inda que ao voar a queda tema,
Caindo a vossos pés, mais se levanta.
Bem sei (Senhor) que estimação suprema
A Musa não merece, que hoje canta,
Mas poderá suprir neste transunto,
Ao baixo estilo, o soberano assunto.

X

E vós amadas Musas de que amante
 Esse, que adulam Rei sonoras aves,
 Vos participa ao plectro ressonante,
 Método doce de influências graves:
 Dai-me também o metro relevante
 Daquele, (que com números suaves
 Canora suspensão dos alvedrios)
 Abala os montes, quando enfreia os Rios.

XI

E se com vossa ajuda a voz se afina,
 Alentará seu canto a veia ufana,
 Escrevendo esta festa peregrina
 Com métrica harmonia, e soberana.
 Permiti, que da pura Cabalina
 Libar possa o licor, que de si emana,
 Porque dessa maneira a veia pobre
 Para correr melhor, alentos cobre.

XII

Aqui fez ponto a pena; e perturbados,
 Sem discurso, os discursos confundidos,
 Sem conceito, os conceitos desatados,
 Sem sentido, turbados os sentidos.
 Convoco a Musa, em lágrimas banhados
 Meus olhos, receando ver perdidos
 Os créditos, que quis a pátria dar-me,
 Por merecê-los não, sim por honrar-me.

XIII

Nesta perplexidade, o pensamento
 Vacilante as idéias confundia,
 Ao duro banco atado o sofrimento,
 Pelos ares vagando a fantasia.
 Segunda vez com grave sentimento
 Implorei a dulcíssima Talia,
 E algum tanto num êxtase elevado,
 Da vara de Morfeu me vi tocado.

XIV

Cansadas as potências desta lida,
Um breve espaço de entregá-las trato,
Aquele que com gosto encurta a vida,
E é da morte cruel, vivo retrato.
A Musa de me ouvir compadecida,
(Sem que um ponto faltasse ao seu retrato)
Do sacro monte no Pégasso desce,
E amorosa entre sonhos me aparece.

XV

As transparentes luzes do Hemisfério
Ficaram só de vê-la com desdouro,
Dando nas tranças de ouro vitupério,
De Midas ao riquíssimo Tesouro.
Essa diáfano, e rutilante império
Temeu ver usurpado o Pastor louro,
Quando das espalhadas tranças belas
Outro Sol posto viu, nas ondas delas.

XVI

Depósito gentil da Primavera
O belo rosto as flores desafia,
Em seus olhos a luz, que reverbera,
Opaca a luz deixou do claro dia.
Proporcionada linha o nariz era,
Que a florida campanha dividia,
A boca era de nácar concha bela,
Em que as mais finas pérolas congela.

XVII

Tão bela, e tão airosa parecia,
Que nos seus movimentos singulares,
Esse ar, com que nos ares se movia,
Sem ar algum deixava aos mesmos arcs.
Para mais me alentar, na mão trazia,
(Que aos jasmims, e açucenas dá pesares)
Feito de ambrosia, e nectar peregrino,
Do Parnaso um sorvete cristalino.

XVIII

Vinha o tal de ouro fino em rico vaso,
E depois que o calor me refrigera,
Subindo-me ligeiro no Pégasso,
Com ela fui rompendo a vaga esfera.
Pôs-nos ambos, de um vôo, no Parnaso,
Que fragante jardim da Primavera,
Labirinto de flores nos retrata,
Mentidas serpes de escumosa prata.

XIX

Ia vagando o bruto o monte altivo,
Nevado Cisne de feroso alento,
Portátil Etna, escolho sensitivo,
Que Hipogrifo com asas, rompe o vento.
Garça com plumas pelo vôo ativo,
Que nas clinas tremula o movimento,
E aos Boreas excedendo sua fúria,
Ao mesmo pensamento dava injúria.

XX

Quando máquina excelsa se oferece
À vista lá no cume relevante,
A que marmórea base estabelece,
Deste Olimpo de jaspe puro Atlante.
Em dóricas colunas resplandece,
De cristal tanto pórfido Gigante,
Que essa Egípcia memória que hoje dura,
A Etésia desvanece arquitetura.

XXI

À Ninfa perguntei, que Babilônia
De torres, e colunas era aquela,
Que excedendo a Tinacria, e mais a Ausônia,
Fábrica se divisa augusta, e bela?
De Apolo (Pai das Musas) é Colônia,
Me respondeu a Ninfa, (clara Estrela)
Cujo labor no rasgo mais sucinto,
Inveja a Mênfis dá, pasmo a Corinto.

XXII

A uma selva chegamos donde a Musa
Me diz: Aqui podemos aprear-nos,
Para que entre os aljofres de Aretusa,
Vamos deste calor refrigerar-nos.
Um salto em terra dei; que quem recusa
O favor, que uma dama pode dar-nos,
(De amor inadvertido aventureiro)
Lá tropeça nas raias de grosseiro.

XXIII

No estribo lhe peguei, e com ligeira
Bizarria do bruto se desmonta,
Que exalação dos ares na carreira
Veloz rompendo esferas se remonta.
Tinha Flora num quadro lisonjeira
Copiado um matiz de tanta conta,
Que sentando-nos nele por fragante,
Excede as alcatifas do Levante.

XXIV

Lá desse bosque Idílico a espessura
Esta, amena floresta avantajava;
Aqui se ouvia a fonte, que murmura,
Ali a Filomena que cantava.
Estas sonoras cláusulas apura,
Aquele nos queixumes se afinava,
Sendo enfim com saudosa competência,
A queixa salva, o murmurar cadência.

XXV

Nos tapetes de Flora com desvelo
Grande cópia de Ninfas aparece,
Desatando nas ondas do cabelo
Labirintos, que amor de raios tece.
Aplicam-lhe da mão o cristal belo,
Por entre a qual o ouro resplandece,
Avivando com glória peregrina,
A neve em filigrana cristalina.

XXVI

Nesta Pancáia de âmbarcs cheirosa,
 (Estragando o vestido nacarado)
 Entre archeiros de espinhas nasce a Rosa,
 Purpúrea Imperatriz do verde prado.
 Rubi fragrante, que com gala airosa
 A Primavera prende no toucado,
 Quando do monte na cheirosa fralda,
 Se alinha em gabinetes de esmeralda.

XXVII

Da Aurora enfim nas lágrimas que enxuga,
 Esse hidrópico raio de bebê-las,
 Nectares a Ave Liba, que madruga,
 A enamorar no campo as flores belas.
 Onde com melodia a doce fuga,
 Desvela, no louvor de encarecê-las,
 Porque às mais pelo canto leve a palma,
 Ramilhete com voz clarim com alma.

XXVIII

Tranqüila azul esfera, a majestade
 Das Apolíneas luzes se divisa;
 Do sacro coro a doce suavidade
 Os pesares de Dafne soleniza.
 Apolo com luzida gravidade
 Por ruas de cristal as flores pisa,
 Que Amaltéia (suposto que eram suas)
 Ao passar lhas lançava pelas ruas.

XXIX

Frondosos rompe a cândida mosqueta
 Ao nascer batalhões de picaria,
 Afinada nos cheiros a violeta
 Ao mais refinado âmbar desafia:
 Do rouxinol harmônica trombeta
 Retumba pela verde monarquia,
 As flores dando à deleitosa terra
 Em campanhas de luz, sinais de guerra.

XXX

Com brandura mimosa aura suspira,
Naquele domicílio de Amaltéia,
E nos doces aromas, que respira,
Forma em fragrâncias a região Sabéia,
O Pactolo do prado a relva gira,
Do rico ouro mundando pela arcia
A brancos cisnes, pela voz suaves,
Cláusulas doces, influências graves.

XXXI

Corre por outra parte a Cabalina,
(Que serpe de cristal se faz perene)
Regando toda a selva peregrina,
Primeiro que a Netuno o feudo ordene.
Ali vaga a Elicona cristalina,
Emulação undosa da Hipocrene,
Pondo nas flores, quando se desata,
Correntes de cristal, grilhões de prata.

XXXII

Nesta selva, ou república de flores,
São todos os aromas excedidos;
Os Orfeus, que aqui cantam com primores,
São do volátil coro os escolhidos.
E entre cheiros, e métricos favores,
Mui absortos ficaram meus sentidos,
Não distinguindo em gostos tão suaves,
Se cantam flores, ou se cheiram aves.

XXXIII

Já no canto das aves, que contende
Co' sussurro das fontes, que perverte,
Já nas galas que a selva comprcende,
Já no verdor do prado, que se adverte:
Já na vista das flores, que suspende,
A variedade tanto me diverte,
Que ergastula os sentidos sem demora,
Êxtase grato, elevação canora.

XXXIV

O que então vendo a Ninfa a vozes clama,
 Dizendo: Não te eleves dessa sorte,
 Que ultrajado o valor sempre se infama,
 Se às delícias se entrega o varão forte.
 Se queres merecer a esquivada rama,
 Que aos filhos de Minerva, e de Mavorte,
 Costuma Apolo dar por vários climas,
 Afina o plectro nestas doces rimas.

XXXV

Admirado fiquei de que pudesse,
 (Reconhecendo Apolo o meu talento)
 Ordenar, que estas festas descrevesse
 Com tão humilde, e fraco entendimento.
 O que quase impossível me parece,
 Sem me afinar do plectro o tosco acento,
 Infundindo-lhe em cláusulas discretas,
 Sonoro estilo, à falta de Poetas.

XXXVI

Assim lhe digo absorto: Como queres,
 Formosa Ninfa tu, que eu satisfaça
 As leis de Apolo aqui sem entenderes,
 Quanto a insuficiência me embaraça?
 Carece de mais finos caracteres,
 Por ser comigo sempre a sorte escassa,
 Pois a dar-me igualmente o Céu repugna
 Dotes da natureza, e da fortuna.

XXXVII

Para a fonte me leva peregrina,
 Do Pégaso formada em penha dura,
 E ao querer gastar da água cristalina,
 Tântalo então fiquei com mais segura,
 Entendendo não era a Cabalina,
 Aquela fonte por medonha, e escura,
 Pois seguindo seu curso de outro modo,
 A derretida prata verte em lodo.

XXXVIII

Como queres que a neve derretida,
Líquida corra (diz a Musa amada)
Se os da tua Nação esclarecida
A tem já nos seus versos esgotada?
E como foi de Apolo a mais querida,
Por ser às mais em tudo avantajada,
Estátuas lhe erigiu neste Horizonte,
Que são estas que vês junto da fonte.

XXXIX

Aqui tens a do insigne, e portentoso
Príncipe dos Poetas do Universo,
A quem circula Apolo do frondoso
Ramo, para os seus gostos sempre adverso.
Aquele que ali vês é do famoso
Freire, discreto, e puro em prosa, e verso,
Tal no sério, e jocoso, que suspeito,
Nenhum conceito alcança o seu conceito.

XL

Esta a quem sua graça Apolo inspira,
De Bacelar a estátua é venerada;
Do Lobo esta outra é, que o mundo admira,
No doce estilo a frase levantada.
De Montemor é esta, cuja Lira,
Creio foi por Apolo temperada;
Aquele é do famoso Sá e Miranda,
Que nas asas da fama em giros anda.

XLI

De Manuel de Faria esta é a famosa
Estátua, que venera todo o mundo,
Tão fecundo, e elegante em sua prosa,
Como elegante em versos, e fecundo.
A que está junto dela, em bronzes goza
Eterna vida no âmbito rotundo,
Daquelle que com tão subita idéia
Deu assombros ao mundo na Ulisséia.

XLII

Esta é da Heroína, que flamante
Apolo em duros mármore conserva,
Por fermosa, e entendida a mais brilhante
Emulação de Vênus, e Minerva.
Se Violante do Céu foi já Violante,
Ser o Céu de Violante hoje se observa,
Donde logrando influxos mais divinos,
Em melhor Coro canta eternos hinos.

XLIII

De ambos sexos verás com mil primores
Aqui várias Estátuas, que puderam
De Apolo merecer estes favores,
Pelo sublimes versos que escreveram.
E em prêmio para os tais de várias flores,
As nove Irmãs grinaldas lhes teceram,
Deixando sem cristais a pura fonte,
Que as flores rega do Parnaso monte.

XLIV

Elevado me pôs esta mudança,
E logo entre mim disse: Bem parece,
Que desta causa nasce a confiança,
Com que tanto Poeta hoje floresce.
E exausta a fonte deles, a esperança
Perde um pobre novel, que não merece
A dita de poder em tanta mágoa.
Molhar sequer a boca com tal água.

XLV

Este pesar me tinha pensativo,
Quando a Musa prevendo a minha pena,
Alentando me diz: Perde o motivo
Que ao justo sentimento te condena.
Do cristal desta fonte fugitivo,
Que libes algum pouco Apolo ordena
Daquelle que depois de saciados,
Tem deixado os Poetas afamados.

XLVI

Apenas isto diz, quando benigna,
A minha amada Musa soberana,
Desmentindo os impérios de divina,
Os privilégios dispensou de humana.
Nas mãos da neve, a neve cristalina
Para dar-me a beber recolhe ufana,
E aplicando-me à boca as mãos de leve,
Se mãos bebi, não sei se bebi neve.

XLVII

Aos pés, que agravo fazem aos mais suaves
Jasmins, que ostenta a Primavera amenos,
Me pus; e ela me diz: Bem é te gabes,
Logrando meus favores não pequenos.
Não porque saibas mais, mas porque sabes
Que como o que mais sabe, sabe menos,
E só sabe, quem sabe, que a jactância
É legítima filha da ignorância.

XLVIII

Por isso a ver de Apolo este Horizonte,
Te conduzi, me diz, para que possas
Líbar, no puro argento desta fonte,
As inspiradas influências nossas.
Corre a verde floresta deste monte,
Enfim nele verás, que as nove moças,
Para encheres os versos modulantes,
A montões querem dar-te os consoantes.

XLIX

Tomei sem repugnância o seu conselho,
E o Parnaso corri, planta por planta,
E no cristal de um fugitivo espelho,
Afinei toscos passos de garganta.
Para empresa tão alta me aparelho,
E só sinto no plectro, que descanta,
Não acertar as cláusulas melhores,
Com que aos meus naturais dê mil louvores.

L

De cansado me assento na floresta
Sobre um globo de flores peregrino,
E divertindo a propensão molesta,
Em tálamo de aromas me reclino.
Morfeu a sua vara então me empresta,
E ao som de tanto aljôfar cristalino,
Com nova suspensão deste sucesso
No regaço, de Flora me adormeço.

LI

Pouco tempo dormi, que até sonhadas
Duram pouco no mundo as alegrias,
E as que mais se imaginam dilatadas,
Têm sua duração em breves dias.
Nisto considerando, perturbadas,
Vi de novo outra vez as fantasias,
Recordando com doce fingimento
Sonhadas ilusões do pensamento.

LII

Que constância no gosto permanece,
Se como sombra em tudo se retrata?
Se qual fumo no ar desaparece?
Se como espuma débil se desata?
Se flor na duração se reconhece?
Quem pode em ti fiar fortuna ingrata,
Quando a tua firmeza existe toda
Nos voláteis giros de uma roda?

LIII

Mas pode tanto a idéia imaginada
Deste sonhado bem, que foi bastante,
Para que a minha Lira temperada,
Esta empresa prossiga modulante.
Bem sei que ação parece confiada,
Que entre Cisnes, também um Corvo cante,
Com seus ecos causando assombros graves
À melodia das sonoras aves.

LIV

Este sonho (Senhor) imaginado,
Em que de Apolo fui favorecido,
Em vós se vê melhor significado,
Em tudo mais que Apolo esclarecido.
Se de vossos influxos ilustrado
Meu pobre engenho for, com mais subido
Estilo seguirei (sem dormir tanto)
A segundo o terceiro, e quarto canto.

CANTO II

I

De quanto a tocha Déléfica alumia,
Na mais fértil porção da terra humana,
Donde faz meta a Zona ardente, e fria,
Tem seu assento a Europa soberana:
A quem Tétis de prata o feudo envia,
Que no Arturo, e Ocidente a faz ufana,
E em diversas províncias a reparte
O mar mediterrâneo na Austral parte.

II

Esta é do mundo a parte, a quem da fama
Publica por melhor a tuba de ouro,
E sendo do Universo ilustre dama,
Sentiu de Helena o mísero desdouro.
Que esse, que já foi ouro, cisne, e chama,
Cego de amor roubou, mudado em touro;
Que também de amorosa potestade
Se não pode eximir qualquer Deidade.

III

Aqui pois jaz a terra Lusitana,
Que desta bela dama peregrina,
Por primeira, por nobre, e soberana,
Ser formosa cabeça se imagina.
E bem posso afirmar que quem ufana,
De abaixar a cerviz jamais se digna,
Com razão, Lusitânia, é bem mereça
Da belíssima Europa ser cabeça.

IV

Seus naturais prudentes, e famosos,
Se aos Licurgos, e Sênecas dão zelos,
Deixam também absortos e invejosos
Aos Cipiões, aos Cúrsios, e aos Metelos:

Quanto prudentes mais, mais valerosos,
 Que a prudência ao valor não dá desvelos,
 Antes, se bem se observa, é mais valente,
 Aquele que se tem por mais prudente.

V

Não somente à braveza Castelhana
 Tem servido de freio duro e forte;
 Como também à fúria Maometana,
 Com tanto valor sempre, como sorte;
 E pela Fé, que amamos soberana,
 Desprezando o temor da mesma morte,
 Por incógnitos Climas temos visto,
 Arvorar pendões de Jesus Cristo.

VI

Logra pois Lusitânia na grandeza
 A Cidade mais rara, e peregrina,
 Das que de luz abunda a tocha acesa,
 E de pérolas Tétis cristalina:
 Palestra de Mavorte na braveza,
 Escola de Minerva na doutrina,
 Motivando à memória um vil estrago
 Das leis de Atenas, e armas de Cartago.

VII

Deu Lusitânia em letras singulares
 Heróis, que a fama exalta cada dia,
 Escritores famosos a milhares,
 Juristas e Oradores à porfia;
 Entre os quais podem ter régios lugares
 Brito, Macedo, Pegas, e Faria,
 Dom Francisco Manuel, Barros, Vieira,
 O sempre invicto Conde de Eiriceira.

VIII

Que direi dos Heróis esclarecidos,
 Da fama pelo mundo decantados,
 Se em serem só seus nomes repetidos,
 Carecem de volumes dilatados?

E se por seu valor são conhecidos,
E por suas Vitórias celebrados,
Em lâminas de bronze estas memórias
Perpétuas eternizem suas glórias.

IX

A quem não causa assombro o valor forte
Dos Lusos venerado em toda a parte?
Que soldado da mais iníqua sorte
Não deu pasmos na guerra ao feroz Marte?
Não falo nos Heróis de maior porte,
Que a louvá-los me falta engenho, e arte,
E a qualquer pelo muito, que merece,
Grinaldas de ouro Apolo lhe oferece.

X

Publique esta verdade o venerável
Josué Português famoso Paio,
O santo, e valeroso Condestável,
Glória do Luso, do Espanhol desmaio:
O nosso Cid, naquela memorável
Batalha, em que de Marte um vivo ensaio,
Contra o Cid Castelhana, com desprezo,
Foi dele a seu pesar o seu Rei preso.

XI

Decepadas tem Dafne suas ramas
Em laurear aos nossos tantas vezes,
Digam-no donde Febo aviva as chamas,
Os Noronhas, Pachecos, e Meneses:
Ataídes, Almeidas, Sousas, Gamas,
Albuquerque, com outros Portugueses,
Que imitando o valor do ilustre Castro,
Estátuas mereciam de alabastro.

XII

Do Africano as vitórias celebradas,
Do Macedônio as glórias aplaudidas,
Do Romano as fortunas decantadas,
As batalhas do Grego esclarecidas,

Sendo com as dos Lusos comparadas,
Serão no Lete escuro submergidas,
Porque com caracteres do Pantolo,
A fama as lavra, as eterniza Apolo.

XIII

Por isso ao pensamento já não trago
Aquela sanguinosa, e viva guerra,
Que entre Roma invencível, e Cartago,
Terror a Marte deu, pasmos à terra:
Nem de Canas o lastimoso estrago,
Em que de anéis (se a conta se não erra)
Três alqueires se encheram, dos que a sorte
Acharam mais cruel, na iníqua morte.

XIV

Porque quanto se viu na antiga idade,
E ainda o que se tem por fabuloso,
Julgando-se impossível da verdade,
Verdade o fez o Luso valeroso,
Impossíveis vencendo, a eternidade
Seu nome posteriza generoso,
E de Grande o cognome só pertence,
Ao que impossíveis grandes busca, e vence.

XV

Nesta pois nobilíssima Cidade,
Empório do Universo sem segundo,
Reside a soberana Majestade,
Do Monarca maior de todo o mundo.
Grande pela suprema potestade,
Com que o venera o âmbito rotundo,
E Grande por lograr sem intervalos,
Tal Reino, tal valor, e tais vassallos.

XVI

Tal Reino, por ser este o pré-elegido
Na promessa de Afonso Rei primeiro;
Tal valor por herdado, se adquirido
Pelo esforço de um Rei Jovem guerreiro.

Tais vassallos enfim, por haver sido
Qualquer deles um Marte verdadeiro,
Seus nomes assombrando, só de ouvi-los,
Aos Numas, aos Pompeios, e aos Camilos.

XVII

Um destes entre todos mais famoso
Herói, que a fama louva em qualquer parte,
A quem por entendido, e valeroso,
Ventagens reconhece Apolo, e Marte,
O nosso ínclito Pedro é gencroso,
Com quem Espanha, e Portugal reparte,
O sangue, que por Régio, e soberano,
Forma de fidalguia um Oceano.

XVIII

Descendente digníssimo, e glorioso,
(Para timbre maior da pátria honrada)
Do Conde de Gijon tronco famoso,
Desta illustre família autorizada.
Unindo-se no vínculo de esposo,
Com Afonso Isabel, consorte amada,
Sendo de Portugal Infanta bela,
E o Conde digno Infante de Castela.

XIX

Deste tronco Real, illustre rama
De Vila Verde o excelso Conde nasce,
Cujos nome glorioso leva a fama,
Donde a Fênix do Céu morre, e renasce.
E do firme laurel, que já foi dama,
Bem que por ser tão firme se mudasse,
Apolo conhecendo que mercede,
O seu próprio diadema lhe oferece.

XX

De Arronches o Marquês varão preclaro,
Do Cetro Luso digno descendente,
Se Aníbal Português no valor raro,
Católico Catão em ser prudente,

É neto o Conde mais que Febo claro,
Porque em todas as veias igualmente,
Um sangue corra, e pouco à sorte deve,
Que tenha tal avô, quem tal pai teve.

XXI

Da consorte feliz, que em fermosura,
E rara discrição deixa vencida,
A que Horóscopos teve em Tétis pura,
E a que foi da cabeça produzida.
Um filho o Conde tem, no qual se apura
O divino pincel, e mais que a vida,
Deseja este menino de alabastro,
A terra para flor, o Céu para astro.

XXII

A este infante nascido, digno infante,
Da vossa casa herdeiro, e descendente,
O famoso Araújo como amante,
Este obséquio tributa reverente,
Excedendo seu ânimo Gigante,
Ao que por dar, a Dama dar não sente,
Competindo igualmente nesta empresa,
A magnanimidade (sic) com a grandeza.

XXIII

Com razão pois a fama se dilata
Em publicar seus méritos benigna,
Nas ações do valor com que o retrata,
Na prudência, e nobreza peregrina.
Não se mostrou com ele a sorte ingrata,
Pois ser para mais glória se imagina,
Sobre nobre, prudente, e valeroso,
Afável, entendido, e generoso.

XXIV

O robusto Espanhol, o Franco ingrato
Lhe não podem negar, que na Campanha,
Se houve já contra Roma um Viriato,
Houve outro agora contra França, e Espanha.

Mostrando-se no bélico aparato,
Lhe prestara Lachesis a gadanha,
E com mais sorte que ele na peleja,
A fortuna venceu, triunfou da inveja.

XXV

Por sua direção se achou disposto
O plausível, e célebre festejo,
Que deixando completo a todo gosto,
Só ficou diminuto o seu desejo.
E para ressarcir este desgosto,
Quisera dispendir sem nenhum pejo
Os tesouros de Cresso singulares,
Com que a festa excedesse às seculares.

XXVI

Isto é quanto ao desejo agigantado
De um coração heróico produzido;
Porém quanto ao festejo celebrado,
Não sei que outro se faça mais luzido.
Exceto o que no Olimpo sublimado
Tem o Tonante Jove prevenido
Ao mesmo assunto enfim, porque se veja
Que a um tempo mesmo a terra, e o Céu festeja.

XXVII

Ocupado se achava o pensamento
Nos primeiros progressos desta história,
Afinando do plectro o tosco acento,
Apurando as idéias da memória,
Quando vagando os páramos do vento,
Uma nuvem gentil da Etérea glória
Vi (que abrotando luzes sem desmaios)
Opacos deixa os Apolíneos raios.

XXVIII

De resplendor abunda cristalino,
Do meu pobre aposento a breve esfera,
E em pélagos de luzes tão divino,
Um Céu a humilde choça se venera.

Um Jovem sai da nuvem peregrino,
 A quem hora vestiu da primavera,
 Pois deixando os flamígeros ardores,
 Matizadas as galas traz de flores.

XXIX

Quem és ó Paraninfo soberano,
 (Lhe digo absorto desta novidade)
 Que quando te vencro por humano,
 Então te reconheço por Deidade?
 O Deus Cileno sou (responde ufano)
 Que logro a soberana dignidade
 De Embaixador supremo do Tonante,
 Que em monte converteu ao velho Atlante.

XXX

Vendo Jove, que a terra em festa ardia
 No feliz nascimento deste Infante,
 As mais Deidades convocar me envia,
 Para o supremo alcaçar de diamante:
 Com júbilos querendo de alegria
 Solenizar no Olimpo relevante,
 Com as Deidades do sacro firmamento,
 Deste supremo Infante o nascimento.

XXXI

E como o sábio Apolo lhe contasse,
 Que escrevendo da terra a festa grave,
 Ao Parnaso Talia te levasse,
 Para influir-te um método suave:
 Ordenou-me, que logo te buscasse,
 E te pedisse, se é que pedir sabe,
 O que pode mandar, pois se concede,
 Melhor, que a quem bem manda, a quem bem pede.

XXXII

Que ao monte Olimpo subas Jove ordena,
 E sendo testemunha lá de vista,
 Serás com doce voz, e sutil pena
 Dos júbilos celestes Coronista.

Se o temor da subida te condena,
 Nesta nuvem, que a ctérea luz conquista,
 Subirás mais seguro ao sacro monte,
 Que no carro do Sol desceu Faetonte.

XXXIII

Impossível será que te obedeça,
 Lhe disse, quando vês, que entre mãos tenho
 A obra, que inda agora se começa,
 Para poder meter-me em novo empenho.
 Não faltará Mercúrio quem mereça
 Este favor com mais subido engenho,
 Que o meu cansado se acha neste passo
 Da primeira jornada do Parnasso.

XXXIV

Essa frívola escusa não te isenta
 De obedecer a Jove sempiterno,
 Que subindo-te ao sacro monte intenta
 Fazer (Mercúrio diz) teu nome eterno.
 Qualquer Varão, bem sabes, não se aumenta
 Nos regalos do seu ninho paterno,
 E só quem corre o mundo, acha a bonança,
 Que na pátria ninguém a sorte alcança.

XXXV

De luz rompendo o vasto Promontório
 Iremos nesta nuvem de candores,
 Ver os Deuses do sacro consistório,
 Vestidos de Apolíneos resplandores.
 Remonta-te ao divino, e sacro Empório,
 Não enjeites do Céu estes favores,
 Antes sem repugnar logo os aceita,
 Que favores do Céu ninguém rejeita.

XXXVI

Apenas isto diz, da mão me toma,
 E subindo-me à nuvem como um vento,
 Pela campanha diáfana se assoma,
 Com rápido, e furioso movimento,

Um Jovem sai da nuvem peregrino,
 A quem hora vestiu da primavera,
 Pois deixando os flamígeros ardores,
 Matizadas as galas traz de flores.

XXIX

Quem és ó Paraninfo soberano,
 (Lhe digo absorto desta novidade)
 Que quando te venero por humano,
 Então te reconheço por Deidade?
 O Deus Cileo sou (responde ufano)
 Que logro a soberana dignidade
 De Embaixador supremo do Tonante,
 Que em monte converteu ao velho Atlante.

XXX

Vendo Jove, que a terra em festa ardia
 No feliz nascimento deste Infante,
 Às mais Deidades convocar me envia,
 Para o supremo alcaçar de diamante:
 Com júbilos querendo de alegria
 Solenizar no Olimpo relevante,
 Com as Deidades do sacro firmamento,
 Deste supremo Infante o nascimento.

XXXI

E como o sábio Apolo lhe contasse,
 Que crescendo da terra a festa grave,
 Ao Parnaso Talia te levasse,
 Para influir-te um método suave:
 Ordenou-me, que logo te buscasse,
 E te pedisse, se é que pedir sabe,
 O que pode mandar, pois se concede,
 Melhor, que a quem bem manda, a quem bem pede.

XXXII

Que ao monte Olimpo subas Jove ordena,
 E sendo testemunha lá de vista,
 Serás com doce voz, e sutil pena
 Dos júbilos celestes Coronista.

Se o temor da subida te condena,
 Nesta nuvem, que a etérea luz conquista,
 Subirás mais seguro ao sacro monte,
 Que no carro do Sol desceu Faetonte.

XXXIII

Impossível será que te obedeça,
 Lhe disse, quando vês, que entre mãos tenho
 A obra, que inda agora se começa,
 Para poder meter-me em novo empenho.
 Não faltará Mercúrio quem mereça
 Este favor com mais subido engenho,
 Que o meu cansado se acha neste passo
 Da primeira jornada do Parnasso.

XXXIV

Essa frívola escusa não te isenta
 De obedecer a Jove sempiterno,
 Que subindo-te ao sacro monte intenta
 Fazer (Mercúrio diz) teu nome eterno.
 Qualquer Varão, bem sabes, não se aumenta
 Nos regalos do seu ninho paterno,
 E só quem corre o mundo, acha a bonança,
 Que na pátria ninguém a sorte alcança.

XXXV

De luz rompendo o vasto Promontório
 Iremos nesta nuvem de candores,
 Ver os Deuses do sacro consistório,
 Vestidos de Apolíneos resplandores.
 Remonta-te ao divino, e sacro Empório,
 Não enjeites do Céu estes favores,
 Antes sem repugnar logo os aceita,
 Que favores do Céu ninguém rejeita.

XXXVI

Apenas isto diz, da mão me toma,
 E subindo-me à nuvem como um vento,
 Pela campanha diáfana se assoma,
 Com rápido, e furioso movimento,

As aves na carreira o curso doma,
Excedendo no vôo ao pensamento,
Num abrir, e fechar de mão somente,
Nos pusemos no Olimpo onipotente.

XXXVII

Se do Parnaso monte me admirava
A suma perfeição, que nele havia,
A grandeza do Olimpo que observava,
Do discurso as idéias confundia.
Tudo era admiração quanto notava,
Tudo era pasmo quanto ali se via,
E em tanta admiração, em pasmo tanto,
A admiração foi pasmo, o pasmo encanto.

XXXVIII

No cume do alto monte bem formado
De diáfana matéria cristalina,
Se elevava o Palácio sublimado,
Habitação de Júpiter divina.
E quando no Zênite mais abrasado,
A luz reverberando peregrina,
Mostrava sendo um sol nestes ensaios,
Vários sóis, nos reflexos dos seus raios.

XXXIX

Assim como o cristal resplandecente
Do vivífico raio rutilante,
O resplendor retrata transparente,
Se ferido se vê da luz flamante:
Tais as paredes são do Olimpo ardente,
Em cujos capitéis Febo brilhante,
Retratando seus nítidos ardores,
A luz se multiplica em resplendores.

XL

A fábrica suprema que admirava,
De celeste edifício cristalino
Em dóricas colunas se elevava,
Mais finas, que de Pário o marmol fino.

Cujo valor, e traça aventejava
Ao prodígio de Egito peregrino,
Não podendo o lavor ser mais idôneo,
A se Fídias o mestre, o Tisifônio.

XLI

E se na duração ao tempo humilha
No valor, e grandeza, que contemplo,
De Diana assombrando a maravilha,
Excedido do Sábio deixa o templo.
Os reflexos das luzes com que brilha
As Délicas podiam dar exemplo,
E creio se lá fora o louco indigno,
Não obrará em Efésio o desatino.

XLII

Aproximei-me ao pórtico divino,
Que de Jaspe seis Faunos se mostravam,
Atlantes de alabastro cristalino,
Pelo peso, que aos ombros sustentavam.
Sobre eles divisei de cristal fino,
Seis sereias, que a obra rematavam,
E delas se formava a arquitetura
Do pórtico com grande fermosura.

XLIII

Vendo Mercúrio a confusão que sinto,
E que acertar a entrada desconfo
Daquele soberano labirinto,
Qual Teseu me vali da mão por fio.
Perde o temor, que tens grande, ou sucinto,
(Me diz) porque quem teme; não tem brio,
E o varão do que vir, que causa espanto,
Não se deve admirar, nem temer tanto.

XLIV

Advertindo a razão, sem repugnância,
Seu conselho tomei, que dos mais velhos
É mui crassa, e certíssima ignorância,
Não saber abraçar os bons conselhos.

Com ele a escada subo, e com jactância,
 Posso afirmar pisava por espelhos,
 Mudando com temor os lentos passos,
 Reccando fazê-los em pedaços.

XLV

Antes que à fala chegue peregrina
 De Júpter, passei por muitas delas,
 Que as paredes de prata cristalina
 Tão luzentes faziam, como belas.
 Eram de Tíria tela, e da mais fina,
 As cortinas das portas, e janelas,
 Formando-se de fios transparentes
 Do cândido metal franjões luzentes.

XLVI

Na quarta fala entrei, toda adornada,
 De luzes, que assombrava a luz do dia,
 E de tais resplandores ilustrada,
 Mais quarto Céu, que fala parecia.
 Um trono se elevava, em que adorada
 A Deidade de Júpter se via,
 O qual cuida esgotou (por ter mais medras)
 Da Aurora o pranto, do Oriente as pedras.

XLVII

As paredes da fala, e o pavimento
 Adornava o Senhor da quarta esfera,
 No sólio dispndia o puro argento,
 Essa a que Endimião tanto venera.
 De brocado azul era o paramento,
 Com franjões do metal que o mundo altera,
 E no sólio, e paredes se retrata
 Ofir no ouro, o potossi na prata.

XLVIII

Neste alcaçar, e trono peregrino,
 Herebo aprisionava as luzes belas,
 E as pedras engastadas no ouro fino,
 Ficava o dia escuro à vista delas.

Não podendo ostentar-se cristalino,
 O domínio noturno das estrelas,
 Jamais a noite aqui se conhecia,
 Pois todo o seu império usurpa o dia.

XLIX

Para os Deuses no trono de diamante,
 Riquíssimos acentos se formaram,
 E todos igualando ao do Tonante,
 Com grave majestade os ocuparam.
 A Jove se seguia o Deus flamante,
 Marte, e Vulcano juntos se sentaram,
 Causando a admiração novos assuntos,
 Puderam dois zelosos estar juntos.

L

Em seu assento fúnebre, e noturno,
 Que a cor da escura sombra representa,
 Se sentou o malévolo Saturno,
 Que influindo só males se contenta.
 O Deus Baco seguindo o mesmo turno,
 (Sabe Deus de que sorte ali se assenta,)
 Que o vício a que foi sempre afeiçoado,
 Raras vezes o deixa estar sentado.

LI

Em custosos assentos da outra parte
 Se põem as Deusas do alto firmamento,
 Aquela que a prisão causou de Marte,
 E a que fez a Acteam de Caens sustento.
 A Deusa dos pavões, e a que com arte
 Atalhou de Medusa o louco intento,
 E num estrado de alcatifas belas
 Cantando estão as nove Irmãs donzelas.

LII

Mais sonoras, que as mais canoras aves,
 Suspendiam seus cantos as potências,
 Ajudando-lhe Apolo as vozes graves
 Com divinas, e métricas cadências.

Em lugar das pastilhas mais suaves,
Ardiam no perfume em competências,
De Calambuco as excelentes gomas,
De Pancaia os suavíssimos aromas.

LIII

Disposta a Corte estava desta sorte
De Jove soberano, quando nela
Feito Mercúrio meu divino norte,
O fui então seguindo como estrela.
Ao entrar cortejei a sacra Corte,
E entre as quais vendo a minha Musa bela
Me alentei, porque todo o mal recreia,
Ver algum conhecido em pátria alheia.

LIV

Que tome assento Júpiter ordena,
Depondo a Majestade soberana,
Que nas honras não fica mais pequena,
Antes se exalta mais, se mais se humana.
Mas eu buscando a Musa que me acena,
Sentando-me a seus pés, a deixo ufana,
Que terem-no por louco aos mais provoca,
O que toma o lugar que lhe não toca,

LV

Mercúrio te diria o que me move
A conduzir-te ao soberano monte,
Me diz (com rosto ledó) o sacro Jove,
(O que Baco escutou rugando a fronte)
Se por favor de Apolo, e as Musas nove,
Gostaste do cristal da pura fonte,
A meu rogo outro método te inspira,
Com que possas tocar de novo a lira.

LVI

As cláusulas apura, por que seja
Mais plausível o modo no teu canto,
Com que o felice horóscopo festeja,
Deste Infante supremo o Olimpo santo.

E para que o Céu saiba, o mundo veja,
 Que é tanto o meu empenho, e gosto tanto,
 Co as mais Deidades quero em competências,
 Inspirar-lhe benignas influências.

LVII

Isto dizendo, logo o Deus Tonante
 Uma graça benévola lhe inspira,
 Apolo o entendimento relevante,
 Marte para as campanhas feroz ira:
 A gentileza, Vênus para amante,
 Só Baco do conclave se retira,
 Mostrando como nesta, nas mais vezes,
 A ojeriza, que tem aos Portugueses.

LVIII

Saturno melancólico, e pesado,
 (Sem usar da maligna qualidade)
 Por não faltar a Júpiter sagrado,
 Ao Infante predisse a sua idade.
 Os mais Numes do Olimpo sublimado,
 Humanando a suprema Majestade,
 Com auspício feliz, por vários modos,
 Seus atributos lhe inspiraram todos.

LIX

Passada esta função de luzes belas,
 Em vez de luminárias excelentes,
 Mais que nunca brilhantes as estrelas,
 Se ostentaram no Céu resplandcentes.
 Apolo (sem usar de mais cautelas)
 Do Zodíaco os Signos transparentes
 Tocou, porque esta festa notifique
 Aos Orbes logo com geral repique.

LX

Nesta noite, que o dia mais ufano
 De luz aventejava, ordenou logo
 Ao coxo adulterado Deus Vulcano,
 Por sua direção corresse o fogo:

Na forja em que forjou de Marte o engano,
 (Sem ter necessidade de mais rogo)
 Tanto fogo forjou, e com tal arte,
 Que outro enredo temeu Vênus, e Marte.

LXI

Açafrá (sic) de Sicília endurecida,
 (Adonde disfarçando a qualidade,
 Trabalhou por ferreiro toda a vida)
 De fogo nunca viu tal quantidade.
 Com os ecos a esfera confundida,
 Ardendo o Olimpo em tanta claridade,
 A semelhança dos incêndios toma,
 Que o Grego fez em Tróia, Nero em Roma.

LXII

Tanto era o fogo, ali, tanta a fumaça,
 Que sem ser hiperbólica a quimera,
 Entendi que buscara Apolo traça
 De mudar para o Olimpo a quarta esfera.
 Com as chamas a vista se embaraça,
 O coração co estrépito se altera,
 Abortando em flamígeros ensaios,
 Relâmpagos, trovões, Cometas, raios.

LXIII

Aqui vi propriamente figurada
 A batalha dos Titanos renhida,
 Quando vibrando raios por espada,
 Sua tenção puniu Jove atrevida.
 A pólvora nas canas calculada,
 No ar em vários giros dividida,
 De Liparis a forja assemelhava,
 Em que os raios Esterope forjava.

LXIV

Nas invenções do fogo, estas, e aquelas,
 Parece se esgotava a humana traça,
 E que só ser pudera inventor delas,
 O que a Marte nas redes embaraça,

As rodas, os montantes, as panelas,
Esgrimindo, e rodando com mais graça
(Como o de Creta em termo mais sucinto)
De chamas se formava um labirinto.

LXV

Dessa Olímpica praça em cada canto
Uma torre de fogo se elevava,
Da idéia admiração, da vista encanto,
Que a de Nembroth sem dúvida igualava:
Estas ao Céu subiam com espanto,
Quando aquela as esferas escalava,
Mas todas padeceram mortais minguas
Nas multiplicações de tantas línguas.

LXVI

De chamas um Tiseu, qual outro Atlante,
Ameaçava dos Orbes o destroço,
Sendo em sua grandeza semelhante
De Rodes ao grandíssimo Colosso.
Mas quando vi, que ardia este Gigante,
A Polifemo compará-lo posso,
Pois amorosamente se recreia,
Quando se abrasa mais por Galatéia.

LXVII

Sobre um monte da praça no Horizonte
Fero o Gigante estava, se arrogante,
Qual no abrasado carro outro Faetonte,
No monte se abrasava este Gigante.
Por Mongibelo tive aquele monte,
A não ser o Vesúvio por flamante,
Pois sufocado em fumo, ardendo em ira,
Assombros lança, exalações respira.

LXVIII

Deste monte flamífero nasciam
Pela fralda seis árvores copadas,
Que entendo pelo muito que cresciam,
Do escuro Flagetonte eram regadas.

Chamas em vez de frutas produziam,
 Que deste Hércules ígneo eram guardadas,
 À imitação daquele, que absolutos
 Fez livre do Dragão, aos áureos frutos.

LXIX

Depois do fogo, o dia precedente,
 Apolo a tourear saiu flamante,
 Servindo-lhe o Tonante de Tenente,
 E de seu Capitão Marte arrogante.
 De palanque as Deidades eminente
 Os touros virão, e em lugar brilhante
 As Ninfas do alto Olimpo nas janelas,
 Tão belas, e gentis como as estrelas.

LXX

Ao som de militares instrumentos,
 Que ao belígero Marte acompanharam,
 Se escutavam suavíssimos acentos,
 Que no gosto os sentidos elevavam.
 Com graves, e corteses cumprimentos,
 O circular contorno cortejaram;
 Porque melhor se ostenta a gravidade,
 Se acompanhada vai da urbanidade.

LXXI

Sobre Ipiroes montado Apolo vinha,
 Um dos quatro cavalos da carroça,
 Os três à destra vêm como convinha,
 Sem que o vento igualar a nenhum possa.
 A gala que vestido Apolo tinha,
 Das estrelas as luzes desapossa,
 E jamais em meus dias ver intento
 Cavaleiro de tanto luzimento.

LXXII

A provocar ao touro partiu logo,
 Porque a sorte fazer-lhe pertendia,
 E posto que incitado foi com fogo,
 A nada disto o bruto se movia.

Tanto as chamas despreza, como o rogo,
 Por mais que Apolo ao corro o desafia,
 Não temendo o rigor do ferro indigno,
 Como quem dentro estava de algum signo.

LXXIII

O animal das esferas truculento,
 Ardendo em chamas, abrasado em ira,
 As pontas esgrimindo contra o vento,
 A seu signo bramindo se retira.
 Em cada raio um garrochão violento
 (Por fazer-lhe uma sorte) Apolo tira,
 Sem que o signo o defenda, e mais o abrasa;
 Que em todos entra como em própria casa.

LXXIV

Mas como Jove (quando enamorado)
 Tinha algum bem do Touro recebido,
 Fez que Apolo o deixasse; que um honrado
 Nunca deixa de ser agradecido.
 Senão é que obrou isto por lembrado,
 De que pudera haver-lhe sucedido,
 Com Apolo por erro este desdouro,
 Quando ladrão se fez, mentido touro.

LXXV

Da florida estação de Abril, e Maio
 Trinta dias durou a táurea festa,
 Sem que oprimir pudesse o ardente raio,
 Do cornífero bruto a dura testa.
 Mas das sortes sentindo algum desmaio,
 Por Júpiter pedi-lo o não molesta;
 Antes se quis passar sem mais quimeras,
 A ilustrar outro Signo das esferas.

LXXVI

Dos dois Irmãos, que foram convertidos
 no Céu por Jove em luminárias belas,
 Entrou pelos alcaçares luzidos,
 A fazê-los dar luzes sentinelas.

Em que Horóscopos tendo repetidos,
 Deste fraterno laço das estrelas,
 Para a meta do Pólo em que se abrasa,
 Pela eclíptica vai de casa em casa.

LXXVII

Logo Jove por mais solenidade
 Os Olímpicos jogos celebrados
 Mandou formar com tanta majestade,
 Que aventajaram todos os passados.
 Se aqueles admirava a antiguidade,
 Estes deixaram aos Orbes admirados,
 E que foram direi (sem muitos rogos)
 Esses jogos ensaio destes jogos.

LXXVIII

Se por extenso repetir escuso
 Destes jogos a verdadeira história,
 É por não ser molesto em ser difuso,
 Que às vezes na extensão se perde a glória.
 Qualquer que queira ver o que recuso
 Escrever com verdade mais notória,
 A forma destes jogos nos Autores
 Verá, tendo estes sempre por melhores.

LXXIX

Oito giros na eclíptica dourada,
 De Delos fez o Príncipe famoso,
 E a Deusa por três rostros celebrada,
 Ilustrou com seu raio luminoso.
 Enquanto nessa Olímpica morada
 Dos Deuses com aplauso generoso
 Foram os Gladiadores assistidos,
 Já sendo vencedores, já vencidos.

LXXX

Depois dos jogos, lá na etérea sala,
 Ao som de soberanos instrumentos,
 Um sarau se formou com tanta gala,
 Que suspensos deixava aos pensamentos.

O segundo sentido se regala
 Nos doces, e suavíssimos acentos,
 Tudo era enfim com grave pressuposto,
 Pasma da vista, elevação do gosto.

LXXXI

Em paralelo igual, Galã com Dama,
 Cada qual para a dança se convida,
 Juno a Jove acompanha, a quem inda ama,
 Das suas travessuras esquecida.
 Bem desejava Apolo a dura rama
 Vê-la outra vez em Dafne convertida,
 Sendo que mal servira para a dança
 Quem nunca fazer soube uma mudança.

LXXXII

Mas por se esquecer dela, a campo tira
 A Calíope bela o Deus flamante,
 Que de um desprezo às vezes vence a ira,
 Naquele que se julga mais amante.
 Vulcano como coxo se retira,
 E a Marte o seu lugar deixa ignorante,
 Esquecido dos zelos, que padece,
 Se é, que quem ama, tal agravo esquece.

LXXXIII

Entrou pois no sarau o Deus da guerra,
 Acompanhando a Deusa dos amores,
 Mas se dos corações a paz desterra,
 Quem poderá causar guerras maiores?
 Não sai muito gostosa, porque encerra
 A lembrança no peito, dos rigores
 De Marte, na ocasião, que de picada,
 Fez a Rosa de branca nacarada.

LXXXIV

Igual na castidade com a beleza
 Sai ao baile a castíssima Diana,
 Sem melindres de honesta, que à pureza
 Um justo passatempo não profana.

Endimião a acompanha nesta empresa,
 Como em todas, por mais que o desengana;
 Porém que há de fazer um pobre amante,
 Que os créditos apura de constante?

LXXXV

As mais Deidades do alto firmamento,
 Imitando, as que tenho retratado,
 Com galas de notável luzimento,
 Princípio ao sarau deram sublimado.
 Ouvia-se do Coro o doce acento,
 Por suavíssimas vozes concertado,
 Que seguindo de Apolo a doce lira,
 Se suspende Anfião, Orfeu se admira.

LXXXVI

As airosas mudanças, que faziam,
 Os aromas divinos, que exalavam,
 As riquíssimas galas, que vestiam,
 As suavíssimas vozes, que cantavam,
 Tanto o gosto as potências suspendiam,
 Como a glória os sentidos elevavam,
 E em suspensão de gostos tão notória
 Tudo era gosto ali, tudo era glória.

LXXXVII

Como de todo fosse celebrada
 Do sacro Olimpo a festa mais luzida,
 Para a melhor merenda a sublimada
 Corte celeste Júpiter convida:
 Ganimedes a copa preparada
 Tinha já como a mesa prevenida,
 Excedendo na copa, e rica mesa
 Do pródigo Eliogabalo a grandeza.

LXXXVIII

Para os vasos da mesa em tudo rara,
 Na prodigalidade Ofir se apura,
 Pois eram todos do metal, que avara
 Aos mais dignos negou sempre a ventura.

Se a candidez das roupas se compara,
 A neve, a neve excede na brancura,
 Sendo com velas, negro desalinho,
 O cândido Nebli, o branco Arminho.

LXXXIX

Postos os Numes, pois, na Etérea mesa,
 Cheios os pratos vêm de Ambrosia rica,
 Que qual outro maná, por mais grandeza,
 Do paladar o gosto reduplica:
 Cujo manjar excede na riqueza,
 E no doce sabor a que se aplica,
 O que misto com lágrimas da Aurora,
 De Egito fez a célebre senhora.

XC

Um copo na mão toma o soberano
 Jove, cheio de néctar peregrino,
 E por mostrar de amante o desengano,
 À saúde brindou deste Menino.
 Com gosto a razão fez qualquer ufano
 Numen, quebrando o copo cristalino;
 Só Baco se calou sem dar resposta,
 Porque do puro néctar jamais gosta.

XCI

Acabada a merenda, e enriquecidos
 De Júpiter com prêmios sublimados,
 Foram do Olimpo os Deuses divididos,
 Para os seus domicílios consagrados,
 Dos regalos da mesa confundidos,
 Da grandeza das festas admirados,
 Muito tempo só nisto vão tratando,
 O costume do século imitando.

XCII

Despedidos enfim, Jove risonho
 Me diz: Pois tens sabido o meu empenho,
 As cláusulas apura, em que suponho
 Achar para o meu gosto o desempenho.

Como ele me mandasse, me disponho
As festas referir, que visto tenho,
Que foram da maneira que as repito
Sem mais tirar nem pôr, como está escrito.

XCIII

E como era já tempo de partir-me,
Para dar complemento ao começado,
De Júpiter quis logo despedir-me,
Tratando-me até aqui com doce agrado.
Manda outra vez Mercúrio a conduzir-me
Nesse vapor da terra levantado,
Que reduzido a nuvem sem desmaios,
Relâmpagos aborta, expele raios.

XCIV

Do Sol vagando o diáfano Horizonte,
Desci dos Céus à terra brevemente,
Com mais dita porém do que Faetonte,
Porque sempre quem desce, a queda sente.
Antes cuide qualquer, que se remonte
No precipício de Ícaro imprudente,
E em quantos se terão arrependido,
Se caídos se vêem, de haver subido.

XCV

Este exemplo, que dou, tomar pudera,
Para que desta empresa desistira,
Porém, por vós, senhor, inda fizera,
Muito mais, se a fortuna o permitira.
A concha de Netuno desfizera
Apagara de Febo a ardente pira,
E qual Orfeu ao reino do tormento
Descera, com mais justo fundamento.

XCVI

Como a sorte impossíveis não concede,
É justo que, ao que posso, me acomode,
Pois no pouco que faz, ao muito excede,
O que chega a fazer tudo o que pode.

E se a vossa grandeza o afeto mede,
O coração intrépido sacode
Todo o Icário temor, e sem desmaios,
Clíce amante serei, de vossos raios.

XCVII

Fundada a minha glória na esperança
De ser esta que sigo empresa vossa,
Nas asas voará da confiança,
A quanto ilustra a diáfana carroça.
E já que tanta dita a Musa alcança,
Permiti, grã Senhor, descansar possa
Da jornada que fiz ao Olimpo, em tanto
Que prossigo o terceiro, e o quarto Canto.

CANTO III

I

Amada Musa minha, novo alento
À rouca voz, ao tosco acento inspira,
Porque já vacilante o entendimento
Contra as pobres idéias se conspira.
As cordas do meu rústico instrumento
Mui dissonantes vão da sacra lira,
Ó se Apolo as pusera consonantes,
Que bem formara os métricos descantes!

II

E como já me sinto descansado
Das jornadas que fiz com tanto excesso,
Sendo de teus influxos inspirado,
Pintarei destas festas o progresso;
Posto que o entendimento limitado
Quadro para tal cópia reconheço,
Aos pincéis suprirá (por ignorantes)
Aquela antiga indústria de Timantes.

III

Qual volante Delfim, Águia nadande,
Que compelida de refegas sumas,
Sendo ao seu modo, para o curso errante,
As velas asas, as bandeiras plumas.
Do porto do universo mais possante
Parte rompendo páramos de escumas,
E conseguindo o fim do seu desterro
O pano amaina, lança o curvo ferro.

IV

Chega à famosa Corte Americana,
Que o Brasílico Empório representa;
Pois sendo na grandeza a mais ufana,
No comércio se faz mais opulenta,

E para ser em tudo soberana,
A balança de Astréia a mão sustenta
Do ínclito Vice-Rei, Marquês de Angeja,
Glória de Portugal, da fama inveja.

V

A Fragata no Porto sossegada
Das borrascas do gosto cristalino,
Foi em Palácio a nova divulgada
Do feliz nascimento do Menino.
A nau Argos de Colcos celebrada,
Por merecer levar o velocino,
Não ficou mais ufana, nem mais rica,
Que esta em trazer a nova, que publica.

VI

Com júbilos festivos recebida
Foi do ilustre Marquês, por ver segura
A sucessão da Casa esclarecida,
Em que Europa seus créditos apura:
Com toda reverência a Deus devida,
Por favor lhe agradece esta ventura;
Que o Católico nome só merece,
Quem a Deus os favores agradece.

VII

Em número sem número a Nobreza
Concorre ao parabém deste Menino,
A plebe por humilde não despreza,
Com todos ostentando-se benigno.
Pelas demonstrações cada qual preza
Mostrar-se neste obséquio peregrino;
Que do Príncipe os gostos temos visto
Aplaudir o povo, só quando é benquisto.

VIII

Logo o Mestre de Campo desvelado,
De um natural afeto comovido,
O festejo ordenou mais celebrado,
De quantos visto tem Febo luzido:

Deixando assim seu nome eternizado,
Como ao Marquês ilustre agradecido;
Que inda que tudo um Príncipe merece,
Qualquer obséquio lícito agradece.

IX

Tinha os celestes Signos visitado
Apolo mil e setecentas vezes,
E com mais desesseis, pois completado
O ano estava já nos doze meses:
Quando nos dezessete havia entrado,
Dando a eclíptica em giro dez revezes,
Depois que o sumo Autor da Natureza
A maior ostentou de amor fineza.

X

Sendo por esta conta o feliz dia
Daquele na virtude insigne Atlante,
Que foi na Lusitana Monarquia
Glória de Portugal, Sol de Amarante.
Tempo em que Capricórnio em fogo ardia,
Chamuscando-lhe o pelo o sol flamante
Pois dispensando as luzes sem desmaios,
Ostenta mais vivíficos os raios.

XI

Com mistério este dia celebrado,
Que a Gonçalo dão glória seus portentos,
Foi o mastro na praça levantado
Ao som de belicosos instrumentos:
E posto no lugar mais sublimado,
Tremulava a bandeira pelos ventos,
Divisando-se aquelas Armas nela,
Que ao Vi-rei Portugal deu, e Castela.

XII

Tanto na cor ao Íris parecia,
O mastro, que entendeu quem ali estava,
Que das nuvens à praça então descia,
Ou que da praça às nuvens elevava;

Pois também pelo muito que subia,
Se entendeu que as esferas escalava,
E que se Prometeu nele estivera,
Muito maior cuidado a Apolo dera.

XIII

Logo que no cristal de Tétis pura
O rutilante Febo se banhava,
Ocupando da noite a sombra escura,
Tudo quanto a luz Déléfica ilustrava:
Vários Orfeus de harmônica doçura
Em palácio cantando se observava,
Deixaram nos suavíssimos acentos
Absortos com o gosto os pensamentos.

XIV

Depois disto, de Admeto o pastor louro
Dez vezes ilustrou a azul esfera,
Causando sua luz mortal desdouro
Ao florido pensil da Primavera;
Porque cá no Brasil seus raios de ouro
Com vigor mais intenso reverbera,
Formando no terrestre senhorio
A terceira Estação do seco Estio.

XV

Tinha pois vinte dias já passado
O mês por donde o ano se começa,
Sendo aquele em que o Santo trespassado,
Foi do bico do pé até a cabeça.
E o sol de Capricórnio separado,
Se intentava ausentar com toda a pressa;
Porque já Aquário a casa lhe varria,
Esperando por ele no outro dia.

XVI

Neste que vinte foram de Janeiro,
Posto o Sol, se puseram nas janelas
Da praça em toda o circular terreiro,
Luminárias claríssimas, e belas.

Que co as prestadas luzes do luzeiro
Maior, não são tão claras as estrelas;
Enfim tanto era a luz que parecia,
Se não tinha o Sol posto aquele dia.

XVII

Nesta noite saiu resplandescente
A encamisada em tudo relevante;
Pois cada Cavaleiro por luzente,
Andando parecia estrela errante.
Nas galas reverbera a luz ardente,
De sorte que qualquer, por mais flamante,
Aquele avantajou, que em seus ensaios
Despenha as luzes, precipita os raios.

XVIII

Dos clarins o som bélico terrível,
O rumor dos tambores espantável,
No silêncio da noite mais plausível
O estrépito fazia formidável.
Vitosamente, quanto foi possível,
Este assombro de Marte entrou admirável,
Pela praça em que estava o Vi-rei digno
De ter de Apolo o Cetro cristalino.

XIX

Do preceito do freio compelidos,
Dos bélicos rumores alterados,
Furiosos sendo já, já reprimidos,
Entram na praça os brutos animados.
Vinham da mão doméstica regidos,
Tão bem nas continências ensinados,
Que observei, com destino, ou sem destino,
Nada pode obrar bem, sem ter ensino.

XX

Da praça ao som do estrondo belicoso
Saíram com notável desafogo,
E todo esse aparato luminoso,
Inútil se julgou aos donos logo;

Porque das mãos, cada animal furioso,
 Em faíscas expele tanto fogo,
 Que Astros, e estrelas tresladando nelas,
 Astros pisava, atropelava estrelas.

XXI

Três Comédias se seguem sucessivas,
 Um dia de pormeio interpolando,
 Que aquelas, a quem dava a fama vivas,
 As vai o escuro Lete sepultando.
 Fizeram-se com tais prerrogativas,
 Que temo muito exagerá-las, quando
 Sempre a verdade em menos se reputa,
 Se impossível parece o que se escuta.

XXII

Mas como nesta história a fé me obriga
 De honrado, e de Escritor para prezá-la,
 O que importa somente é, que eu a siga,
 Inda que chegue algum a duvidá-la.
 Quiçá, que quem a ignora, a contradiga;
 Porque quem menos obra, é quem mais fala;
 E saiba o que o contrário disto entende,
 Que quem por si me julga, não me ofende.

XXIII

A um lado pois da praça ricamente
 Se elevava uma fábrica arrogante,
 Que o Palácio de Cão transparente
 Duvido que lhe faça semelhante.
 Cobriam graves sedas toda a frente,
 Guarneçadas de cândido volante,
 Que em relevados cultos nos retrata
 Entre a mentida neve, a fina prata.

XXIV

Com rico invento, e grave geometria
 Se observou do Teatro a compostura,
 E não pudera ter mais bizzarria,
 Se de Arquimedes fora a arquitetura.

De alcatifas o sólio se cobria,
 Donde o Pérsico engenho mais se apura,
 Que em matizadas flores se venera
 Um mentido pincel da Primavera.

XXV

Rasgadas três janelas sustentava
 Uma rica cornija fabulosa,
 Que abertas, uma sala se mostrava,
 Por bem paramentada, mui formosa.
 Para cima outra cornija rematava
 A fábrica, deixando-a tão vistosa,
 Que equívoca a verdade, parecia,
 Mais do que se supunha, o que se via.

XXVI

O palácio magnífico oferece
 Às principais Senhoras da Bahia,
 O supremo Vi-rei, porque tivesse
 A feminil nobreza essa alegria.
 Ao baixo assento do alto sólio desce,
 Observando na régia cortezia,
 Que a nobreza maior nunca se estranha,
 Quando da urbanidade se acompanha.

XXVII

Muitas tochas ardião no tablado,
 Bem que escusadas foram todas elas,
 Por ser de ardentes raios ilustrado
 De tantos Sóis, que estavam nas janelas.
 E qualquer julgaria de admirado,
 Vendo opacas as luzes das estrelas,
 Que ou não anoitecera aquele dia,
 Ou que então pela noite amanhecia.

XXVIII

No chão outros assentos competentes,
 Por não serem bastantes as janelas,
 Cobertos de alcatifas excelentes,
 Ocuparam raríssimas estrelas,

Dispensando em reflexos transparentes
Pelo terrestre sítio as luzes belas,
Presumiu quem as viu postas por terra,
Que do seu fim, o mundo as contas erra.

XXIX

Pois dos homens, que então na praça entraram,
Ao número arismético excederam,
Porque além dos da terra outros se acharam,
Que de partes remotas concorreram.
Os que mais entenderam, que se admiraram
Outros mais se admiraram, que entenderam,
E em casos semelhantes (sem mentira)
Cada qual como entende, assim se admira.

XXX

Admiração foi justa, porque a fama,
Que o veloz privilégio ao Boreas toma,
Nos ecos da grandeza, que derrama,
De apócrifa claudica no que soma;
Pois muito mais se viu do que ela aclama,
E dera que admirar à mesma Roma
A grandeza somente do teatro,
Ao célebre, e antigo anfiteatro.

XXXI

Depois que terminou Febo a carreira,
No dia vinte um representaram
O Conde Locanor, de tal maneira,
Que os melhores discursos se admiraram.
Bem pudera a Comédia ser primeira,
A não ter mais as duas, que a igualaram;
Pois entre as três (com grave bizzarria)
Se não soube qual teve a primazia.

XXXII

Aos vinte e três na noite de Janeiro
Se mostraram de amor, e ódio os afetos
Daquele Calderon, que lisonjeiro
Esgotou toda a fonte dos discretos.

E suposto que o Autor seja o primeiro,
Como o mostram seus versos por seletos,
Muito mais pareceram sublimados,
Porque foram tão bem representados.

XXXIII

Aos vinte e cinco a Cena de (Redirse
A la obligacion) foi de tal maneira,
Que pudera chegar a presumir-se,
Em número somente ser terceira.
E bem nela também deve advertir-se,
Que a obrigação confessa verdadeira
O famoso Ferrão Castello-branco,
Quando a dedica generoso, e franco.

XXXIV

Do Marquês invictíssimo obrigado
As honras, que tem dele recebido,
Rendido à obrigação se tem mostrado,
Quanto mais obrigado mais rendido.
E se de obrigação qualquer honrado
Deve os méritos ter de agradecido,
O que mais os favores agradece,
De honrado mais os créditos merece.

XXXV

De agradecido enfim, como de amante,
Dedica esta Comédia reverente,
Ao nascimento do aplaudido Infante,
Do tronco mais feliz, fruto excelente,
Ao afeto igualando relevante,
As obras do seu ânimo valente,
Dando a entender no obséquo que oferece,
Que o amor só nas obras se conhece.

XXXVI

Em todas as Comédias se lançaram
Loas, que alguns Poetas compuseram,
Tais, que se nos assuntos admiraram,
Nos conceitos subidos suspenderam:

Bem seus engenhos na ocasião mostraram,
Mostrando na ocasião souberam,
Que não de açúcar só, mas de Poesia,
Há mui ricos Engenhos na Bahia.

XXXVII

As figuras das Loas, que saiam,
As letras, que entre meio se cantavam,
Enigmaticamente se entendiam,
Anfibolicamente se explicavam.
Nos sutis dos conceitos exprimiam,
O que nas aparências publicavam,
Descobrimdo as figuras, e os conceitos
Do nosso Herói sublime altivos feitos.

XXXVIII

A dois Coros a música cantava
Nas ocasiões, com plectro tão sonoro,
Que bem trocar Apolo desejava,
Por um daquelles Coros, o seu Coro.
E o filho vendo então se avantajava
A seu plectro, outro plectro mais canoro,
A sua mãe Calíope se queixa
Do que Apolo seu pai vencido o deixa.

XXXIX

Dos instrumentos pois o doce acento,
Das vozes a sonora melodia,
Que em modulantes cláusulas o vento
Retumba pela etérea Monarquia.
Canora elevação do pensamento,
Métrica suspensão da fantasia,
Privavam nas harmônicas cadências,
Dos sentidos o uso, e das potências.

XL

Três bailes, sérios uns, outros jocosos,
Houve em cada Comédia repartidos,
Dando gosto aos discretos, e famosos,
E de que rir aos menos entendidos.

Deixando a variedade mais gostosos
Dos que estavam presentes, os sentidos,
Que o nosso natural a tudo exposto,
Na variedade encontra o maior gosto.

XLI

Também houve Entremezes bem galantes,
De jocosos assuntos diferentes,
Que provocando a riso os circunstantes,
Se observaram conceitos excelentes,
Permitindo-se em casos semelhantes,
Para deixar os ânimos contentes,
Porque empalaga ao gosto os mais subidos
Manjares, sendo sempre repetidos.

XLII

O Ferrão na Comédia, mui luzidas
Mandou sair três danças extremadas,
De raros instrumentos conduzidas,
Para o fim cada uma das jornadas,
As figuras no traje bem vestidas,
E tão bem nas mudanças ensaiadas,
Que presumiu, quem viu tão ricas danças,
O tempo fora o mestre das mudanças.

XLIII

As Comédias, que louva a antiguidade,
Claudicou já de eterna sua glória,
Estas posterizando a eternidade,
Nos imortais arquivos da memória;
Nenhumas têm com elas paridade,
Porque alcançará de todas a vitória,
E à sua vista os créditos de ufanas
Têm perdido as famosas Castelhanas.

XLIV

Com tal primor a língua desmentiam
As figuras, que ali representavam,
Que aos mesmos Castelhanos excediam
No idioma Espanhol, em que falavam

Os que não duvidavam, quando os viam,
 Ser aqueles, que viam, duvidavam;
 Que das línguas, e trajas a mudança,
 Às vezes equivoca a semelhança.

XLV

De riquíssimas galas adornadas
 As figuras saíram bem vestidas,
 E o ouro de que vão passamanadas
 Deixava as próprias luzes excedidas.
 Tudo ali foram telas repassadas,
 A que fazia o ouro tão luzidas,
 Que lhes dava, entendi, com mil primores
 Raios o Sol, a Primavera as cores.

XLVI

Tão ao próprio as mulheres se vestiam,
 E tão sigularmente se toucavam,
 Que verdadeiramente pareciam,
 O que tão falsamente assemelhavam;
 De tal maneira o sexo desmentiam,
 Os rostros de tal sorte disfarçavam,
 Que desta vez se viu que com destreza
 Soube a indústria vencer a natureza.

XLVII

À vista das Comédias admirados,
 Tenham-se os Castelhanos por corridos,
 Vendo-se no idioma avantajados,
 E em todos os mais atos proferidos:
 Agora entenderam desenganados,
 Se até aqui blasonavam presumidos,
 Que contra eles o Luso em qualquer arte
 Se sabe Apolo ser, sabe ser Marte.

XLVIII

Nesta forma, e com este luzimento
 As Comédias fizeram de que canto;
 Bem que temo da lira o rouco acento,
 (Qual Márcias) mais que gosto cause espanto.

Só pudera este músico portento,
 Que as penas suspendeu de Rodamanto,
 Descrever o que absorto a Musa admira,
 Com doce voz, com modulante lira.

XLIX

Por isso, ó tu dulcíssima Senhora,
 Inspira no meu plectro docemente
 Do Trace soberana voz canora,
 E do Tebano o método excelente:
 Para que desde os páramos da Aurora,
 Até donde se apaga a tocha ardente,
 Sem reservar os mais remotos climas
 Rompa as esferas o eco destas rimas.

L

E se ao plectro me infundes novo alento,
 Não só farei chegar bela Talia,
 Pelo esférico globo, o doce acento
 Aos rosados crepúsculos do dia.
 Nem donde o funeral do luzimento
 Febeo, lhe prepara Tétis fria,
 Mas sim farei chegar meu doce canto
 A suspender do escuro Reino o pranto.

LI

Parará à minha voz o Flagetonte
 Do seu ígneo caudal o curso escuro,
 O grosso remo deixará Acheronte,
 E Sissifo o penedo feio, e duro:
 Tântalo a água da sulfúrea fonte,
 Exion da roda o giro mal seguro,
 Rodamanto os queixumes repetidos,
 Megera a inveja, o cerbero os latidos.

LII

Finalmente Plutão enfurecido,
 Das fúrias infernais acompanhado,
 Dos rigores de Buitre revestido,
 E da fuga de Eurídice lembrado,

Entre vorazes chamas consumido,
 (Vendo o Tartáreo Reino sossegado
 Da canora harmonia do meu plectro)
 Arrojará da mão o negro cetro.

LIII

Tudo, fermosa Ninfa, eu alcançara,
 Se empenhada Calíope quisera
 A teu rogo fazer, que me inspirara
 Novo plectro o Senhor da quarta esfera.
 A si da ingrata Dafne se deixara,
 E todo seu amor nela pusera,
 Para que sossegada, e sem desvelos,
 Do firme tronco não tivesse zelos.

LIV

Pois tanto te importuno, Musa amada,
 Concede o que te peço enternecida,
 Move-te de meus rogos obrigada,
 Se tão fermosa és, como entendida.
 Bem sabes tu, que a Dama importunada
 Raras vezes deixou de ser vencida,
 E mais sendo fermosa; que a vaidade
 Vence os rigores de qualquer Deidade.

LV

Mas já que em vão me canso no que aspiro,
 Outro influxo melhor, e mais seguro,
 Fazendo o pensamento novo giro,
 Senhor invicto, a vossos pés procuro.
 Pela lira daquele não suspiro,
 Que a mulher foi tirar do centro escuro,
 Porque em vossa magnífica assistência
 Espero a mais benévola influência.

LVI

Estas foram, Senhor, as mais peritas
 Comédias, pela fama decantadas,
 Que tiveram de mal, ser mal escritas,
 Tendo tanto de bem representadas.

Porém se minhas faltas infinitas,
São de vossa grandeza desculpadas,
Não me hão de embaraçar os Zoilos tanto,
Que deixe de seguir ao quarto Canto.

CANTO IV

I

Tendo-te tantas vezes perseguido
Não sei como te invoque, ó Musa amada!
Quando aquele axioma é tão sabido,
De que quem pede muito, muito enfada;
Porém fora ofender-te, se atrevido
Esta falta em ti fosse imaginada,
Porque em fazer mercês (qual mar) se nota,
Que um magnânimo peito não se esgota.

II

Se te devo até aqui favores tantos,
(Que eternos trarei sempre na memória)
Deixa que a glória cante ao fim dos Cantos,
Pois sabes que no fim se canta a glória.
Não te devem meus rogos dar espantos,
Se queres dar assunto a nova história,
Porque é certo faz mais, quem pouco pede,
Que quem com franca mão muito concede.

III

Adverte porque o teu favor consiga
(Sem que coisa pareça temerária)
Se eu te rogo, que o crédito te obriga
A seres-me propícia, e não contrária.
Porque não será bem de ti se diga,
Que por seres mulher, és também vária,
Pois sempre se tirou por consequência,
Não haver em mulheres persistência.

IV

De ouvir-me enternecida a Musa amada,
Reconhecendo em mim pouco talento,
Para acabar empresa começada,
Sem desacreditar o entendimento.

A Calíope pede, que empenhada
De Apolo alcance ao plectro novo acento;
E como isto Talia lhe pedisse
Com Apolo falando, assim lhe disse.

V

Se esquecido de Dafne rigorosa,
Que tanta pena a ter amor motiva,
(Pode ser, que julgando-a mais fermosa,
Por mostrar-se a teus rogos mais esquiva)
Te peço por amante, e por zelosa,
Inspires neste Vate a voz ativa
Daquele amado filho, a quem mais quero,
Quando por filho teu o considero.

VI

Esta empresa tomou por sua conta
Descrevendo estas festas da Bahia,
Apesar dessa, que é da Fama afronta,
Basilisco cruel, traidora Harpia;
Que para todo o mal sempre está pronta,
E do bem quanto pode se desvia;
Não perdoando seu mortal veneno
A Rei, a Papa, a grande, nem pequeno.

VII

O que tudo me pedes te concedo,
(Apolo diz) sem repugnância logo;
Dando a entender na pressa, e rosto ledó,
Quanto consegue de uma Dama o rogo.
Prossiga a obra o Vate, sem ter medo
Deste dissimulado ativo fogo,
Cuja voraz, e rigorosa chama
Devora as honras, e consome a fama.

VIII

Porque como este vício detestado,
Da invejosa Magera é produzido,
Nem se livra um Apolo sublimado
Da calúnia de um sátiro atrevido:

O invejoso murmura do invejado,
Supondo-se nas honras preferido,
E mais que a falta alheia, a própria apura,
Que só de quem se inveja se murmura.

IX

Porém se nisto a Musa considera,
E que a empresa que sigo, é, Senhor, vossa,
Subido o pensamento a tal esfera,
Não temo que ofender-me nada possa,
Nem dos infames filhos de Mígera,
Se os efeitos meu ânimo alvoroça,
Supondo que não há quem livre seja
Da rigorosa, e carcomida inveja.

X

Do famoso Araújo convocados
Os Cavaleiros foram mais luzidos,
E sendo os escolhidos os buscados,
Buscados são somente os escolhidos:
Por serem neste obséquio celebrados
São de longínquias partes conduzidos,
Que de maior fineza se acredita,
A que o maior empenho facilita.

XI

Doze foram no número somente
Pela razão acima declarada,
E também porque a praça não consente
Outra tropa maior por limitada.
Ou com mistério o número excelente
Dos doze fez a conta celebrada,
Pois hoje são, se na razão me fundo,
As mais famosas coisas, que há no mundo.

XII

Foram doze os Apóstolos divinos,
O ano se compõe de doze meses,
Do Zodíaco doze são os Signos,
Doze Pares se contam dos Franceses:

De Israel doze os tribos peregrinos, (sic)
 E de Inglaterra os doze Portugueses,
 Que a fama lhe erigiu (por maior glória)
 Estátuas lá no templo da Memória.

XIII

Tão primorosamente os doze andaram
 Nesta Cavalaria, em que correram,
 Que ao número em bondade avantajaram,
 Pois os poucos aos muitos excederam,
 E se os poucos por bons sempre bastaram,
 Os muitos pouca falta ali fizeram,
 Que do número a conta pouco monta,
 Na bondade consiste toda a conta.

XIV

Vencer muitos a muitos, é factível,
 Vencer muitos a poucos, não é nada,
 Vencer com poucos muitos, impossível;
 Ação em qualquer século invejada.
 Por isso fica a glória mais plausível,
 E nos nossos Heróis avantajada,
 Pois obraram só doze aventureiros,
 Como se foram muitos Cavaleiros.

XV

Seis parelhas fizeram diferentes,
 Três de amarelo são, três de encarnado,
 Seguindo aos Capitães, que vão nas frentes,
 A quem toca das alas o cuidado.
 Ilustra o Sol as galas excelentes,
 Tremula o vento as plumas sossegado,
 Que cuidam servirão com graças sumas
 Para as asas da fama aquelas plumas.

XVI

De galhardos jaezes adornados
 Iam todos os brutos prevenidos,
 Aos quais fazia o ouro dos bordados,
 Sobre muito vistosos, mui luzidos:

Com crinas diferentes, vão trançados,
Que os matizes das cores divididos,
Qual Primavera então, de várias fitas
Ia formando rosas infinitas.

XVII

Cinco vezes as portas do Oriente
Apolo abrindo no zafir discorre,
Para assistir com sua luz ardente
À tropa grave, que na praça corre;
E outras tantas nas águas do Ocidente,
Para Fênix nascer, Narciso morre,
Preparando-lhe Tétis, nunca ingrata,
Mausoléu de cristal, tumba de prata.

XVIII

Ao som dos instrumentos belicosos,
Adornados de plumas, e de galas,
Os doze a praça rompem tão furiosos,
Que a Marte assombro dão, terror a Palas:
Um labirinto formam cuidadosos
Os destros Capitães das duas alas,
E para sair dele com mais brio
Seguem da escaramuça o inteiro fio.

XIX

Antes que entrassem nela, emparelhados
Fazem as continências advertidos,
Indo nelas tão bem industriados,
Que aplausos mereceram repetidos;
Ocupando depois da praça os lados,
Em dois troços acorrem divididos,
Acrescentando aos seus merecimentos
A glória de tão graves cumprimentos.

XX

Brás Rabelo Falcão, e seu parente
Manuel Marinho foram duas guias;
E posto cada qual na sua frente,
Se houveram com notáveis bizzarrias:

Com adargas, e lanças bravamente,
Da mentirosa guerra nas porfias,
Qualquer dos doze ali tão destro andava
Que a verdadeira guerra avantajava.

XXI

Também houve alcanzias, com quem Maio
Liberal ostentou raros primores,
Ser cada qual mostrando, em seu desmaio,
Um globo de jasmim, mapa de flores:
O zéfiro lograva em doce ensaio,
Da Primavera os cândidos favores,
Cada alcanzia parecendo cheia
A bela Cornucópia de Amaltéia.

XXII

Outras cheias de pó, que a vista engana,
Pois apenas se vê desaparece,
Alegórico ser da vida humana,
Que como pó no ar se desvanece.
Que é vento a fé também nos desengana,
Sombra o santo paciente a reconhece,
E para ser melhor significada,
É pó, é vento, é sombra, é fumo, é nada.

XXIII

Também vão cheias outras das que o vento
Leva como as palavras de uma história,
Para termos cabal conhecimento,
Que há sempre penas na caduca glória.
Por isso no maior contentamento,
Dos Romanos triunfos a memória
Avivava a lembrança repetida
Da pouca duração da humana vida.

XXIV

Já a última carreira se passava,
Quando pela campanha cristalina,
A desse dia Apolo rematava,
Correndo a noite fúnebre cortina;

Sobre a qual vinte e sete mais contava,
 Que em Janeiro fizera a luz benigna,
 E quando as vinte e nove conta o mundo,
 Dos cavalos o dia foi segundo.

XXV

Nesta tarde com grave bizzarria
 As lanças se puseram raramente,
 Mostrando cada qual quanto sabia,
 Ferindo a meta do ângulo luzente:
 E por ter mais que ver naquele dia,
 Se corre a lança o pássaro inocente,
 Que as relíquias da pouca gente viva
 No bico o ramo traz da verde oliva.

XXVI

Mostraram ser nas lanças extremados,
 Assim como no mais tão advertidos,
 Que ficaram seus nomes celebrados,
 E nos ecos da fama repetidos.
 Correm depois parelhas, que assombrados
 Os ventos no correr deixam corridos,
 E só com eles (como o vulgo aclama)
 Pode correr parelhas sua fama.

XXVII

Canas correm também com ligeireza,
 Em que o néctar mais líquido se apura,
 Dasqueas que fez doce a natureza,
 Para manancial da mais doçura.
 Seguiu-se a escaramuça, em que a destreza
 Foi da arte acompanhada com a ventura,
 No famoso Marinho, que sem medo
 Da sorte que teceu, desfez o enredo.

XXVIII

No penúltimo dia de Janeiro
 Houve de preços singulares lanças,
 Em que o mantenedor, e aventureiro
 Nos méritos fiavam as esperanças.

Cada qual como destro Cavaleiro
 Demitia de si desconfianças,
 Porque nesta contenda presumia
 Que mais, que os mais, o prêmio merecia.

XXIX

A praça rompe audaz, e valeroso,
 Com aspecto de Marte Luís Correia,
 Padrinho do menino primoroso,
 Que Vênus só de vê-lo se recreia.
 A licença impetrou do generoso
 Marquês, que tendo-a nada mais receia,
 E dando que admirar ao melhor Astro,
 Fixou logo o cartel ao pé do mastro.

XXX

Como mantenedor chama arrogante
 Aos Cavaleiros com notável brio,
 E se houvera de certo Bradamente,
 Não sei se lhe aceitara o desafio.
 Pois se o cartel chamara ao mais galante
 Para algum gentil duelo, é desvario
 Crer, que Narciso, e Adônís o aceitassem,
 E que vencidos ambos não ficassem.

XXXI

Um palanque cminente se elevava
 Em palácio debaixo das janelas,
 Esfera donde o Sol mais puro estava,
 Que este que presta raios às estrelas.
 O sítio três cadeiras ocupava,
 Que ornado estava de alcatifas belas,
 Donde os Juizes da função discretos
 Assistiam tão doutos, como retos.

XXXII

Foi dos três o primeiro, o celebrado
 Licurgo da Bahia conhecido,
 Secretário famoso deste Estado,
 Em tudo tão geral, como entendido,

Pelo procedimento tão honrado,
Como pela pessoa esclarecido,
E qual Décio, dirige os pensamentos
Em procurar da pátria seus aumentos,

XXXIII

Era Antônio Ferrão logo o segundo,
Bem que pode nesta arte ser primeiro,
Seguiu-se Miguel Teles, que no mundo
É contado por destro Cavaleiro:
Dos quais a fama no clarim jocundo
A quanto ilustra o Dêlfico luzeiro,
Suas partes publica, e as diferenças,
Com que aos sábios excedem nas sentenças.

XXXIV

O Araújo fatal liberalmente,
De magnânimo usando mil primores,
Para prêmios no dia, deu presente,
Dez cortes de tessum de várias cores;
Sobre bem matizado era excelente,
Porque lhe dava o ouro, e a prata as flores,
Tomando a Primavera com desdouro
Seus poderes então à prata, e ouro.

XXXV

A um lado estava a tenda levantada
De riquíssimas peças guarnecida;
Que a do Persa Dario celebrada,
A deixara em grandezas excedida.
Dos corporais sentidos sublimada
A glória se julgava repetida,
Por estar para todos ali exposto,
Quanto podia desejar o gosto.

XXXVI

Orfeus em vez de músicos cantavam
Que os ânimos a glória suspendiam,
As suavíssimas águas exalavam
Os aromas, que em chamas recebiam.

Eram tanto os doces, que sobravam,
 Como a ambrosia nos gostos excediam,
 E em tanta suspensão do entendimento
 A glórias se elevava o pensamento.

XXXVII

As lanças se tiraram com tal brio,
 Mostrando-se qualquer na ação tão forte,
 Que custou muito neste desafio
 Poder-se declarar de alguns a sorte.
 A tais lanças por preço é desvario,
 Porque foram estas lanças de tal porte,
 Que intentar pôr-lhe preço fora excesso,
 Quando por singulares não tem preço.

XXXVIII

Nesta civil batalha contendendo,
 Se foi a tarde alegre assim passando,
 A glória de um a outro entristecendo,
 Com o pesar daquele, este alegrando.
 Já aquele que ganhava, vai perdendo,
 Aquele que perdia, vai ganhando;
 Que a sorte quer propícia, quer contrária,
 Nunca constante foi, sempre foi vária.

XXXIX

Todos se houveram primorosamente,
 Mas ao povo causou mais novidade,
 O que um menino obrou singularmente,
 Que doze anos apenas tem de idade.
 Nenhum com mais primor, por mais ciente,
 Das regras observou a integridade,
 E quem soube aprendê-las em menino,
 Há de ser Cavaleiro peregrino.

XL

Filho é de Miguel Teles o menino,
 De quem herdou as partes, e a nobreza,
 E sobre Cavaleiro peregrino,
 Logra outros dotes mais da natureza.

Porque o raro pincel do Autor Divino
Nesta cópia cifrou tal gentileza,
Que se Vênus o vira, bem se crera,
Do mal logrado Adônis se esquecera.

XLI

Depois que as lanças todas se puseram,
Em que infinitos prêmios se ganharam,
Também as demais coisas se fizeram,
Como nas outras tardes se observaram.
Na rara escaramuça que teceram,
Quanto da arte entendiam bem mostraram,
Porque já desmanchando, já tecendo,
Vão o mesmo, que fazem, desfazendo.

XLII

De Janeiro era o dia derradeiro,
E da cavalaria o quarto dia,
Em que o mesmo se fez, que no terceiro,
Com singular, e grave bizzaria.
Entre o Mantenedor, e Aventureiro
Continuou das lanças a porfia,
Apurando-se tanto na contenda,
Que o prêmio cada qual é bem pretenda.

XLIII

Sendo os tais como a vista certifica,
Dos fios, que em prisão o bicho apura,
E depois em teares se fabrica,
Para adorno gentil da formosura,
De seda matizada coisa rica
Seis covados ganhar qualquer procura,
Que pelas várias flores se venera
Mentida, e verdadeira Primavera.

XLIV

Estes prêmios acima declarados,
Foram pelo Araújo oferecidos,
Que nunca ele os julgou tão bem ganhados,
Como agora que os vê tão bem perdidos.

Entre estes doze pares afamados
 Pela fortuna foram repartidos,
 Que esta só tira, e dá por vários modos
 A seu arbítrio sempre os prêmios todos.

XLV

Obrando os Cavaleiros raramente,
 Assim se foi passando o mais da tarde,
 Ostentando o contente, e descontente
 Do seu capricho singular alarde;
 Sem que nesta, e na tarde antecedente
 Houvesse algum, que algum dos prêmios guarde,
 Porque ofertando todos que ganharam,
 Mais a glória, que os prêmios, estimaram.

XLVI

Já quando a refrescar naquele dia,
 Os quatro brutos da carroça ardente,
 Nas ondas de Netuno, se partia
 O Dêlfico Planeta refulgente,
 Se correram com muita bizzarria
 Laranjadas galante, e airosamente,
 E depois Brás Rabelo fez com brio
 A rara escaramuça de um só fio.

XLVII

Era o primeiro dia em que o segundo
 Mês começava, e desta festa o quinto,
 No qual não se guardou, se bem me fundo,
 O quinto mandamento no que pinto.
 Porque no quinto dia o furibundo
 Quinto Planeta, mui confuso sinto,
 Vendo na praça por tão várias sortes
 A bruta Parca executando mortes.

XLVIII

Cruel na praça andava a Parca dura,
 Não perdoando a vida seus rigores,
 Daqueles animais, que na água pura,
 A traça de Jacó lhe dava as cores.

E se pode na morte haver ventura;
Por não sentir na morte tantas dores,
Por singular fortuna então tiveram
Aqueles, que de um golpe feneceram.

IXL

Várias carreiras houve, e de tal sorte
Ligeira a Parca andava, e enfurecida,
Que entregando o pescoço o bruto à morte,
Se achava sem cabeça, e não sem vida.
Houve carneiro ali, que antes do corte,
Começando com um bramido, (dividida
Foi de um golpe a cabeça com tal pressa)
Que o eco deu no chão mais a cabeça.

L

Luís Correia ao tirar pelo treçado,
Fiado em que levava bem regido
O quadrúpede animal, por descuidado,
Do corvo, e agudo fio foi ferido.
Que o bruto de um furor arrebatado,
Do acicate picado, e compelido,
Corria tão veloz, e tão bizarro,
Que Apolo o desejou para o seu carro.

LI

Não foi o golpe, não, tão limitado,
Que a função permitisse que acabasse,
Antes logo a Palácio foi chamado,
Porque com mais presteza se curasse.
Mas vendo a dor, que aos onze tem causado,
Lhe disse (porque a festa não parasse)
O mesmo que Magriço aos companheiros
Se em chegar a ocasião forem primeiros.

LII

Não obstante esta falta, prosseguiram
Deste dia o festejo começado
Os onze companheiros, que supriram
Na ausência do que fica molestado.

Depois que das carreiras desistiram,
Ficou completamente rematado
Com o mesmo primor, e bizzarria,
Como se havia obrado em quaquer dia.

LIII

Sempre em todos vieram com primores
Adiante dos nobres Cavaleiros,
Seis trombetas de pé, oito tambores,
E de cavalo quatro timbaleiros.
Vêm também quatro danças das melhores
Fazendo movimentos tão ligeiros,
Que à vista destas danças, já repugna
Mostrar suas mudanças a Fortuna.

LIV

Seis vezes tinha apolo repousado
No tálamo de Tétis cristalina,
E outras tantas havia iluminado
O celeste Hemisfério a Deusa trina.
Neste mês mais que os outros limitado,
Porque em vinte e oito dias se termina,
Sendo então o primeiro em que esta praça
Para os touros se ornou com tanta graça.

LV

Cercada de palanques eminentes,
Alguns mais que os telhados relevantes,
Adornados de panos excelentes,
Que os faziam custosos, e galantes,
Mostrando-se nas cores diferentes,
Das cortinas, das sedas, dos volantes,
Que da praça era o sítio neste ensaio,
Um retrato de Abril, cópia de Maio.

LVI

Nos vários camarotes, e janelas
Se assomavam tão raras fermosuras,
Que deixavam das trêmulas estrelas
Opacas, por então, as luzes puras,

Mostrando-se as da Lua, e do Sol belas,
À sua vista pálidas, e escuras,
Ficando entre candores tão luzidos,
As estrelas, a Lua, e o Sol corridos.

LVII

Mudado a estação tinha a natureza,
Pois sendo neste mês mais os ardores,
Que eram tardes de Abril, vi na presteza,
Com que ali se admiravam tantas flores.
Acompanhando as galas a beleza,
Deve a gala à beleza mais favores;
Que não é verdadeira a fermosura,
Se apadrinhada vai da compostura.

LVIII

Eram de custo as galas excelentes,
A quem fazia o ouro mais flamantes,
Para os broches, toucados, e pendentes,
Deu Golocondá líquidos diamantes.
Também para os pescoços transparentes,
Ofereceu Netuno as mais brilhantes
Lágrimas puras da jucunda Aurora,
Que quando no Céu ri, nas conchas chora.

LIX

Da formosura um mapa debuxado
Recopilava aquela breve esfera,
Donde se via ao vivo decifrado,
De flores a mais linda Primavera.
Se aquela que venceu o celebrado
Pomo, na competência ali estivera,
Teriam que sentir menos pesares,
Minerva, e Juno, na eleição de Pares.

LX

Querer contar debalde solícito,
Da Nobreza, e da plebe o ajuntamento,
E com ser este número infinito,
Ao número excedia o luzimento.

Porque em obséquio do Vi-rei invicto,
 Quer cada qual que o seu contentamento,
 No maior luzimento se presuma,
 Da gala rica, da vistosa pluma.

LXI

Quatro danças com ricos instrumentos,
 (Estribando no airoso as confianças)
 Vem a praça servindo aos pensamentos,
 Do mais gostoso enleio, aquelas danças.
 Nos seus bem concertados movimentos,
 Mostravam ter firmeza nas mudanças,
 Imitando a fortuna incontrastável,
 Que é só constante sempre, em ser mudável.

LXII

Ornada estava a praça desta sorte,
 Quando ornado também de muita graça,
 Servindo de Meirinho então da Corte,
 Galã Miguel Cardoso rompe a praça,
 Montado tão airoso como forte,
 Nas continências nada se embaraça,
 E mais que com rigor mostrar pretende
 Que com agrado as liberdades prende.

LXIII

Soam de Marte os hórridos furores,
 Nos vários instrumentos militares,
 De timbales, trombetas, e tambores,
 Que dessa esfera azul rompe os ares;
 Detrás deste aparato, dos melhores
 Alabardeiros vêm só doze pares,
 Em duas alas tudo dividido,
 Tão bem ornado, como repartido.

LXIV

Logo Antônio Muniz, (cuja excelente
 Presença eleva a todos o sentido)
 Sai fazendo a figura de Tenente,
 Melhor posso dizer que a de Cupido.

Qualquer de vê-lo fica descontente,
Sendo de mais galã, mais presumido,
E para competi-lo era preciso
Viver Adônis, não morrer Narciso.

LXV

Quatro lacaios traz todos vestidos
De encarnada libré, e adereçados;
De meio corpo quatro traz despídos
Com saiões, e com panos bem traçados:
Eram todos daqueles, que os luzidos
Raios de Faeton deixou queimados
Quando do Céu caíndo a pira acesa,
Tisnou tantos borrões da natureza.

LXVI

O Capitão da guarda se seguia,
Que para a tal função foi Luís Correia,
Vestido com notável bizzarria
Da cor que aos melancólicos recreia.
Oito lacaios célebres trazia,
Todos sem diferença na libréia,
Como também na cor, porque os ardores
Lhes deram de Menon as pardas cores.

LXVII

Depois que as continências se acabaram,
Que se fizeram primorosamente,
Logo da praça ufanos se apartaram
Da guarda o Capitão, e o seu Tenente.
Os que ali pelo corro se espalharam,
Seus assentos buscaram em continente,
Bem assim como as cândidas estrelas
Fogem vendo de Febo as luzes belas.

LXVIII

Sem gente a praça estava quando um bruto,
Fiando muito na braveza crua,
Acomete aos capinhas resoluto,
Por armas esgrimindo meia lua.

Porém pagando a Clotos o seu tributo,
 Topou nas sortes a desgraça sua,
 Tornando-se para ele em breve instante
 O que foi meia lua, então minguate.

LXIX

Um cavado regendo a mão finestra
 (Quando ao corro outro touro já saía)
 Sai Lourenço Monteiro, e traz na destra
 A gadanha que Clotos esgrimia,
 A Marte assemelhava na palestra,
 Se no gentil, Adônis parecia,
 Pelo que já se julga em toda a parte
 Galhardo Adônis, valeroso Marte.

LXX

As continências fez com bizarria,
 Ao bruto reprimindo o ardente fogo,
 E depois de acabada a cortesia,
 Desafiar ao touro partiu logo.
 Porém vendo que ele se desvia,
 E que não obedece a nenhum rogo,
 Do corro se retira sem desdouro,
 Quanto que conheceu o medo ao touro.

LXXI

Foi mudar de cavalo o Cavaleiro,
 E logo o campo busca valeroso,
 O touro vai buscar que tem fronteiro,
 Na vista mais, que em obras, espantoso:
 Quando mais o provoca o bom Monteiro,
 Mais se retira o pobre temeroso,
 Entendendo que logra na fugida,
 Aquele espaço breve para a vida.

LXXII

Busca outra vez, e muitas alentado
 O cornífero bruto, que temido,
 Quando mais das garrochas incitado,
 Então se mostra menos atrevido.

Da freqüenza do Touro provocado
Vai o Monteiro tão enfurecido,
Que não roubara Júpiter a Europa,
Se naquele conflito acaso o topa.

LXXIII

Aos capinhas deixou o desafio,
Sem que mais faça ao bruto competência,
Entendendo político no brio,
Não pode haver valor sem resistência.
Com eles se houve o touro menos frio,
Incitando-o das chamas a inclemência,
E supondo vingar a iníqua morte,
Deu lugar a fazer-lhe alguma sorte.

LXXIV

Outro Etíope bruto que nas pontas
As armas Turcas traz, sai ao terreiro,
Escarva a terra dando ao ar afrontas,
No leve pó que sobe lisonjeiro.
Mas lançando melhor depois as contas
Fugiu (como os demais) do Cavaleiro;
Que se o risco, e o temor menos parece,
Sempre à vista do risco, o temor cresce.

LXXV

De fogo leva garrochões a pares,
Em tanta cópia o bruto truculento,
Que a sentir tanto fogo o de Falares,
De Perilo maior fora o tormento.
O negro bruto envolto em tais pesares,
Bramindo desafoga o sentimento,
Porém no temor frio mostrou logo
Mais alentos de neve, que de fogo.

LXXVI

Outro touro saiu, e finalmente
Sairam sete, ou oito de tal porte,
Que das sortes se afastam brutaemente,
Indignos de lograr tão feliz sorte.

Do rojão qualquer foge diligente,
 E para se eximir das leis da morte,
 Se pudera (sem dúvida imagino)
 Com Touro entrara no celeste Signo.

LXXVII

Não culpo a mansidão com que se houveram
 Os brutos na fraqueza, que mostraram,
 Pais como um Marte armado conheceram,
 O temor os desculpa no que obraram.
 Senão foi que a grandeza mais temeram
 Do famoso Vi-rei, que respeitaram;
 Que às vezes a maior ferocidade
 Venerações tributa à Majestade.

LXXVIII

Incitados os touros dos capetas,
 Algumas sortes houve divertidas,
 Valendo-se de astúcias, e de tretas
 Para poder livrar das investidas.
 Entre elas houve algumas mui seletas,
 Que deram gosto em ser bem sucedidas,
 E se foram de todos estimadas,
 Do supremo Vi-rei foram premiadas.

LXXIX

Das fegasas garrochas incitado
 O derradeiro touro enfurecido,
 Ao Cavaleiro busca, que arrojado
 O segue, porque o lenço viu caído:
 Com a espada o buscou desesperado,
 Ficando de seus fios ferido,
 Que esteve um breve espácio a vida absorta
 Para sair buscando a melhor porta.

LXXX

Rematados os touros neste dia,
 Entrou galã no outro, e muito airoso,
 (Roubando as atenções a quem o via)
 O Meirinho fatal Miguel Cardoso:

As continências fez com bizzaria,
E recebendo as ordens cuidadoso
Do lugar se retira sem desdouro,
Dando-o também o que saísse o touro.

LXXXI

Da brandura dos touros enfadado,
Não quis tornar ao campo o Cavaleiro,
Por não poder mostrar com desfado
Sabe ser para as feras bom Monteiro;
Por isso à sorte sai qualquer ousado,
Levando a melhor sorte em ser ligeiro,
Juntando-se da praça no distrito,
De capetas um número infinito.

LXXXII

Com graça várias sortes se fizeram,
Em que alguns mais ligeiros se mostraram,
Por cuja causa o prêmio mereceram,
Devendo à sorte o prêmio que ganharam.
Como chuva as moedas pareceram,
Que do ilustre Palácio lhe lançaram,
À imitação daquela chuva de ouro,
Que a Danae corrompeu co' vil desdouro.

LXXXIII

Esta foi (Vice-rei esclarecido)
Em suma, do Araújo a festa grave,
Que para descrevê-la como há sido
Desejara de Orfeu a voz suave;
De Anfião o instrumento divertido,
As cláusulas sonoras daquela ave,
Que forma nos penúltimos alentos
Doces endeixas, métricos acentos.

LXXXIV

Deste volume pois no rasgo breve,
Por certo observarei, que quem se anima
A passar os temores, que já teve,
Vossa glória (Senhor) em muito estima.

Sucinto quadro foi, o que descreve
 De tanta festa a pena, em tosca rima,
 Pois é força difira no treslado,
 Quando tem de ser vivo, a ser pintado.

LXXXV

E só sinto não ter ciente agora
 Do Grego, do Latino, e do Tebano,
 As cláusulas da cítara sonora,
 As cadências do plectro soberano,
 Com que até lá nos páramos da Aurora
 Cantasse (invicto César Lusitano)
 A glória com que a Fama vos retrata
 Em tiorbas de Ofir, com voz de prata.

LXXXVI

E assim já, que da voz no desalento,
 Desmaia a pena o vôo remontado,
 Ao plectro desanima o tosco acento,
 Confunde a lira o dissonante brado.
 Presta-me a tuba (ó Numen, que do vento
 Discorres o país iluminado)
 Para que em meu lugar, com maior pompa
 Coluros rasgue, paralelos rompa.

FIM

[João de Brito e Lima]

Ao Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo sobre a narração das festas, que na Cidade da Bahia se fizeram ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja, pelo nascimento de um Neto, dirigidas, e ordenadas pelo Mestre de Campo João de Araújo de Azevedo.

SONETO

Quanto obrou em obséquios a Bahia
Do seu Vi-rei, que um Neto festejava,
Foi muito para as mostras do que amava,
Foi pouco para os cultos que devia.

Só Caetano à vossa fantasia
A narração das festas lhe tocava,
Que um cabo generoso dedicava,
E um General supremo recebia.

Tudo em vosso papel está subido,
A Esfera grande, o vôo remontado,
E o aplauso altamente encarccido.

E não sei quem mais fama haja alcançado,
Se a sua glória no que tem crescido,
Se a vossa pena no que tem voado.

Sebastião da Rocha Pita.

Ao Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo Corregedor do Crime na Relação da Bahia, na eruditíssima narração, que fez das festas, com que os habitantes daquela Cidade aplaudiram o felicíssimo nascimento do Primogênito Varão da ilustríssima, preclaríssima, e excelentíssima Casa de Vila Verde.

Por seu muito afeto anagramático
SAFO PONDES A AMICATTI.

SONETO

Alta, sutil, lacônica, elegante,
Discreta, douta, crítica, eloquente,
Discreve, narra, conta felizmente
Vossa pena as ações do povo amante.

Festivos cultos, que o amor constante
Fino apura, consagra reverente,
Na prosa complicais tão docemente,
Como no grave metro modulante.

Se tanta erudição em vós se inflama
Para ilustrar a heróica, e digna história,
Em estátuas a memória vos aclama;

Porque a bem merecida imortal glória,
Quando nos seus anais a imprime a fama,
Nos bronzes se eterniza na memória.

[S.I.A.]

Ao Doutor o Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo, Ouvidor geral do Crime pela narração que fez das festas celebradas ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja Vice-rei, e Capitão general do mar, e terra, etc. pelo Mestre de Campo João de Araújo de Azevedo.

SONETO

Sobre as asas da Fama celebrada
Por douta, por sutil, por eminente,
Por sábia, por aguda, e por corrente
Voará vossa pena remontada:

Pelas Aulas celestes já levada,
Colocada será por excelente
Lá nas asas da Fama felizmente,
Para ser ainda lá mais venerada.

Porém, ó que suspensa a mesma fama
O vôo abate, e apesar da inveja,
Em amor desta pena já se inflama!

Feliz pena, que a Fama assim corteja!
Mas se a Fama esta pena tanto ama,
Não é pena esta pena, glória seja.

Escrevia

Luís Canelo de Noronha.

Ao Doutor Caetano de Brito meritíssimo Corregedor do Crime na Relação da Bahia, em louvor da elegância com que descreveu as festas, que nela se fizeram pelo feliz nascimento de um Neto do Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja Vice-rei do Estado do Brasil

SONETO

Hoje põe em questão, prudente Numa,
O Solar de Noronha esclarecido,
Qual obséquio dos dois maior há sido,
Se o das festas, se o de vossa pluma:

Porque suposto, com grandeza suma,
O hajam tantos cultos aplaudido,
Se vê do vosso engenho competido
O nosso zelo, porque mais presuma.

Mas se chega o problema a discutir-se,
Será bem, douto Brito, o resolver-se
Que a vossa pluma soube aventajar-se;

Pois se deve àqueles o aplaudir-se
Essa luz, que nascida deixa ver-se,
Nessa pena voará a eternizar-se.

[S.I.A.]

Ao Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo fazendo Relação das festas, que se celebraram na Cidade da Bahia ao felicíssimo nascimento do Senhor DOM PEDRO DE NORONHA, filho do Excelentíssimo Senhor Conde de Vila-verde, e digníssimo Neto do Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja.

Por um íntimo amigo do Autor.

SONETO

Tão douto sempre (Brito) vos haveis,
Que não sei distinguir onde o sois mais;
Se nessa Relação onde votais,
Se nesta Relação que hoje fazeis.

Em ambas ao discurso suspendeis,
 E créditos à Toga grangeais,
 Lá pela retidão com que julgais,
 Cá pela discrição com que escreveis.

Escrevei, e julgai (Brito excelente)
 Que nisso glória à pátria se lhe ordena,
 Pois julgando, e escrevendo juntamente,

(Se ouvis as vozes de uma inculta avena)
 Alma às leis infundis co' a vossa Mente,
 E glória à Pátria dais co'a vossa pena.

[S.I.A.]

Ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja, Vice-rei,
 e Capitão general do Brasil, oferecendo-lhe a Relação das festas dedicadas ao mesmo Senhor em aplauso do fausto Natalício do Excelentíssimo Senhor Dom Pedro de Noronha seu felicíssimo Neto.

SONETO

Estes que o obséquio dedicou festivos
 Caracteres de amor, votos do afeto,
 Tornai agora a ver em novo objeto,
 Desempenhos no aplauso discursivos.

É teatro o papel, donde expressivos
 Rasgos descrevem, quanto foi projeto
 De ínclita ostentação, culto seletto,
 Débeis aqui porém, quanto lá ativos.

Lá pode a bizzarria, a pompa, o ornato,
 Levar a admiração, o assombro, a vista,
 Quanto aqui se escurece no retrato.

Quando o impulso vosso aqui me assista,
 Será um, e outro objeto, sempre grato,
 Pregoeira a Fama, o Aplauso Coronista.

[S.I.A.]

DIÁRIO PANEGÍRICO

RELAÇÃO DAS FESTAS QUE NA FAMOSA CIDADE DA

Bahia, se fizeram em aplauso do fausto,
e feliz Natalício

Do Excelentíssimo Senhor

DOM PEDRO
DE NORONHA,

Glosioso Primogênito dos Excelentíssimos
Senhores Condes de Vila-verde.

Primeiro que nos ecos, e clarins da Fama, nas vozes, e aclamações do aplauso, em 11 de Novembro de 1716 na ínclita, e Real Cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos, populoso, e opulento Empório do Lusitano Brasiense Império, Corte, e Metrópole dos Estados da Portuguesa América, célebre, e famosa nas letras, e nas Armas, no esplendor, Nobreza, e trato de seus habitadores, governada felizmente pela Justiça, Prudência, e vigilância do Excelentíssimo, e Preclaríssimo Vice-rei o Senhor Dom Pedro Antônio de Noronha, Marquês de Angeja, Conde de Vila-verde, dos Conselhos de Estado, e Guerra de Sua Majestade, e Vedor da sua fazenda, que já Vice-rei da Índia deixou na Ásia uma perpétua saudade, e glorioso, e heróico General das Armas Portuguezas se coroou em Europa de ínclitos Troféus; se divulgou a fausta, e alegre notícia de haver nascido em 17 de Agosto o Excelentíssimo Senhor Dom Pedro de Noronha, filho Primogênito dos Excelentíssimos Condes de Vila-verde, o Senhor Dom Antônio de Noronha, Governador das Armas da Província de Entre-Douro, e Minho, e da Senhora Dona Luíza de Meneses, filha

dos Excelentíssimos Condes de Tarouca, e assim glorioso Neto do nosso Excelentíssimo Vice-rei, pelo qual numera dez preclaríssimos, e excelsos Avós, até coroar-se com duplicados Diademas, em Dom Fernando Rei de Portugal, e Dom Henrique II Rei de Castela, soberanos Progenitores desta Excelentíssima Casa; não menos preclara nos Brasões, e Timbres das longevas, e ínclitas prosápias dos Monizes, e Albuquerquees com que se esmalta.

Com igual púrpura, e esplendor se ilustra este recém-nascido, luminoso, e soberano Astro nos Reais estemas das excelsas, e esclarecidas Casas de Arronches, Alegrete, Arcos, e Tarouca, de que também é felicíssimo Neto, os que fausta, e gloriosamente individuáramos, se escrevêssemos algum Panegírico Genealógico, assim como descrevemos esta Relação Panegírica.

Divulgada pois do feliz Natalício a desejada notícia, concorreram os Áulicos Assistentes, e principal Nobreza da Cidade a expressarem a Sua Excelência com repetidos parabéns os alvoroços, e júbilos, que alegremente separados no ânimo de cada um, se prostraram juntos a patentear o universal obséquio com que todos em duplicados vivas igualmente festejavam a gloriosa sucessão de sua Excelentíssima Casa, que heroicamente imortal na fama com o fatídico anúncio deste geral contentamento se espera numere também continuada, e preclaríssima posteridade.

Não satisfeitos só da referida, e obsequiosa demonstração os afetuosa, e devidamente obrigados de Sua Excelência, trataram logo de prevenir públicos festejos, para que estas notórias expressões, e votos fossem irrefragáveis testemunhos do muito que à clemência, e benignidade de sua Excelência se dedica, pois sem que a retidão da Justiça se diminua, em tudo feliz, e suavemente impera. Sendo de todos o que com primeiro cuidado solicitou este primoroso rendimento, o generoso brio do Mestre de Campo João de Araújo de Azevedo, que não perdoando ao dispêndio, e à diligência, cheio de capricho, e pundonor, mostrou na magnificência o ânimo, na aplicação, atividade, e desempenho, o valor, e impulso igual ao que nas campanhas de Além-Tejo, e Valença lhe facilitou os Triunfos, lhe preparou os louros.

Passado o termo preciso para que concorressem de fora da Cidade algumas pessoas, que por singularmente primorosas no exercício de mandar os cavalos, foram convidadas para o determinado festejo, e para a prevenção de custosas, e luzidas galas, construção dos palanques, e concerto da praça, que em forma quadrada serve de terreiro ao Palácio do Governo, fermoseada com as Casas da Relação, Câmara, Moeda, e outras particulares. Determinou-se o dia décimo de Janeiro para se levantar o Masto, pintado de branco, e carmesim, coroado de uma grinalda sobre-dourada, de que subia

a haste, em que tremulava uma bandeira de damasco branco franjada de ouro, bordados de uma, e outra parte os Reais Brasões da Casa de Vila-verde, fazendo-se este festivo prelúdio ao estrondo de timbales, e tambores, e sonoros ecos de clarins, e charamelas acompanhadas de airosas, e diversas danças, que ressoavam nos âmbitos da praça com alvoroçados, e alegres vivas.

Fabricou-se na frente do mesmo Palácio, na distância de quarenta passos, o Teatro para as representações Dramáticas, sendo o modelo a fachada de outro Palácio, imitada com propriedade, e exornada com sua galeria, porquanto havendo de fazer-se as representações de noite com as tochas que ardessem nas janelas, ficasse a função primorosamente luzida. Na mesma fachada se abriram três pórticos, assim para darem saída às figuras, como para descobrirem algumas perspectivas, conformes aos lances das Comédias. Nos lados do mesmo Teatro se levantaram Torres, e compuseram jardins, tudo com caprichoso artifício, e correspondente aos mesmos lances.

Chegou o dia 20 de Janeiro, destinado para princípio dos prevenidos festejos, e tanto que com a ausência do Sol se cobriu o Hemisfério de sombras, apareceram nas janelas da circunferência da praça inumeráveis luzes, e vistosas luminárias, que deixaram todo aquele âmbito tão luminoso, como se o mesmo Sol resplandecesse no seu Zênite, e vestisse a noite as galas do meio-dia, concorrendo também arderem em todo o círculo dos palanques, vários archotes, e outros artificios luzentes.

Ao mesmo tempo que as luzes encheram a praça de alegria, não foi menor a que resultou do harmonioso estrondo de clarins, e charamelas, que alternando-se incessantemente, inquietavam os ânimos com festivos alvoroços. Adiantando-se o contentamento ao passo com que entraram a ocupar o terreno seis iguais parelhas de airosos Cavaleiros, vestidos de alegres cores, com tochas nas mãos, e ajaezados custosamente os cavalos, que depois de passarem a praça com grave, e vagaroso movimento, a trilharam com repetidas escaramuças, que terminando com uma acelerada carreira, tornaram a compor as parelhas, e retirando-se, correram as principais ruas da Cidade, que festejou o acerto, e compostura da encamisada.

Nas duas sucessivas noites continuaram as luminárias, e na de 21 se representou a Comédia, **El Conde Lucanor**, precedendo uma discreta Loa, acompanhando o fim de cada jornada bem compostos, e airosos bailes, todos dirigidos às ações heróicas, ilustres prerrogativas, e gloriosa sucessão de sua Excelência, vestidas, e ornadas as figuras com capricho, e custo, de sorte que tudo fez uma acertada demonstração da opulência, asseio, e ornato que levou a universal atenção.

Na de 22 houve Serenata em Palácio com Cantatas, e Recitados, alusivos aos mesmos encômios, remontando-se a Poesia com rasgos, e vãos, próprios do assunto, sutis no conceito, elevados no estilo.

Na de 23 se representou a Comédia **Afectos de Odio, y Amor**, com tanta pontualidade, propriedade, e acerto, que os exercitados muitos anos em semelhante gênero de representações, podiam invejar o desembaraço, expressão, e accidentes, com que os Interlocutores desta ação conseguiram repetidos aplausos. Intervindo também a novidade da Loa, bailes, e Entremeses, gala, e ornato das Figuras, numerozo concurso dos assistentes, que tudo se uniu para ser o festejo desta noite plausível, e admirável.

Na de 24 se repetiu a música com variedade de Tonos, e numerozo Coro de instrumentos, harmonioso obséquio dedicado ao mesmo culto.

Em 25 com particular capricho do Capitão de cavalos da Corte Antônio Ferrão de Castelo Branco, obséquio, e oblação sua, se representou a Comédia, **Rendir-se a la obligacion**, com tantos elogios na Loa, tanta galantaria nos Entremeses, tão nova idéia nos bailes, tanta variedade nas danças, já com minuets à Francesa, já com invenção à Espanhola, que deixado o custoso das galas, o magnifico da ostentação, só a variedade das representações, e objetos, fez com que a furação fosse de todos celebrada, e applaudida.

Interpolaram-se os dias até 28 para que desfeito o Teatro, ficasse livre a praça para o uso da cavalaria, na qual precedendo várias danças, timbales, e trombetas, com muitos cavalos à destra (circunstâncias repetidas nas mais tardes) entraram no dia mencionado os Cavaleiros em duas quadrilhas, vestidos à Francesa, uns de encarnado, e outros de amarelo, guarnecidas custosamente as casacas, guiando a primeira quadrilha Manuel Marinho Pereira, e a segunda o Capitão de Infantaria pago, Brás Rebelo Falcão, seguindo-se ao primeiro Tomé Pereira Falcão, Francisco Brandão, Antônio Muniz Telles, Luís Correia da Costa, Capitão de cavalos, e Pedro Machado Palhares, Capitão de cavalos; e ao outro o Alferes de Infantaria pago, João Félix Machado Soares, o Capitão de cavalos João Pereira da Palma, Vicente de Argolo e Meneses, o Capitão da Ordenança Martinho Ribeiro de Almeida, o Escrivão da Fazenda João Dias da Costa, todos pessoas principais, e da principal Nobreza deste Estado.

Entraram em parelhas, com lanças, e adargas, à gineta, com ricas selas, e preciosos adereços, e buscando a janla, que occupava o Excelentissimo Senhor Vice-rei, o reverenciaram com triplicado, e bizarro acatamento. Dividiram-se, rodeando a praça, cortejando aos assistentes, e tanto que se encontraram, formaram uma escaramuça de contoadas, cruzando o terreno, e em vários giros, e caracóis, e acabada, jogaram alcanzias cheias de flores, polvilhos, e águas

cheirosas, que tudo formava um vistoso objeto, e fragrante ambiente, terminando com a escaramuça de um fio, guiada por Manuel Marinho Pereira, o festejo desta tarde.

Em 29 tornaram a entrar em parelhas, e precedendo os expressados cortejos, se foram pondo em forma militar na frente de Palácio, té chegar a última parelha, que divididas pelos lados da praça, foram buscar o principio da carreira, que também de parelha passaram, tirando depois lança de sortilha, e jogando canas, fazendo por último uma escaramuça de dois fios, com que se despediram.

Logo na mesma tarde, passados poucos instantes, tornou a entrar na praça Antônio Muniz Félix, que tendo somente a idade de doze anos, manda os cavalos com tanto ar, e destreza, que faz bem merecido o maior assombro; apadrinhava-o o Capitão de cavalos Luís Correia da Costa, e buscando um, e outro a janela em que estava Sua Excelência, pedindo licença para fixarem no Mastro um cartel, que trazia o primeiro no Escudo; concedida a faculdade, e pendurado o Escudo no Mastro, dizia o cartel: Um Cavaleiro Brasileiro, menos prático, que curioso, no enobrecido exercício da Cavalaria, em obséquio do Excelentissimo Senhor Vice-rei Marquês de Angeja, a quem se dedicam as presentes festas nesta Cidade da Bahia, se põem em campo na praça dela em a tarde que se contam 30 do presente mês de Janeiro das 3 para as 4 horas, e convida por modo militar a qualquer dos Cavaleiros, que nas ditas festas correm, e aos mais que com ele quiserem tirar duas lanças à gineta, das que chama o grande Mestre desta Arte, Francisco Pinto Pacheco, de Riste, debaixo de todas as regras da disciplina de sua grande ciência, sendo prêmio aquele, que os Juizes quiserem dar, por serem francos, oferecidos da grandeza do Autor das ditas festas, e será sacamalo, ficando o vencedor na Tenda, e se atenderá aos defeitos pessoais do Cavaleiro e Padrinho, e não aos do cavalo. Fixando assim o dito cartel, se retiraram, e concluiu a ação deste dia.

No de 30 de Janeiro, se armou a um dos lados da Praça uma tenda de campanha, paramentada custosamente para descanso do Mantenedor, na qual assistiram os melhores músicos, para suavizarem as pausas desta airosa contenda com bem concertadas melodias; prevenidos também grandiosamente esquisitos refrescos de vários doces, e regalos para os Cavaleiros, e para todos os que quisessem entrar na Tenda.

Junto ao pavimento da janela em que assistia sua Excelência, se preveniu lugar para os Juizes, ornando-se com ostentosa grandeza, com panos de veludo, e brocado, e foram os nomeados Juizes para esta função, o Coronel Secretário de Estado Gonçalo Ravasco Cavalcante e Albuquerque, que discreto, prudente, generoso, e magnífico, merecia ocupar o mais supremo Areópago. Não sendo

menos o Capitão de Cavalos das Tropas da Corte Antônio Ferrão de Castelo Branco, que no exercício, e destreza militar se fez condigno Juiz deste desafio cquestre. Sucedendo igualmente o mesmo com o terceiro Juiz Miguel Teles Barreto, que no capricho, destreza, e primor é um dos melhores Cavaleiros desta América; e todos os três Juizes singularmente primorosos nesta airosa faculdade. Ao lado esquerdo deste generoso Tribunal se armou um aparador com vários, e ricos cortes das melhores Primaveras, muitas e esquisitas peças de fitas de peso para os prêmios destinados aos vencedores.

Das 3 para as 4 horas da tarde ocupada a praça de inumerável concurso, as janelas de Personagens, e bizarras, que no brilhante das fermosuras, na ostentação das galas, nos caracteres das Dignidades, e cargos, enobreciam decorosamente o Ato. Entraram os Cavaleiros assistidos da numerosa comitiva, e buscando a janela ocupada por Sua Excelência, esperaram chegasse o Mantenedor, que entrou tão bizarro, e airoso, que com emulações de Marte, merecia os aplausos de Adônis sendo mais o ar da sua galhardia, que o com que do chapéu lhe tremulava um cocar de plumas: levava por empresa na adarga pintada uma Vila, e uma Palma, e por Epígrafe as palavras de Jó: **Sicut Palma multiplicabo**; escrita em círculo com letras de ouro a Copla seguinte:

**Exaltada como Palma
Te veo Heroica Villa,
Siendo el Alma tu color
Para dilatadas vidas.**

Montava em um cavalo ruço rodado, tão grave, e airoso, que parecendo Ipogrifo no ligeiro, e levantado, no sisudo, e pausado, não parecia bruto: sela, e arreios tão custosos, que não podia subir a mais a ostentação, e ornato. Com igualdade em tudo, o acompanhava o Padrinho, sendo nos mais Cavaleiros tanta a bizarría, e pompa com que entraram esta tarde, que bem mostravam excessos de capricho, e generosidade.

Feitos a Sua Excelência os triplicados acatamentos, aos Juizes a devida reverência, girando a praça, e cortejando aos circunstantes a um, e outro lado, acompanharam o Mantenedor até a prevenida tenda, na qual o deixaram. Logo se ofereceu ao desafio o primeiro aventureiro, e passadas airosa, e velozmente as duas declaradas carreiras, ficou o Mantenedor vitorioso, e levou o primeiro prêmio, que obsequioso dedicou a Sua Excelência. Alternaram-se as contendias, e variando a Fortuna com os prêmios, ficou no campo, e ocupando a tenda como Mantenedor, o Escrivão da Fazenda João Dias da Costa, coroando-se com geral aplauso.

Pareceu tão bem este festejo, assim na variedade dos sucessos, súplicas e galantaria dos Padrinhos, e acertadas determinações dos Juizes, que se continuou na tarde de 31 terminando-se esta com a escaramuça de um fio, que guiou Manuel Marinho Pereira.

O primeiro de Fevereiro, repetidas as cerimônias da entrada, e cortejos, passaram os Cavaleiros parelhas, correram carneiros, e patos, e jogaram laranjadas, dando fim com a escaramuça de um fio, guiada pelo Capitão Brás Rebelo Falcão, retirando-se com tantos vivas, aclamações, e aplausos, de quantos se fizeram acredores na sua destreza, bizzarria, e ostentação.

Em 6 de Fevereiro se correram touros, principiando-se a festa deste dia, entrando na praça, logo que sua Excelência appareceu à janella, o Meirinho da Corte Miguel Cardoso, que feitas as cortesias, e dando lugar a que muitas, e diversas danças repetissem alternados movimentos, tomou ordem para dar aviso, a que viesse o Capitão de cavalos Luís Correia da Costa, que neste dia fez a função de Capitão da guarda, indo por Tenente Antônio Muniz Teles, acompanhados de 24 Alabardeiros, e assistido cada um de 8 lacaios, 4 vestidos ao uso bárbaro, nus da cintura para cima, com os corpos pintados, bandas, e coronilhas de plumas, coleiras, braceletes, jorcas de prata sobredourada, saietas de escarlata cobertas de passamanes de prata, e ouro, dois Andarins vestidos de Primavera, e os dois lacaios da estribeira, vestidos de pano berne apassamanados de prata com plumas verdes nos chapéus. Feitas as cortesias, e despejando a praça, se soltou o primeiro touro, que correram os toureiros de pé, remunerados de Sua Excelência com liberaes prêmios, e de outras muitas pessoas em applauso do mesmo Senhor, o que se continuou nos mais a que fizeram sortes, em uma, e outra tarde.

Ao segundo touro entrou o Cavaleiro, que foi o Ajudante Tenente Lourenço Monteiro em um cavallo, que nascido na América, mostrava ser generoso parto dos campos Andaluzes, ajaczado de custosos arreios, e concertado com uma caprichosa crina de encarnado, e prata, ornada de laços, e flores da mesma prata, e seda, que ostentava igualmente o precioso, e o esquisito; acompanhavam-no dois criados, vestidos pomposamente, para lhe administrarem os rojões; e feitas as cortesias a sua Excelência, buscou denodadamente o touro, e por este não investir, nem dar lugar a se lhe fazer sorte, saiu a mudar de cavallo, tendo prevenidos 6 para a mesma função com crinas de diversas cores. Tornou a entrar buscando repetidamente os touros, e porque vindos de larga distância, tinham perdido os alentos, impedindo assim o emprego dos rojões, a um que foi mais esperto, matou o Cavaleiro à espada; alguns dos outros se inquietavam com garruchas de fogo, e outras invectivas que fizeram vistoso o espetáculo.

Na seguinte tarde entrou só na praça o Meirinho Miguel Cardoso de Sá, e fizeram os Toureiros de pé muitas, e diversas sortes, premiados em todas, e por remate se achou obrigado o dito Meirinho a desmontar, e investir um dos Touros à espada, o que fez com denodado valor, e geral aceitação do povo.

Assim se terminaram as públicas demonstrações, e obsequiosos festejos, dedicados à gloriosa sucessão de Sua Excelência; não os afetos, e cultos, que perenes nos ânimos de todos com louros imortais, com sempre gloriosas Palmas, já tecem Diademas, já destinam coroas para os Heróis futuros que nasceram gloriosos, a eternizar felices o ínclito esplendor desta Excelentíssima Casa, que ocupando o indelével trono da memória, será imortal nas vivas do aplauso, nos Obcliscos da eternidade, etc.

[Caetano de Brito e Figueiredo]

37. RELAÇÃO DA ENTRADA QUE FEZ O EXCELENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR DOM FREI ANTÔNIO DO DESTERRO MALHEIRO BISPO DO RIO DE JANEIRO, EM O PRIMEIRO DIA DESTE PRESENTE ANO DE 1747 HAVENDO SIDO SEIS ANOS BISPO DO REINO DE ANGOLA, DONDE POR NOMEAÇÃO DE SUA MAJESTADE, E BULA PONTIFÍCIA, FOI PROMOVIDO PARA ESTA DIOCESE. COMPOSTA PELO DOUTOR LUÍS ANTÔNIO ROSADO DA CUNHA JUIZ DE FORA, E PROVIDOR DOS DEFUNTOS, E AUSENTES, CAPELAS, E RESÍDUOS DO RIO DE JANEIRO. RIO DE JANEIRO. NA SEGUNDA OFICINA DE ANTÔNIO ISIDORO DA FONSECA. 1747 [...]

RELAÇÃO
DA ENTRADA QUE FEZ

O Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor

DOM FREI ANTONIO
DO DESTERRO MALHEIRO

Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste presente
Ano de 1747 havendo sido seis Anos Bispo do Reino de
Angola, donde por nomeação de Sua Majestade, e Bula
Pontificia, foi promovido para esta
Diocese.

COMPOSTA PELO DOUTOR
LUÍS ANTONIO ROSADO
DA CUNHA

**Juiz de Fora, e Provedor dos defuntos, e ausentes
Capelas, e Resíduos do Rio de Janeiro.**

RIO DE JANEIRO

Na Segunda Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca.

Ano de MDCCXLVII

Com licenças do Senhor Bispo.

RELAÇÃO
DA ENTRADA QUE FEZ
O Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor

DOM FREI ANTÔNIO
DO DESTERRO MALHEIRO

**Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste
presente Ano de 1747. havendo sido seis Anos
Bispo do Reino de Angola, donde por
nomeação de Sua Majestade, e Bula
Pontificia, foi permutado para esta
Diocese.**

Com a notícia de estar nomeado há mais de uma ano Bispo desta Diocese, o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Antônio do Desterro, que atualmente na Cidade de Loanda, estava com o mesmo emprego; se alvoroçaram os ânimos destes povos, na esperança de conseguirem um Prelado, cheio de tantas prendas, quantas se contem em tão qualificado sujeito, e recebida na dita de Loanda, a mesma notícia, e Bula de permutação no ano antecedente, determinou sua Excelência Reverendíssima o seu transporte para esta Cidade, com sentimento universal daquele Reino, e viajando para este porto, chegou a ele em o primeiro de Dezembro de 1746 com a felicidade, que apetecia a nossa expectativa, fazendo-se esta mais desejada pela antecedência de uns tristes augúrios, causados de alguns dias de demora com que Sua Excelência Reverendíssima, excedeu o comum desta viagem, e por se dizer que sua Excelência Reverendíssima, não podia tomar este porto, o grande afeto do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Capitão General, destas Capitánias, Gomes Freire de Andrade, cuidou em livrar de maior cuidado a este Povo, como também a seu desvelo, mandando com toda a pressa, preparar um Iate, de Sua Majestade, que se achava neste porto vindo da Corte, um mês antes, e nele fez embarcar, Joseph Fernandes Pinto Alpoim Cavalheiro Professo na Ordem de Cristo, Tenente General de Mestre de Campo, e Sargento Mor da Artilharia, e mais alguma comitiva, a

fim de que saísse pela barra fora, e buscasse as Ilhas de Maricá, onde corria voz, havia arribado sua Excelência Reverendíssima, e que tendo feliz encontro, o houvesse de transportar no mesmo Iate, para esta Cidade, e com efeito Surcando parte de algumas Ilhas, por não encontrar o navio, que procuravam, cuja divisa faria certo, voltou no mesmo dia para dentro, por achar favorável o vento, e se avaliou por apócrifa a nova, que na Cidade corria; porém na segunda-feira ao meio-dia, fez sinal a Fortaleza de Santa Cruz, para esta Cidade, de haver chegado à Barra sua Excelência Reverendíssima, e logo o Illustríssimo, e Excelentíssimo Governador, e Capitão General, se embarcou no escaler, e acompanhado dos Tenentes Generais, foi levado ao Navio, e junto à Barra o tomou, a fim de cumprimentar a sua Excelência Reverendíssima, e continuando a viagem para terra pelo rio acima, concorria multidão de povo, às praias ao som dos beligeros ecos com que as Fortalezas, e Navios, salvavam a sua Excelência Reverendíssima, e dando fundo junto à Ilha das Cobras, concorreu o Governador do Bispado, que atualmente exercia, o Cônego Doutoral Henrique Moreira de Carvalho, a cumprimentar a sua Excelência Reverendíssima acompanhado do Reverendo Arce-diago, o Doutor José de Sousa Ribeiro de Araújo, e outros Capitulares, que por parte do seu Cabido, faziam o mesmo obséquio, e assim destes como dos Ministros, Prelados, e Nobreza, recebia com inexplicável benevolência, este cortejo.

E como tinha destinado para seu aposento interino, o Convento de São Bento, por seu filho deste grande Patriarca, junto à noite, passando-se ao Escaler do Governo, acompanhado do Illustríssimo, e Excelentíssimo General, Governador do Bispado, Ministros, e Cônegos Capitulares, se recolheu ao mesmo Convento, no qual esteve alguns dias, recebendo os parabéns, que lhe rendiam as suas ovelhas.

E por ser tão estimável esta chegada, em o dia 11 do mesmo mês de Dezembro, se preparou, e deu princípio a uma noite Ática, na representação da Ópera intitulada **Felinto Exaltado**, com excelente Música, e os representantes especiosamente vestidos, que no luzido das pedras, com que se guarneciam, mostrava o brilhante deste ato, ao qual assistiram Suas Excelências, Mestres de Campo, Ministros, Religiões, e Nobreza, convidados pelo Doutor Juiz de Fora, que pelo afeto, e obrigação a sua Excelência Reverendíssima, lhe permitiu este obséquio claustral, sendo para os assistentes de contento este agradável passatempo; e finalizada com grandioso púcaro de água, que sua Excelência Reverendíssima ofertou ao Illustríssimo, e Excelentíssimo Governador, e Capitão General, se deu por completa a função.

E como da fadiga da viagem, quisesse sua Excelência Reverendíssima, descansar, antes de fazer a primeira entrada nesta Cidade, mandou tomar posse do seu Bispado, pelo Governador, que havia

sido dele, o Doutoral Henrique Moreira de Carvalho, assistindo o Ilustríssimo, e Excelentíssimo General, com o luzido concurso desta Cidade, e sendo preciso a sua Excelência Reverendíssima tomar algum remédio brando, que os Médicos, lhe applicaram, para se segurar da indisposição, com que no mar um difluxo o havia oprimido; demorou o gosto de se fazer público a este Povo, dando-o maior na extensão do tempo, para que a sua entrada, se houvesse de fazer aparatosa, o que não poderia ser em breves dias, motivo porque pré-finito o tempo para a entrada, se formaram sete Arcos, sendo o primeiro no fim da ladeira de São Bento, por onde sua Excelência Reverendíssima havia de dar a sua entrada para a Catedral, movidos os Corações de seus Autores, pela eficácia, e rogativa, com que os homens de negócio, sem vexame do povo, podiam fazer esta grandiosa ostentação, na expressão com que os viu o Doutor Ouvidor Geral Manuel Amaro Pena de Mesquita Pinto, que uniformes condescenderam à execução do seu empenho.

Oito dias antes participou sua Excelência Reverendíssima ao Governo, Câmara, e Cabido, que no primeiro de Janeiro determinava fazer a sua entrada, a qual se efetuou na maneira seguinte.

Avisaram-se pelo Doutor Vigário Geral de sua Excelência Reverendíssima e por editais, os Clérigos, e Confrarias, para que se achassem pelas duas horas da tarde, no Convento de São Bento, donde em ato processional acompanhariam a sua Excelência Reverendíssima para sua Catedral, e para haver de lograr-se o vistoso aparato, e magnificência dos Arcos, por onde se havia fazer a Procissão, no mesmo dia de manhã se descobriram estes primorosamente ornados, como também as ruas, e janelas, que estas de ricas tapeçarias, e aquelas de alcatifadas flores, que por ordem do Senado se mandaram assim preparar, faziam uma agradável perspectiva aos que as viam, e pelas duas horas mandou o Ilustríssimo, e Excelentíssimo General, bordar as mesmas ruas, com os três Terços pagos comandados pelos seus Mestres de Campo Matias Coelho de Sousa, Pedro de Azambuja Ribeiro, e André Ribeiro Coutinho, o dos Auxiliares, por João Aries de Aguirra, e a Cavalaria, pelo seu Coronel Matias de Castro de Morais Sarmiento e Pimentel, e assim disposta a soldadesca, junto às três horas saiu da Casa do Governo o nosso, Ilustríssimo, e Excelentíssimo Capitão General, em um rico paquebote a quatro, com dois cavalos à direita, acompanhado de uma esquadra, para o lugar do Convento de São Bento, onde se achava sua Excelência Reverendíssima e depois de o cumprimentar, montado a cavalo, e acompanhado dos Tenentes Generais, vários Officiais, e da mesma esquadra, desceu a ver as ruas, e forma com que se [achava] a soldadesca, em cujo luzimento tanto se tem empenhado o seu zelo, e achando-as na regularidade das suas ordens, se recolheu novamente ao Convento, para acompanhar a sua Excelência Reverendíssima.

Pelas 4 horas da tarde saiu da Casa da Câmara o Senado, com o Estandarte, e por não haver Alferes próprio da Cidade; elegeu o mesmo Senado ao Doutor Inácio José da Mota Leite, Cavaleiro na ordem de Cristo, Cidadão, e Procurador, que tinha sido o ano passado para que o levasse, acompanhando os Cidadãos para o lugar de São Bento, para a assistência desta entrada, pela participação, que lhe fez sua Excelência Reverendíssima e conduziu sua Excelência Reverendíssima para o Altar Maior a fim de se praticarem as cerimônias do Ritual Romano, se revestiu de Pontifical, e a porta principal do Convento o esperou o Senado, para receber a bênção de sua Excelência Reverendíssima onde se achavam oito Cidadãos, para pegarem nas varas do Pálio, como se lhes havia detriminado, (sic) e o Ilustríssimo Excelentíssimo General, e Senado, seguiam processionalmente a sua Excelência Reverendíssima e porque nesta Cidade se achava João Malheiro Reimão Pereira, Fidalgo da Casa de Sua Majestade; Irmão de sua Excelência Reverendíssima. Houve por bem o mesmo Excelentíssimo, e Reverendo Senhor, que pela razão do vínculo, lhe servisse de seu Caudatário, e ao chapéu, Cristóvão Muniz Barreto de Meneses, e na Capa Viatória, Tomás de Gouveia Coutinho, que o afeto, e distinção de suas pessoas os dispôs para este emprego, que sua Excelência Reverendíssima lhes destinou, e assim disposta esta lustrosa entrada, chegou sua Excelência Reverendíssima ao primeiro Arco, de tão elevada altura, quanta se compreende em 80 palmos, tendo 40 de largura, cujos pedestais, e remates se enlaçavam com especiosa seda de matizes, com guarnições de franjas, galões de prata, e tão custosamente adornado, que a mesta natureza devia contemplar o especioso dele, e chegando sua Excelência Reverendíssima a este maravilhoso portento, enquanto a Música, em suaves metros, mostrava a gratulação deste dia, em que Juno se empenhava pela felicidade, que à imitação dos Romanos, em um tal mês se lhes prosperava, desciam dois Anjos de uma nuvem de tão rara louçania, e tão belo alinhio, que parece o mesmo Iris os produziu, e descendo junto ao Pálio, tributaram a sua Excelência Reverendíssima os ductas, e oblações do seu amor.

Em distância de 50 passos se havia formado o segundo Arco, com não menos Arquitetura, pois tinha de elevado 90 palmos, e de largura 50 também de lustrosas sedas. Continuava o terceiro Arco, no meio da rua direita, cuja construção podia competir com uma das sete maravilhas do Mundo, por ser toda a sua Arquitetura Coríntia, tendo as medidas como pedia a arte, pois se formava em quatro faces, e de altura levava 106 palmos, e de circunferência 50 e porque a obsequiosa demonstração de seus Autores, se não dava completa se não fosse esquisita a sua fábrica, cogitaram, que nos bordados, e tecidos de Arachene eram diminutos enfeites para o seu desempenho; porque só na especialidade da vistosa louça da Índia, achavam o luzi-

mento desta portentosa, e elevada máquina, e assim todo este excelso monte formaram destes embutidos, postos com tão rara energia, que quanto mais se contemplava, mais a admiração crescia, e para que esta invenção de Vênus, e Flora, não tivesse o dezar de arguida, antes que na sua formosura crescesse desta manufatória composição o elogio, junto aos ângulos, e convexos do mesmo Arco, estavam duas fontes, que no cristalino de suas correntes, e sussuro, que em si faziam atraíam os passos dos caminhantes vendo-se um prado ameno, e delicioso com vistosas flores, que Pomona preparara, estando este jardim de Flora, ornado de sonoras melodias, que ao som dos instrumentos repetiam alegres prazeres, e júbilos estimáveis, em aplauso de sua Excelência Reverendíssima fazendo-se esta estância deliciosa, e peregrina, pelo copado de uma parreira, que punha em maior amenidade o sítio que não havia parte nele, que não fosse de admiração, e de inveja aos Arquitetos famigerados.

Seguia-se o quarto Arco, que tinha de altura 60 palmos e 40 de largo com tanta candura, que parece Netuno se empenhou na formação deste edificio; pois se elevava em encrespadas espumas, formadas nas mais finas cambraias, que a natureza criou, que matizadas estas de ígneas cores, e pendentes de inchadas nuvens, se viam preciosas peças, de prata, sendo este círculo um sinal da paz, que a filha de Taumante, com este Príncipe, felicita.

Não menos engraçado se via o 5. Arco, que por ser de branda fera, com especialidade se formou para um tal dia, como símbolo, geroglífico do nosso preclaríssimo Prelado, que sendo arminho pró-puro, será brando por essência, tendo de altura 5. palmos com 30. de largo.

Em pouca distância deste se admirava o sexto Arco, de magnífica corpulência, formando-se na altura de 60. palmos, e de largo 40. vendo-se um Céu cerúleo, que no brilhante das estrelas, de que se adornava, narravam a glória deste firmamento, e para que em tudo fosse Céu esta científica fábrica, não só flores dele se esparsiam, mas dois Anjos em doces trinados faziam um engraçado duo, em que felicitavam ao som do toque de Orfeu, os corações de seus Arquitetos a sua Excelência Reverendíssima.

Fechava estes lustes o 7. Arco, que tinha por emprego, e divisa a da Justiça, cuja obra por pertencer a Minerva, tanto tinha de Dórica, como Jônica, pois para o seu enfeite, e sua duração se apuraram os Zeuzes dos nossos tempos para o engrossado das suas pinturas, e perpetuação da sua rebustez, pois em 70. palmos de altura, queria elevar-se ao mesmo impíreo, levando do centro da terra, esta fábrica a mesma hesitação da Deusa Astréia, que nos seus capitéis, com o Imperador Justiniano, estavam como de cadeira ditando os dogmas mais puros, governo de um tão preclaro Prelado, ornando-se

o suave das Leis com o doce do métrico, que os Músicos entoavam em aplauso do nosso ínclito Pastor, com vários Epigramas Latinos, em que Apolo influiu os divinos espiritos dos engenhos, que cantavam seu louvor.

Concluindo-se estas sete maravilhões, nos seus remates, com a insígnia mitral, e engrandecidas tarjas as armas dos Malheiros, e Reimões, solar da illustre casa de sua Excelência Reverendíssima, na Província do Minho, na sempre nobre, leal, e engraçada Vila de Viana.

Chegou enfim sua Excelência Reverendíssima, à sua Cathedral, onde à porta principal o esperou o Deão da mesma Sé, e com a devida genuflexão deu a Sua Excelência Reverendíssima, o aspersário, e preparado o Turíbulo, se lhe deram os ductos na forma, que determina a Igreja, e levado ao Altar do Sacramento, onde fez oração, se entou os dois Coros de Música, o Te Deum laudamus, e passando-se ao Altar Mor, se fizeram as mais cerimônias, da Igreja, com a recitação da Oração, e com a bênção por sua Excelência Reverendíssima ao povo, se conduziu para o lugar do Docel, acompanhado dos Cônegos Assistentes, e pelo Mestre das cerimônias, foi levado do Arco Cruzeiro, em que se achava, o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Capitão General, ao lugar, onde sua Excelência Reverendíssima estava, para que na bênção paternal, e osculação do anel, se encendessem novos afetos com esta cordial demonstração, e acompanhado para o lugar, continuou o Cabido, e como se achavam presentes os Ministros, e Senado, foram pelo mesmo Mestre das cerimônias conduzidos, acompanhando a mesma osculação o Estandarte, a receber de Sua Excelência Reverendíssima, participando a mesma graça, às pessoas nobres, Religiões, e Cleresia, dando-se fim a esta lustrosa função, com este indulto de sua Excelência Reverendíssima, que despedido dos hábitos Pontificais, pelos Cônegos Assistentes, tomaram logo a capa viatória da mão de Tomás de Gouveia Coutinho, e lançando-a aos ombros de Sua Excelência Reverendíssima, se pôs a caminho para o seu Palácio, disparando ao mesmo tempo as salvas, que aos Terços tinha ordenado o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Capitão General, que sendo no estrondo tão uniformes, faziam estupefatos os ouvidos, e não menos da engenhosa invenção das peças de artilharia, que ao mesmo tempo despediam de si vários tiros, e como da Sé, ao Palácio de sua Excelência Reverendíssima, haja alguma distância, se meteu sua Excelência Reverendíssima, na sua liteira, com o seu Caudatário, e montado o Ilustríssimo, Excelentíssimo Capitão General, em um galhardo bruto, acompanhado dos Tenentes Generais, e mais Officiais, se pôs diante da liteira em marcha, e algumas pessoas em carruagens, e na retaguarda a Cavalaria, comandada pelo seu Coronel, té o lugar do aposento, e [habitação] de sua Excelência Reverendíssima, e por que

não fosse só o dia o que gozasse tamanho bem, quis a noite mostrar-se lisonjeira com o luzimento das luminárias, e repiques, com que a Cidade aplaudia esta apetevida entrada de sua Excelência Reverendíssima.

FIM

**EXCELENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO
SENHOR:**

Diz Antonio Isidoro da Fonseca, que ele pretende imprimir a Relação inclusa, mas como não esteja inda revista por Vossa Excelência tanto como Inquisidor Delegado, como Ordinário, para se ver se tem coisa, que ofenda à nossa Santa Fé,

O muito Reverendo
Padre Mestre Cristóvão Cordeiro, veja o papel incluso.

PEDE a Vossa Excelência que vista que seja a dita Relação não tendo coisa contra os bons costumes, conceda Vossa Excelência a dita graça por ser obra volante.

Dom Frei Antônio do Desterro.

**APROVAÇÃO DO MUITO REVERENDO PADRE
MESTRE CRISTÓVÃO CORDEIRO ETC:**

Vi, e li o papel incluso, e não achei nele coisa alguma contra a nossa Santa Fé, e bons costumes. Colégio do Rio 21 de Janeiro de 1747.

Cristóvão Cordeiro.

Pode-se imprimir, e não correrá sem ser revisto para ver se está conforme o Original. Rio 18 de Janeiro de 1747.

Dom Frei Antônio do Desterro.

Está conforme o seu Original Colégio do Rio 7 de Fevereiro de 1747.

Cristóvão Cordeiro.

Visto estar conforme o Original pode correr. Rio de Janeiro 7 de Fevereiro de 1747.

Dom Frei Antônio do Desterro.

EM APLAUSO

Do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor.

DOM FREI ANTÔNIO DO DESTERRO

Malheiro

Digníssimo Bispo desta Cidade.

ROMANCE HERÓICO

Dourado Deus, que no Parnaso habitas,
um pouco meu clamor hoje me escuta;
Porque invocando os teus portentos raros,
em meu favor tenha as nove Musas.

Cio, Erato, Talia, e a bela Euterpe,
Terpsicore, e Melpômene, e essa aguda,
com Nicósia, Calíope, Urânia rara,
me inspirem favor, que o canto influa.

As Gorgonas, os Faunos, e as Arpias,
a mesma Cintia, que atenções tributa,
grata Cibeles do habitável vasto,
Clara Anfitrite de argentada espuma;

Venham, Netuno desse reino undoso,
e o fero Plutão de habitação escura,
Prosepina também de Elísios campos,
a dar-me com Jove auxílio, ajuda,

Desse Olimpo as Deidades Veneradas,
e de Ixião a roda, em que labuta,
e os subterrâneos báratros do Atlante,
com todos os encantos de Medusa:

As Nereides, as Tágides, e as Ninfas,
dos semi-Deuses majestade augusta,
de Panupéia a Flauta portentosa,
de Orfeu a Lira, que melíflua pulsa:

Tudo propício em meu favor conspire
neste dia, em que Antônio raios cruza
com Mitra, que cinge, e Báculo rege,
famoso Capitão de Armas cerúleas.

Também o licor puro da Castália,
que o sacro Pindo líquido circula,
de Hipocrene esse influxo delicado,
que vadeia na florida espessura.

Com seus diques me banhe, e administre
cristalinos influxos de Aretusa;
porque os golfos do Metro doce cantem
dos Reimões esta rama, excelsa augusta,

Este famoso Herói, em quem se espera,
substituto de Pedro, se o reclusa
no Trono Episcopal régio destino,
foi por glória nos dar certa, e segura;

E se dela o favor hoje se obstenta,
polidamente serei, porque me instrua,
em agigantar Clarins a seu aplauso,
e do curto louvor subster a injúria.

Ó augusto Arquivo alto Tesouro
de pureza, a Aônia mais fecunda,
Influi-me também cadência ao Pletro
pois que só assim terá ventura:

E se a posse te dá solene culto,
de Balduíno farei firme a figura,
que de esmeralda no prato obsequioso
te oferte em louvor de flores Plumaz;

Se da América em trevas esta Esfera
do Rio tão banhada, e sempre imunda,
clamava contra a sorte em teu retiro,
já canta com tua luz ditas futuras.

Em coloços de Ofir quadras de Jaspe,
com granizado Aljôfar te debuxa;
porque em lâminas claras se eternize,
és um mapa de fulgor, que não caduca;

Em Trompas de Cristal, Parches de ouro,
de mármore em clarins, de prata tubas,
aumenta, e entoa a Fama altos pregões,
e Anfião, e Arion glória retunda:

De um Pólo a outro Pólo, Délio altivo,
mais três plantas sublimes hoje ilustra;
pois produzem de ouro pinhas raras,
que transcendem Brasões de mor altura:

O mesmo Marte, e Belona os estandartes,
a um Castelo rendem, porque inculca
valor tanto, e respeito, que esmorece
o poder maior da força astuta:

Linda Flora, que rege as rosas belas,
as flores mais fragantes, e verduras,
só a duas de Lis se humilha, e oferece,
por distantes das mais nunca comuas;

E como deste escudo és dominante,
e com o Bento Timbre se quadrupla,
devem todos render firme oblação,
e eu também decantá-lo sem escusa;

Mas como minha Musa vê não pode,
subir tanto, quanto o timbre inculca,
A suplicar-te licença me encaminho;
pois lá podem chegar só vozes mudas.

Vive pois nesse Trono sempre augusto
Príncipe, da Igreja, enquanto a Cúria,
na Cadeira de Pedro, alta a Tiara,
te não imprime, e aclama toda a turba;

E em repetidos vivos te decante
da Agigântea a esclarecida fúria;
porque vivas na Fama eternamente,
com vivas, que fiéis não faltem nunca.

EPIGRAMMA

Aspicias, ut Praesul cum maiestate plateas
 Circulet, et stabilem ponat in urbe Domum.
 Hic uir, hic est, tibi quem primiti saepius audis,
 Cuius iam decorat bina Tiara Caput.
 Hic uir, hic est luis Regnis ad maxima natus,
 Africa quem luget, Brasila terra tenet.
 Hic uir, hic est gemino laudari dignus in orbe:
 In laudes Regio non satis una fuit,
 Hic uir, hic est tandem summa uirtute coruscans:
 Omnis in hoc uno Praesul e Praesul adest.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

ACIHNA, quae plateas, et compita circinat urbis,
 Praesulis aduentum testificata sui,
 De super ostentat, claesque, Petrique Tiarum,
 Queis nouus Antistes conspiciendus erit.
 Clauibus his aditus uenienti panditur urbis,
 Praesul ut his populo pandat in astra uiam.
 Et Mitra, quae summae decorat fastigia molis,
 Sol est, Herois quo decoretur Apex. (1)

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

LILIA, quae claro florent pro stemmate, Praesul,
 Accipe, Mitrarum Flos Amaranthus eris.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

HAEC tibi sacra dies, niueo signanda lapillo,
 Qua Te iterum illustrem digna Tiara petit.
 Accipe pro meritis flores, meritissime Praesul,
 Florentas arcus florida Mitra beat.

[S.I.A.]

(1) Nota a margem do texto: Sol apud Egep. Mitra dicitur.

EPIGRAMMA

QUOT plateas ornat arcus, tot certa parantur,
 Quae capiti ueniunt, seu diadema, tuo.

Talia certa decent, dederant cui Jura Coronam.
 Lusaque Doctorem buccinat Aula suum.

Nunc etiam Flumen uarios sinuatur in arcus,
 Ut sua Magnanimo pareat unda uiro.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

ARCIBUS ornatas radiantibus ecce plateas
 Ingreditur Praesul, qui modo Castra locat.

Tampla fagitti ferro petit ille sacrata Sebasto;
 Arcubus hinc merito suscipiendus erat.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

ARUA mitrato consurgit uertice Pinus;
 Quam tulit auriferi lusia ripa Tagi;

Et modo nostratis translata ad Fluminis oras
 Pullulat, et ramis sidera celsa petit.

Huc, Pecus, huc adsis, quo Caelitis aura Fauoni;
 Arboris est quo te blandior umbra uocat.

Fronde sub hac Zephiri Captabis amabile frigus;
 Fronde sub hac flores non sine fruge leges.

Germen io! felix! O magni Praesulis Arbor!
 Parturient rami quam bona mala tui!

Ut tamen irrigux Crescant ad nubila frondes,
 Non satis hic nostri Fluminis haustus erit;

Incrementa dabit Tybris (si auguror) Horto
 In que Quirinali grandior Arbor eris.

Sic Vaticanum Contiges uertice Olympum,
 Pendebitque tuis Insula terna Comis.

[S.I.A.]

SONETO

Em lâminas de ouro, ou jaspe duro
 Vosso nome gravar a antiguidade,
 Ao conceito parece indignidade
 Deixar a fama, o sacrifício impuro.

Na lembrança das gentes conjecturo
 Que fica mais decente a Majestade,
 Na Fama só parece estar seguro,
 Pois de Antônio a ilustre dignidade.

O Rio o vosso nome Ilustre aclama,
 A Fama o levará à nobre história,
 A história a luz desperta o peito inflama,

E para eternizar vossa memória,
 Se no Mundo acabar a vossa Fama,
 Na lembrança terá eterna glória.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

FORTUNATA Dies, anni melioris Origo,
 In qua Flumineo Fraesul in orbe sedit.

Haec erit illa dies niueo signanda lapillo,
 Qua nouus Antites Culmen honoris adit.

Talibus auspiciis redeat felicior annus,
 Quem modo conspiciamus Sole micare nouo.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

ROMA triumphales taceat Mauortia louros,
 Nec sua Caesareos iactet Arena pedes.

Maior Fluminea miratur in orbe triumphus,
 Inclita Pontificem dum Capit illa suum.

Hinc Romanorum sileat iam fama triumphos,
 Dum sonat Eximium Fluminis unda Virum.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

Si uariis surgit distincta coloribus iris,
Cum Phaebus lucis spicula flaua uibrat.

Caelestis dicar, no fallor, discolor arcus,
Me clara Phaebo luce replente nouo.

[S.I.A.]

EPIGRAMMA

ASTREAM in terras aetas trahit aurea Caelo;
In Iouis e terris ferrea regna fugat.

Iam nunc, ni fallor, terras Astraea petiuit,
Nunc terri aetas aurea rursus erit.

[S.I.A.]

38. **RELAÇÃO DA VIAGEM, E ENTRADA, QUE FEZ O EXCELENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR DOM FREI MIGUEL DE BULHÕES E SOUSA, SAGRADO BISPO DE MÁLACA, E TERCEIRO BISPO DO GRÃO PARÁ PARA ESTA SUA DIOCESE: ESCRITA POR UM DOS SEUS FAMILIARES. LISBOA. NA OFICINA DE MANUEL SOARES. ANO DE 1749. COM AS LICENÇAS NECESSÁRIAS. [S.I.A.] [Ed. 1749].**

RELAÇÃO

DA VIAGEM, E ENTRADA, QUE FEZ

O Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor

**DOM FREI MIGUEL
DE BULHÕES E SOUSA,**

Sagrado Bispo de Málaca, e Terceiro Bispo
do Grão Pará para esta sua Diocese:

Escrita por um dos seus Familiares.

Livre dos negócios da Corte o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo do Grã Pará, Dom Frei Miguel de Bulhões e Sousa; e vencidas todas as dificuldades, que se opuseram contrárias ao êxito das Naus, se embarcou Sua Excelência na Charrua Nossa Senhora da Conceição, e Santa Ana, Capitão Marcos do Amaral, na manhã de 17 de setembro de 1748, tendo feito já esta diligência a sua família no dia 15 a Levou a (sic) Nau ferro em 19 pelas quatro horas da tarde; mas como o mar estava oposto, a maré contrária, e a noite chegada, ancorou-se de frente da quinta do Duque do Cadaval no Sítio de Pedrouços. Aqui estivemos até 21; esperando a serenidade do tempo, porquanto em 20 se sentiu uma pequena tempestade, que, posto foi breve na duração, contudo causou susto, como disseram as Naus, que tinham saído no dia determinado. Neste dia 21, que foi Sábado, e consagrado pela Igreja aos aplausos do Apóstolo São Mateus, saímos pela barra fora com tão feliz viagem, e ventos tão prósperos, que pelas 3 horas da tarde avistamos as Frotas de Pernambuco, e Rio de Janeiro, que todos faziam no mar uma agradável perspectiva. Era a Capitânea Nossa Senhora das Necessidades, Capitão Dom Manuel Henriques de Noronha, e Almirante a Nau Nossa Senhora da Nazaré, Capitão Antônio Pereira Borges. Logo que sua Excelência se entregou às águas, ordenou que todas as noites se rezasse o Terço de Nossa Senhora como feliz Advogada, e Protetora dos Navegantes, fazendo-se memória de São Domingos, Santo Antônio, Almas, Santa Ana, e Nossa Senhora da Conceição. Caminhamos sempre com ventos favoráveis, e em 26 se avistou um Navio Holandês, que depois de cumprimentar a Capitânea, e de lhe

obedecer, seguiu o seu caminho. Em 27 se falaram as Naus de Guerra, e se despediram, lançando cada uma Salva Real, que constava de 13 peças. Este mesmo obséquo executaram em 23. Em 27 logo pela manhã se viram muitos pássaros, e se inferiu que estávamos perto das Ilhas. Não foi errado este conceito, porquanto quase às 3 horas de tarde, indo a Nau com o governo a Oeste, se viu a Ilha da Madeira, que dista da Corte de Lisboa 150 léguas.

Festejou-se o bom sucesso, e se despediu a Almirante, em que ia embarcado o Excelentíssimo Senhor Conde de Lavradio, Governador de Angola, o qual ia à mesma Ilha buscar gente, e refazer-se do que precisasse, as mais Naus seguiram o caminho de Oeste. Elegeu-se em lugar desta Nau a de Campelos. Até 29 tivemos feliz viagem, e como este dia se consagrava aos cultos do Arcanjo São Miguel, disse Sua Excelência Missa, e nesta noite se aplaudiu o seu nome não só no metro Português, mas no Latino. Pediu a nossa Charrua no dia 30 licença à Capitânea para seguir o seu rumo, e esta lhe mandou pelas 3 horas de tarde um Escaler, no qual vinha um Oficial de Guerra com ordem de poder dar o consentimento. Tanto que este chegou, logo a Capitânea deu em obséquo a Sua Excelência uma Salva Real, alternando-se este estrondoso louvor com o sonoro toque de Clarins, e Timbales, o que durou enquanto na Nossa Nau se demorou o Oficial. Tivemos notícia da feliz disposição de Luís Garcia de Bivar Governador da Nova Colônia, e de outras pessoas particulares. Despediu o Oficial, deu a nossa Nau nove peças, as quais repetiu, tanto que este chegou à Capitânea, a qual correspondeu com a mesma igualdade de tiros, não cessando a melodia dos instrumentos. Seguiram os Navios do Pará o caminho de Sudoeste. Chegou o primeiro de Outubro, e pôs a nossa Nau fâmula para que os quatro Navios da conserva soubessem qual era a Capitânea, e nessa tarde vieram à fala a Galera, a Divina Providência, e Santo Antônio de Lisboa, Capitão João da Silva Ledo, em que iam os Religiosos da Companhia, e Nossa Senhora do Monte do Carmo, e São José, Capitão Agostinho dos Santos. Tomou-se neste dia o Sol, e nos achamos nas alturas das Ilhas Canárias: com ventos favoráveis, e viagem feliz chegamos em 8 à altura das dez Ilhas de Cabo Verde, fazendo-se mais certa esta observação em 9 pelas 4 horas da manhã, em que a Nau Nossa Senhora de Nazaré, e Santo Antônio, Capitão Manuel Travassos, fez sinal com uma peça de terra. Foi o Gageiro ao mastro grande, e se avistou em distância de duas léguas a Ilha de Santo Antão, de que é ao presente Capitão Mor João de Távora, cujo governo estabeleceu o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Marquês de Gouveia, como Donatário da mesma Ilha. Esta vigilância nos serviu de grande motivo para a felicidade. A 10 nos falou a mesma Nau, que nos tinha feito o aviso.

Em 11 nos veio falar a primeira vez a Nau Nossa Senhora do Loreto, e Almas, em que iam os Religiosos Carmelitas; e quando se despediram obsequiaram a Sua Excelência com sete tiros, e a nossa Nau os agradeceu com cinco. Desde que saímos de Lisboa até entrarmos no Maranhão nunca perdemos de vista os Navios, antes fizermos uma excelente conserva. Tendo chegado à altura de nove graus da linha para o Norte nos principiou a calmar o vento, a relan-paguear o Céu da parte do Norte, a fazer trovões, e a cair chuva. Logo tememos as calmarias, e para que estas não chegassem nos valem do patrocínio de Nossa Senhora da Piedade, principiando em 7 uma Novena. Inda que tínhamos tão grande Protectora, contudo não quis Deus ouvir nossos rogos; continuaram maiores os ventos contrários; de tal sorte que nos apartaram bastantemente do caminho. A 22 veio pouco vento, e como neste dia cumpria Sua Majestade 59 anos, determinou Sua Excelência que se fizesse mais glorioso o dia com os louvores da eloquência, e por isso ordenou uma Academia, que toda se encaminhasse às singulares ações do nosso Monarca. Nela orou Sua Excelência fazendo em pequeno quadro douto compêndio das maravilhas deste Príncipe; foram Problemáticos os muitos Reverendos Padres Frei Teotônio Inácio de Azevedo Coutinho, e Manuel Nunes Fontes: este Doutor formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, e Vigário Geral do Pará, aquele Religioso da Ordem dos Pregadores, e Secretário de Sua Excelência. Recitaram-se as Obras, que se tinham composto aos assuntos, e pode admitir a brevidade do tempo, e fechou o ato com um breve Panegírico a Sua Majestade Manuel Ferreira Leonardo, Familiar de Sua Excelência. Tanto que se finalizou este aplauso, se nublou com tanta escuridade o Céu, que nos horrorizou, e introduziu susto, mas logo se desfez tão grande trovoadá. Até 31 sentimos as calmas, mas passados 19 dias de tormento continuado, logramos a antiga felicidade dos ventos desde o primeiro de Novembro. A 3 começaram os ventos gerais na altura de quatro graus, estes se alargaram em quatro, e a noite deste dia foi a mais clara que tivemos em toda a viagem. Falou-nos segunda vez a Nau Nossa Senhora do Loureto, e Almas em 4, e em 7 pelas 9 horas da manhã se avistaram 3 penedos, a que os Náuticos chamam as Vigias, e distam para o Norte da linha em grau. Esta notícia a participou a nossa Nau com uma peça, a que todas as mais responderam com bandeiras. Em 8 pelas 10 horas da manhã passamos a linha Equinocial. Encheu-se a altura do Maranhão a 9 e nesta noite principiamos a buscar a terra, e como estávamos muito a Leste, deu sinal com uma peça pelas 8 horas e meia da noite do dia 12 a Nau Nossa Senhora do Loureto, e Almas de a ter descoberta. Lançou-se depois de muita alegria o plumbo ao mar, e nos achamos em 25 braças de fundo. Puseram-se luzes nos Navios, como sinais do

contentamento. Em 13 e 14 sempre avistamos terra, sendo a primeira o Ceará, pertencente ao Bispado de Pernambuco, e na noite deste dia nos falou a Nau Nossa Senhora da Nazaré, e Santo Antônio, e nos deu notícia de que levava muita gente doente, e que dos moços da maréação só seis iam capazes do trabalho. Ferraram-se as velas, casaram-se os cabos, e preparou-se o plumbo, porque os restingues nesta costa são perigosos. Pôs a nossa Nau lampião no Gurupês, e junto ao mastro da bandeira, para saber se estavam todos unidos, e juntamente dar sinal para desvelejam; mas como dois Navios não viram o sinal, ordenou o nosso Capitão se lançasse peça. Tiraram-se duas, e logo as Naus corresponderam com as luzes. Em 14 à noite demos fundo em 21 braças por temor dos restingues, e ser este costume, e preceito do Roteiro da navegação. Em 15 ancorou-se na enseada do Maranhão. Duas vezes se repetiu esta cautela no dia 16 e depois de fendida a âncora, e vencido o trabalho, que neste dia foi imenso, surgimos defronte da Cidade de São Luís do Maranhão no mesmo dia pelas cinco horas da tarde, dia em que a Igreja aplica os imensos louvores da Beata Luísa de Narni da Ordem dos Pregadores. Em toda a Costa, que tem de extensão mais de 150 léguas, passamos Ceará Cahohi, Siope Coru, e Mandahu, Aricati, Açu, Mirim, Caracu, Jericoara, o Rio Camocim, Paraná, Mirim, Tamônia, Igaruçu, Parnaíba, Lanções pequenos, e grandes, Rio das Preguiças, Mangues Verdes, Rio de Marim, Ilha do Peréa de Santa Ana, do Mido, Aracaji, Tapuitapera, Itacolumim, e a Fortaleza de São Marcos.

Tanto que ao mar lançamos âncora, vieram a bordo os Padres da Companhia, os Religiosos do Carmo, Mercês, e Capuchos. Por parte do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Francisco de São Tiago Prelado do Maranhão veio cumprimentar a Sua Excelência (depois de lhe ter escrito em 15 oferecendo-lhe a Palácio para descanso da jornada) o Doutor Vigário Geral do Maranhão João Rodrigues Covete, o Doutor José dos Reis Moreira Arcediago da Sé, e o Muito Reverendo Padre Frei Jerônimo de Nossa Senhora do Monte Carmelo, Secretário de Sua Excelência, e Religioso de São Francisco da Província de Portugal. Da nobreza secular concorreu a maior parte, e todos estimaram a felicidade da viagem. Saiu Sua Excelência da Nau, e apenas chegou à praia o estavam esperando o Excelentíssimo Senhor Bispo do Maranhão, e o Senhor Governador Francisco Pedro de Mendonça Gorião. Foi conduzido à Cathedral com grande concurso secular, e Eclesiástico: ajoelhado, cantou-se o **Te Deum laudamus**, com grande ostentação, e repiques de todos os Conventos; e acabado este vistoso ato, acompanhando-o todos os Cônegos, e Beneficiados da Sé se recolheu ao Palácio Episcopal. Quando desembarcou o salvou a Nau Nossa Senhora da Nazaré, e Santo Antônio com 9 tiros com os mesmos o tinha obsequiado o

Forte de São Francisco, e o da Cidade, aos quais correspondeu igualmente a nossa Nau. Principou a ser visitado das pessoas mais principais, e o Cabido no dia 17 o veio cumprimentar; correspondeu Sua Excelência a estes obséquios, e principiou a mostrar-se agradecido aos Religiosos, em cujos Conventos lhe fizeram todas as honras, que ordena o Cerimonial Romano. Em 21 assistiu Sua Excelência à solenidade do Orago da Sé Nossa Senhora da Vitória, em cujo dia se dão as graças por se haver restaurado do Francês o Maranhão. Acompanhou a procissão, e toda a sua Família. Enfim depois de 75 dias de descanso se embarcou Sua Excelência a 3 de Fevereiro de 1749 pelas 8 horas da manhã. Caminhou-se bem, e deu-se fundo à primeira vez defronte da ponta da Itacolomim, onde antes que ancorasse deu nos baixos das Canavieiras a Nau Nossa Senhora da Nazaré, e Santo Antônio; e depois que a Nau não pode sustentar a força das águas, deu na boca da barra do Maranhão defronte do Forte, chamado da Ponta da areia no dia 5 pelas 10 horas da noite em que a maior parte das fazendas se perderam, e as que se salvaram todas sentiram ruína. Da gente não perigou ninguém. Logo este successo nos causou tristeza, e nos introduziu sentimento, e se verificou esta infelicidade pelo correio que chegou ao Pará em 25 de Março de 1749. Cresceram as águas, e se desancorou a Nau, e estando nós pelas 10 horas da noite, 4 do mês, junto da Ilha de São João, veio uma tempestade tão forte, que foi preciso desvelejar-se a Nau, porque o vento fazia tal impressão, ainda nas vergas, e mastros, que chegamos a dar em 4 braças escassas; estando a Costa bravíssima, e as terras fumadas. Não se aplacou o rigor, e a fúria não pelas 5 horas da manhã, que a continuar um mais breve espaço certamente ficaríamos despojo das ondas. Neste dia nos tinha falado a Nau Nossa Senhora do Monte do Carmo, e São José, e a Galera Nossa Senhora da Guia, e Santo Antônio, e Almas, Capitão Manuel Machado Teixeira, a qual saiu de Lisboa a 12 de Agosto de 1748 e chegou ao Maranhão a 24 de Setembro.

Em 6 veio à fala a Nau Nossa Senhora do Loureto, e Almas, e em 7 pelo meio-dia se avistaram as Salinas, e por isso se deu de noite fundo. Passaram-se em 8 com felicidade os baixos da Tigiosa, e depois de se ver já roças pertencentes aos moradores da Cidade do Pará, ancorou-se pelas 3 horas da manhã do dia 9 defronte da Ponta do Mel; e pelas 2 horas da tarde deste mesmo dia deu fundo a Nau defronte das casas para onde foi assistir Sua Excelência. Passamos as alturas do Cumã, a ponta de João Vaz Calhau, Corimatã, Moconambuba, Cabelo da Velha, Carsapocira, Ilha de São João, o Rio Turiarna, as Baías de Turivaçu, Mutuoca, Carara, Maraussamé, Pirocavá, Tiromauba, Guireribas, o Monte Gurupi (que divide o Bispado do Maranhão, do Pará) Caité, Pereauna, Percatinga, Giranunga, Senamboca,

Punga, Managituba, Maracanã, Cotiperu, Meriquiqui, o Monte Pirauçu, Piramerim, Guarapipá, Viriaorduba, Salinas, Tijiocá, a Ilha de Joanes (que tem 80 léguas de comprimento, e 300 de circuito) os Areais dos Tupinambás, a Baía de Sol, as Ilhas das Onças, e Redonda; as fortalezas da Cidade, e barra, salvaram a Sua Excelência, a que a nossa Nau correspondeu. Saimos dela pelas 5 horas da tarde, e na praia estavam esperando a Sua Excelência o seu Antecessor Dom Frei Guilherme de São José, e o Excelentíssimo Senhor Governador que do Maranhão tinha partido por terra.

A 13 de Dezembro de 1748 concorreram vários Religiosos, Nobreza, e pessoas particulares. Estava formado à porta de Sua Excelência o Regimento da Cidade, cujos Officiaes executaram as políticas dos seus empregos com aquele desembaraço, que ordenam os preceitos Militares. Recolheu-se o novo Prelado ao seu Palácio, ao qual concorreram todas as pessoas dando-lhes os parabéns da felicidade da Viagem. A Cidade, para expressar o seu júbilo expôs em nove dez e onze públicas luminárias, e os Conventos mostraram o seu alvoroço com o suave toque dos sinos. Algumas casas nobres, o Convento do Carmo, e o Colégio de Santo Alexandre dos Padres da Companhia dilataram por mais tempo o seu contentamento. Determinando Sua Excelência fazer sua entrada pública em Sábado 15 na manhã de 14 tomou o juramento no seu Oratório, e daqui passou a tomar posse em seu nome o Doutor João Rodrigues Pereira Arcediago da Sé. No dia determinado para a posse saiu Sua Excelência do seu Palácio pelas 7 horas da manhã montado em um Cavallo branco, e com Capa Magna. Chegou defronte da Igreja das Mercês, onde determinou a Câmara fossem as portas da Cidade, e depois de apeado, osculada a Cruz à entrada da Igreja, foi para o seu Docel, que estava preparado na Capela Mor, aonde depositos os vestidos Viatórios, se paramentou dos Pontificais, e finalizadas aquelas Cerimônias, que ordena o Cerimonial dos Bispos, foi a cavallo debaixo de um rico Pállo levando a rédea o Governador, o Estribo Lourenço Anveres Pacheco, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, e Provedor Mor da Fazenda Real, e a Cauda o Capitão Mor da Praça João de Almeida da Mata. Chegado ao Arco triumphal, no qual, além das Armas Reais, e de Sua Excelência, estavam pendentes vários dísticos, e obras métricas, ouviu Sua Excelência uma breve oração recitada pelo Vereador Caetano Rufino, e acompanhado das Comunidades das Mercês, e Carmo, vários Religiosos Capuchos, da Companhia, e Nobreza chegou à Cathedral, aonde, com excelência, e primor, se executaram todas as ações que se observam nestes solenes dias. Dada a bênção Episcopal a todo o povo, se recolheu ao seu Palácio pelas 10 horas, em o qual começou novamente a receber os parabéns, e depois agradeceu benigno a tanto obséquio. Como Sua Excelência

queria manifestar às suas Ovelhas o grande afeto que lhes mostrava, pretendeu agradecer com maiores tesouros os seus aplausos. Elegeu para teatro deste primoroso designio o Colégio de Santo Alexandre dos Religiosos da Companhia, dando princípio a um Tríduo em 25 de Março de 1749 no qual, finalizado o seu primeiro Pontifical, deu a Comunhão a todas as pessoas que estavam dispostas para receber este Sacramento. No último dia pregou Sua Excelência, e mandou distribuir pelo Povo várias Relíquias. É voz constante que ainda o Pará não viu semelhante solenidade. Nestes, e em outros virtuosos, e necessários empregos exercita todo o seu desvelo este Excelentíssimo Prelado; cuja vida seja tão dilatada, que venha o Pará a ser o mimo da Márcia, já que ao presente se vê reduzido ao miserável estado de uma Epidemia; e para a nova estabilidade devemos implorar o auxílio do Céu, e os favores da Providência.

LISBOA

Na Oficina de MANUEL SOARES. Ano de 1749. Com as licenças necessárias.

Esta Relação se vende na calçada de Santa Ana na mesma Oficina, no adro de São Domingos, nos papelistas do Terreiro do Paço, e nas portas da Misericórdia; na mesma parte se achará a um livrinho de oitavo intitulado: Espelho Místico, com várias devoções.

ÍNDICE GERAL DO VOL. III

ÍNDICE

TOMO 1

	Págs.
1. Relação da Aclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro [...] por Jorge Rodrigues, 1641	1
2. Sentimentos Públicos de Pernambuco na Morte do Sereníssimo Infante Dom Duarte [...] Pelo Padre Frei Bernardo Braga, 1650	13
2.1 [Justificativa] Senhor	17
2.2 Aos Leitores	19
2.3 [...] ao Mausoléu do Sereníssimo Infante, Ardendo em muitos fogos. Soneto I, do Alferes Agostinho Iácome da Fraga	20
2.4 A entrega iníqua, que o Imperador de Alemanha fez da Pessoa do Sereníssimo Infante, Soneto II, Do mesmo Alferes	20
2.5 [ORAÇÃO], Padre Frei Bernardo Braga	21
3. Oração Fúnebre que disse o Licenciado Antônio da Silva, [...] nas Exéquias Da Sereníssima Princesa Dona Isabel Luísa Josefa, [...], 1691	49
3.1 [Dedicatória] A Senhora Dona Luísa Maria De Men- donça, e Sá, Antônio da Silva	53
3.2 A Morte da Sereníssima Senhora Princesa de Portugal, Soneto, [S.I.A.].....	54
3.3 A Morte da Sereníssima Senhora Princesa de Portugal, Soneto, [S.I.A.]	55
3.4 Exéquias da Sereníssima Senhora Princesa de Portugal celebradas em Pernambuco, Soneto, [S.I.A.]	55
3.5 Ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Montebelo nas majestosas Exéquias, que fez à Sereníssima Senhora Princesa de Portugal, Soneto, [S.I.A.]	56
3.6 A Senhora Dona Luísa de Mendonça e Sá, Marquesa de Montebelo, etc. [...], Soneto, [S.I.A.]	56
3.7 [ORAÇÃO], Antônio da Silva	56
4. Breve Compêndio, e Narração do Fúnebre Espetáculo, [...] na Morte de El-Rei Dom Pedro II, Sebastião da Rocha Pita, 1709	73
4.1 [Dedicatória] Senhor Sebastião da Rocha Pita	77
4.2 Em louvor do Autor, Soneto, Francisco de Sousa de Almada	78
4.3 Ad librum, et eius Authorem, Epigramma, [S.I.A.]	79
4.4 Ao mesmo Assunto, Soneto, [S.I.A.]	79
4.5 Ao mesmo assunto, Décima, [S.I.A.]	80

	Págs.	
4.6	Em aplauso do Autor no sentimento que oferece às memórias do Sereníssimo Senhor Rei Dom Pedro II, Soneto, Luís Botelho Frois de Figueiredo	80
4.7	Ao Autor, Soneto, Félix Machado	81
4.8	Ao Autor, Soneto, Luís do Couto Félix	81
4.9	Ao Autor, Soneto, Visconde de Asseca	82
4.10	Em louvor do Autor, Soneto, [S.I.A.]	82
4.11	Ao Autor, Soneto, [S.I.A.]	83
4.12	Al mismo Autor, [...], Soneto, Joseph Soares da Silva	83
4.13	As Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II que a Bahia celebrou, escritas, e dadas à estampa pelo Coronel Sebastião da Rocha Pita, Soneto, Padre João de Almeida	84
4.14	A grandeza do Túmulo com que a Cidade da Bahia celebrou as Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II, Soneto, Júlio de Melo de Castro	84
4.15	Ao Autor do livro, em que se descrevem as Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II, Soneto, Júlio de Melo de Castro	85
4.16	Licenças do Santo Officio	86
4.17	Licenças do Ordinário	88
4.18	Licenças do Paço	88
4.19	[ORAÇÃO], Sebastião da Rocha Pita	89
4.20	Sonetos do Autor, Ao Túmulo, que ao Sereníssimo Senhor Dom Pedro Segundo se fez na Cidade da Bahia Cabeça do Brasil, porção maior do Império Lusitano, Soneto, [Sebastião da Rocha Pita]	98
4.21	A imagem da Morte, que sobre o Túmulo estava coroada, tendo numa mão a Fama, e na outra a Eternidade, Soneto [Sebastião da Rocha Pita]	99
4.22	Na morte do Sereníssimo Senhor Dom Pedro Segundo Rei de Portugal, Soneto, [Sebastião da Rocha Pita]	99
4.23	Romance do Autor, Al Mausoleo ardiendo en fuegos, y vistiendo lutos, [Sebastião da Rocha Pita]	100
4.24	Na morte de El-Rei Dom Pedro Segundo nosso Senhor, Glosa, Gonçalo Soares da Franca	102
4.25	Fala a Bahia à suntuosa Essa [...] Soneto do mesmo, [Gonçalo Soares da Franca]	104
4.26	Epitáfio en el Mausoleu del Serenissimo Rey Dom Pedro Segundo nuestro Señor, Soneto do mesmo, Gonçalo Soares da Franca	104
4.27	Descrição no Túmulo de El-Rei nosso Senhor, ponderando o seu Mausoléu nas quatro partes do mundo, Soneto do mesmo, [Gonçalo Soares da Franca]	105
4.28	Epitáfio no sepulcro de El-Rei nosso Senhor, achado no Poema do imortal Luís de Camões pelo dito Licenciado Gonçalo Soares da Franca, Soneto	105
4.29	Pondera-se a única razão de alívio no universal sentimento da morte de El-Rei nosso Senhor Dom Pedro Segundo, Soneto do mesmo, [Gonçalo Soares da Franca]	106

	Págs.	
4.30	Do mesmo. A Bahia muda, [Gonçalo Soares da Franca]	107
4.31	Epigramas, Na Morte del-Rei nosso Senhor. Do mesmo, Epigrama I, Pinta-se a Fé, a Piedade, o Zelo, sustentando uma escada, por cujos degraus irá subindo uma Coroa [Gonçalo Soares da Franca]	108
4.32	Epigrama II, Pinta-se a Morte, o Esquecimento, querendo deter uma Coroa com duas asas, que voará livremente ao Céu, o qual estará também pintado da parte superior, [Gonçalo Soares da Franca]	108
4.33	Epigrama III, Pinta-se uma mão fazendo subir uma cabeça coroada: e outra cabeça com coroa debaixo de um docel, [Gonçalo Soares da Franca]	109
4.34	Epigrama IV, Pinta-se uma Custódia conduzida por dois Anjos: e El-Rei, que sobe a recebê-la, [Gonçalo Soares da Franca]	109
4.35	Epigrama V, Pinta-se um Gentio Americano, um Etiope, um Chim, um Malabar, porfiando sobre qual primeiro abrirá uma porta, para por ela ir entrando uma alma coroada, com um livro na mão, [Gonçalo Soares da Franca]	109
4.36	Epigrama VI, Pinta-se um Cetro sobre um globo pisado de dois pés, [Gonçalo Soares da Franca]	110
4.37	Epigrama VII, Pinta-se a Catedral da Bahia vacilante, [Gonçalo Soares da Franca]	110
4.38	Epigrama VIII, Pinta-se um braço tendo igualmente uma espada nua, e uma tocha acesa, [Gonçalo Soares da Franca]	110
4.39	Epigrama IX, Pinta-se uma balança com igualdade, tendo de uma parte um homem morto, e da outra um defunto ressuscitando, [Gonçalo Soares da Franca]	111
4.40	Epigrama X, Pinta-se a figura da Bahia chorosa, olhando para uma Alma, que estará da parte interior do Céu, [Gonçalo Soares da Franca]	111
4.41	Epigrama XI, Pinta-se uma Urna com cinzas na mão de uma Dama, saindo-lhe do peito um incêndio, e dois rios dos olhos. [Gonçalo Soares da Franca]	112
4.42	Epigrama XII, Pinta-se o Povo da Bahia triste, e pensativo, chorando sobre uma Caveira, [Gonçalo Soares da Franca]	112
4.43	Epigrama XIII, Pintam-se duas Coroas subindo, uma ao Céu, outra a um Trono, [Gonçalo Soares da Franca] ..	112
4.44	Inscrições para as quatro figuras superiores da Essa. Europa sobre um Touro, cercando-a o Tejo, [S. I. A.] ..	113
4.45	América sobre um Tigre, cercando-a o Grão Pará, [S.I.A.]	113
4.46	Bahia muda, Soneto, João Álvares Soares	114
4.47	Bahia admirada, Soneto, [João Álvares Soares]	114
4.48	Bahia sentida, Soneto, [João Álvares Soares]	115
4.49	Bahia chorosa, Soneto, [João Álvares Soares]	115
4.50	Bahia quadrifons, in quatuor Mausolei frontibus depicta, semper una, eademque pathetica, Epigrammata, Padre João de Faria e Sousa	116

	Págs.
4.51 Epigrama, [Padre João de Faria e Sousa]	116
4.52 Epigrama, [Padre João de Faria e Sousa]	116
4.53 Ao Túmulo, que na Cidade da Bahia se fez na morte de El-Rei Dom Pedro II Senhor nosso, Soneto, Capitão Tomé de Faria Monteiro	117
4.54 Soneto, [Capitão Tomé de Faria Monteiro]	117
4.55 Sermão nas Exéquias de El-Rei Dom Pedro II Senhor nosso, Celebradas na Catedral Metropolitana da Cidade da Bahia, aos 20 de outubro do ano 1707, Domingos Ramos	118
5. Diário Histórico das Celebridades, que na Cidade da Bahia, [...] pelos Felicíssimos Casamentos dos Sereníssimos [...] Príncipes de Portugal, e Castela; [...], José Ferreira de Matos, 1729	139
5.1 Dedicatória, Ilustríssimo Senhor	143
5.2 Ao Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor Arcebispo da Bahia Dom Luís Alvares de Figueiredo, autor das prin- cipais grandezas, que viu esta Cidade nesta ação de graças, Soneto, Henrique de Sousa Freire	144
5.3 Ao Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes, Deão da Sé da Bahia, Orador na presente ação de graças, Soneto, Henrique de Sousa Freire	145
5.4 Ao Reverendo Licenciado José Ferreira de Mattos, Autor do Diário Histórico, Soneto, Henrique de Sousa Freire ..	145
5.5 Licenças do Santo Ofício, do Ordinário, do Paço	146
5.6 Diário Histórico [DESCRIÇÃO]	147
5.7 Ação de Graças, que na Sé Metropolitana da Bahia se fez pela felicíssima Exaltação do Eminentíssimo Senhor Cardeal da Mota	164
5.8 Sermão na Ação de Graças, que na Catedral da Bahia se celebrou pelos felicíssimos casamentos dos Sereníssimos casamentos dos Sereníssimos Senhores Príncipes de Por- tugal, e Castela, [...], Sebastião do Vale Pontes	165
5.9 Dedicatória, Ilustríssimo Senhor	166
5.10 [Sermão], Sebastião do Vale Pontes	170
6. Triunfo Eucarístico [...] em Vila Rica Côrte da Capitania das Minas, [...] Simão Ferreira Machado, 1733	191
6.1 [Dedicatória]	195
6.2 Licenças do Santo Ofício, do Ordinário, do Paço	196
6.3 Prévía alocutória	199
6.4 Triunfo Eucarístico, [Sermão], Simão Ferreira Machado	205

TOMO 2

7. Súmula Triunfal da Nova e Grande Celebridade do Glorioso e Invicto Mártir São Gonçalo Garcia [...], Sotério da Silva Ribeiro, 1745	7
7.1 Introdução, Da Direção	9
7.2 Dedicatória	11
7.3 Dedicatória, Sotério da Silva Ribeiro	13

	Págs.	
7.4	Introdução	15
7.5	Forma da Ordem da Procissão	24
7.6	Carro Triunfal	32
7.7	Carro Triunfal, em que ia o Glorioso Mártir	39
7.8	Formada da Cavalhada	42
7.9	Titulos das Comédias, La Fianza satisfecha	46
7.10	Descrição Métrica	48
7.11	Academia	55
7.12	Oração Academia	55
7.13	Soneto, [S.I.A.]	55
7.14	Mote, [S.I.A.]	59
7.15	Mote geral, Glosa, Inácio Ribeiro Noia	62
7.16	Mote geral, Glosa, Manuel Ribeiro	64
7.17	Mote geral, Glosa, Manuel Félix da Cruz	65
7.18	Mote geral, Glosa, Francisco de Sousa Magalhães	67
7.19	Mote geral, Glosa, Felipe Néri da Trindade	68
7.20	Mote geral, Glosa, Inácio Duarte	69
7.21	Mote geral, Glosa, Antônio Planger Aranha	71
7.22	Mote geral, Glosa, Capitão Francisco Soares, e Silva ..	72
7.23	Mote geral, Glosa, Felipe Benício	73
7.24	Mote geral, Glosa, Antônio Boia Benavide	75
7.25	Mote geral, Glosa, Padre Antônio Pereira	76
7.26	Assunto Particular. Mostrar em um assunto a eficácia com que São Gonçalo Garcia da Cruz do seu martírio exortava aos mais companheiros que dessem a vida por Cristo. Soneto, Inácio Ribeiro Noia	77
7.27	Assunto Acadêmico Particular. Qual dos dois Martírios foi maior para São Gonçalo, se o que padeceru, ou o desejo de padecer. Oitavas, Manuel Ribeiro	78
7.28	Assunto Acadêmico Particular. Mostrar a Glória, que o Santo Mártir goza no Céu. Décimas, Manoel Félix da Cruz	80
7.29	Assunto Acadêmico Particular. Mostrar-se o gosto, e contentamento, que teve São Gonçalo Garcia quando o Tirano o prendeu para o martirizar. Oitavas, Francisco de Sousa Magalhães	83
7.30	Assunto Particular. Mostrar a São Gonçalo Garcia deixando as riquezas, e delícias do mundo pela Religião. Soneto, Padre Felipe Néri	86
7.31	Assunto Particular. Descrição da coroação, que fizeram os Anjos a São Gonçalo Garcia pelo martírio, que recebeu. Décimas, Inácio Duarte	87
7.32	É assunto para mostrar a São Gonçalo Garcia traspassado a lanças por Cristo. Silva, Antônio Splanger Aranha	90
7.33	Assunto Altíssimo Particular. Mote, Décimas, Capitão Francisco de Sales, e Silva	93
7.34	Louvores ao Presidente, Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Tendo orado em verso em louvor de São Gonçalo Garcia, Epigramma, [S.I.A.]	95

	Págs.	
7.35	Versem em Soneto, Inácio Ribeiro Noia	95
7.36	Décimas Laudatórias ao Presidente da Academia o Reverendo Doutor José Correia de Melo na celebração de São Gonçalo Garcia, Manuel Ribeiro	96
7.37	Em louvor do Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo. Presidente da Academia, Manuel Félix da Cruz ..	97
7.38	Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Presidente da Academia, Soneto, Iosephi penna Martis superat mucronem	98
7.39	Epigramma, [S.I.A.]	98
7.40	Soneto em esdrúxulos, Francisco de Sousa Magalhães	99
7.41	Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Presidente da Academia, Soneto, [S.I.A.]	99
7.42	Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo [...], Epigramma, Felipe Néri da Trindade	100
7.43	Ao Muito Reverendo Doutor José Correia de Melo, Presidente da Academia, Décimas, [S.I.A.]	100
7.44	Soneto, Inácio Duarte	101
7.45	Redondilhas em eco, Ao Reverendo Doutor Presidente, [S.I.A.]	101
7.46	Ao Muito Reverendo Doutor Presidente, José Correia de Melo, Soneto, Padre Antônio Pereira	102
7.47	Ao Muito Reverendo Doutor, Soneto, [Francisco de Sales e Silva]	103
7.48	Décimas, Capitão Francisco de Sales e Silva	103
7.49	Resposta, que dá o Presidente aos Academicos, Soneto, [José Correia de Melo]	104
7.50	Por fim de todas as Obras, Décima, [José Correia de Melo]	105
8.	Aureo Trono Episcopal, colocado nas Minas do Ouro, ou Notícia Breve da Criação do Novo Bispado Marianense, [...], [dado à luz por Francisco Ribeiro da Silva] 1749	107
8.1	Dedicatória, Preclaríssimo, e Gloriosíssimo Senhor São Bernardo [Francisco Ribeiro da Silva]	111
8.2	Licenças do Santo Officio, do Ordinário, do Paço	112
8.3	[Narração]	114
8.4	Texto, [José de Andrade e Moraes]	137
8.5	Glosa, [José de Andrade e Moraes]	137
8.6	Entre outros, que merecedores da estampa não se imprimem, por não avultar o volume, repetiu o Reverendo Padre Gregório dos Reis e Melo este Canto Heroico, fundado no Cântico de Simeão: <i>Nunc dimittis seruum tuum Domine, etc.</i>	141
8.7	[Narração — continuação]	150
8.8	Ordem da Procissão	152
8.9	Soneto, Cônego Francisco Xavier da Silva	154

	Págs.	
8.10	Oitavas, [S.I.A.]	154
8.11	Soneto Acróstico, [S.I.A.]	157
8.12	[Narração — confirmação]	157
8.13	Seguiam-se todas as Irmandades, e Confrarias da Sé ..	164
8.14	Oração Acadêmica, e Congratulatória à felicíssima, e desejada entrada do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz [...], José de Andrade e Moraes	166
8.15	In laudem Reuerendissimi, ac Sapientissimi Praesidis, Décima, Cônego Francisco Xavier da Silva	175
8.16	Soneto, [Cônego Xavier da Silva]	176
8.17	Soneto joco-sério, [Cônego Francisco Xavier da Silva]	176
8.18	Soneto, Reverendo José Felipe de Gusmão e Silva	177
8.19	Soneto, João Coelho Gato de Amorim	177
8.20	[Assunto] Foi assunto da Academia a pena, e saudade do Maranhão na ausência do Excelentíssimo, e Reveren- díssimo Senhor Dom Frei Manuel da Cruz, Bispo que foi daquela Diocese, é a glória de Mariana na posse do mesmo Excelentíssimo Senhor, seu primeiro digníssimo Bispo	178
8.21	Epigramma, Antônio Dias Cordeiro	178
8.22	Epigramma, Floriano de Toledo e Piza	178
8.23	Allud, [Floriano de Toledo e Piza]..	179
8.24	Epigramma, Reverendo José Felipe de Gusmão e Silva	179
8.25	Elegia, João Coelho Gato de Amorim	179
8.26	Soneto Diacróstico, [Reverendo José de Andrade e Moraes]	180
8.27	Soneto, [José de Andrade e Moraes]	181
8.28	Soneto, Cônego Manuel de Pinho Cardido	181
8.29	Soneto, Cônego Francisco Xavier da Silva	182
8.30	Soneto, [Francisco Xavier da Silva]	182
8.31	Soneto, Reverendo José Felipe de Gusmão e Silva	183
8.32	Soneto, [José Felipe de Gusmão e Silva]	183
8.33	Soneto, [José Felipe de Gusmão e Silva]	183
8.34	Invocatória a Sua Excelência Reverendíssima, So- neto, [S. I. A.]	184
8.35	Invocatória ao Sereníssimo Presidente, Soneto, [S.I.A.]	185
8.36	Ao assunto. Soneto, [S.I.A.]	185
8.37	Glosa, Padre Diogo Álvares da Silva	186
8.38	Canto Heróico, Gregório dos Reis de Melo	189
8.39	Silva joco-séria, Sancho Pança de Apolo	195
8.40	Mote, Glosa, Padre Diogo Álvares da Silva	199
8.41	O mesmo Mote, Glosa, Sancho Pança de Apolo	200
8.42	Sermão no Segundo Dia do Tríduo, com que se celebrou a Criação, e dedicação da nova Catedral de Mariana [...] pregou-o o Muito Reverendo Doutor José de Andrade e Moraes [...]	202

	Págs.
9. Monumento do Agradecimento, Tributo da Veneração, Obelisco Funeral do Obséquio, Relação Fiel das Reais Exéquias [...] dedicou o Doutor Matias Antônio Salgado, 1751	223
9.1 Relação Fiel das Reais Exéquias da defunta Majestade do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei e Senhor Dom João V, Manuel José Correia, e Alvarenga	227
9.2 Sermão recitado pelo Vigário de São João de El-Rei, o Doutor Matias Antônio Salgado, nas Exéquias, que fez celebrar ao Fidelíssimo Rei, e Senhor Dom João V	245
10. Relação das Festas que se fizeram em Pernambuco pela Feliz Aclamação do Muito Alto, e Poderoso Rei de Portugal Dom José I [...], Felipe Néri Correia, 1751/1752	257
10.1 Carta para o Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo de Pernambuco Dom Luís de Santa Teresa	261
10.2 Carta circular para os Prelados das Religiões	262
10.3 Carta para a Câmara da Cidade de Olinda	262
10.4 Carta para a Câmara da Vila do Recife	262
10.5 Carta aos Oficiais da Câmara do Recife	267
10.6 Carta para os Oficiais da Câmara do Recife	267
10.7 Soneto Anônimo	270
11. Relação das Festas que fez Luís Garcia de Bivar [...], pela Feliz Aclamação do Nosso Fidelíssimo Rei o Senhor Dom José o I, [S. I. A.], 1752	271

TOMO 3

12. Gemidos Seráficos, Demonstrações sentidas, e Obséquios dolorosos nas Exéquias funerais, que pela Morte do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei o Senhor Dom João V fez celebrar nos Conventos da Província de Santo Antônio do Brasil [...] Frei Gervásio do Rosário [...], 1755	7
12.1 [Dedicatória], Senhora	11
12.2 [Relação], Frei Gervásio do Rosário	15
12.3 Licenças da Ordem, do Santo Ofício, do Ordinário, do Paço	26
12.4 In obitu Domini Ioannis V. Portugaliae Regis Epigramma, [S. I. A.]	33
12.5 Aliud, [S. I. A.]	33
12.6 Ad Dominum Ioannem Quintum [...], Epigramma, [S. I. A.]	33
12.7 Domini Ioanni V. Lusitaniae Regi, Epigramma, [S. I. A.]	34
12.8 De Assimilatione Dominis Ioannis V. [...], Epigramma, [S. I. A.]	34
12.9 Super Numerum Quinarium omnia includentem, [...], Epigramma, [S. I. A.]	35
12.10 Ao Sobrenome do Sereníssimo Rei Dom João V, [...], Décima, [S. I. A.]	35
12.11 Dignissimus Ioanni V. Portugaliae Regi. Epitaphium, [S. I. A.]	36
12.12 Epitaphium Acrostichon, [S. I. A.]	36

	Págs.
12.13 Inscriptio Acrostichon, [S. I. A.]	36
12.14 Eidem Subditorum inconsolabiliter deplorato. Epigramma, [S. I. A.]	37
12.15 Aliud, [S. I. A.]	37
12.16 Eidem, [S. I. A.]	37
12.17 Praeclarissimus Dignissimus Ionnes V. [...], Epigramma [S. I. A.]	38
12.18 Desideratissimus Dignissimus Ioannes V. [...], Epigram- ma, [S. I. A.]	38
12.19 Aliud, [S. I. A.]	38
12.20 Aliud, [S. I. A.]	38
12.21 Aliud, [S. I. A.]	39
12.22 Die Veneris, Cadente Sole, e uiuis sublatus est, Epi- gramma, [S. I. A.]	39
12.23 Elegia, [S. I. A.]	39
12.24 Suspiros Saudosos à Lamentada Morte do Sereníssimo Senhor Dom João V. [...], Soneto, [S. I. A.]	41
12.25 Soneto, [S. I. A.]	42
12.26 Soneto, [S. I. A.]	42
12.27 Soneto, [S. I. A.]	43
12.28 A Majestade Augusta do Senhor Dom João V. [...], Soneto, [S. I. A.]	43
12.29 Lenitivo na Morte do Sereníssimo Senhor Dom João V. [...], Soneto, [S. I. A.]	44
12.30 Epitáfio, [S. I. A.]	44
12.31 Oração nas Exéquias funerais do Fidelíssimo, e Augus- tíssimo Rei de Portugal Dom João V. Celebradas no Con- vento de Santo Antônio do Recife em Pernambuco [...] a os 12 de mês de dezembro de 1750, que recitou [...] Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão	45
12.32 Sermão nas Exéquias do Fidelíssimo e Augustíssimo Dom João V. pregado no Convento de Nossa Senhora das Ne- ves, da Cidade de Olinda, por Frei Serafim de Santo Antônio [...]	67
12.33 Sermão nas Exéquias do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei Dom João V. pregado no Convento de Santo Antônio da Vila de Iguaraçu Pelo Reverendo Padre Mestre Frei José da Conceição [...]	83
12.34 Oração Panegírico Fúnebre na Morte do Fidelíssimo e Augustíssimo Dom João V. Exposta no Convento de Santo Antônio do Lugar de Ipojuca, Pelo Padre Frei de Santa Ângela, [...]	109
12.35 Sermão nas Exéquias Funerais do Sereníssimo Rei, e Se- nhor Dom João V. que por ordem do Reverendíssimo Padre Pregador Frei Gervásio do Rosário [...] Frei José dos Santos Cosme e Damião	137
12.36 Sermão nas Exéquias do Fidelíssimo e Augustíssimo Dom João V. pregado no Convento do Seráfico Padre São Francisco da Vila de Sergipe do Conde, pelo Muito Reve- rendo Padre Mestre Frei João de Deus [...]	161

	Págs.
13. Narração panegírico-histórica das festividades com que a Cidade da Bahia solenizou os felicíssimos desposórios da Princesa Nossa Senhora com o Sereníssimo Senhor Infante Dom Pedro, oferecida a El-Rei Nosso Senhor por seu autor o Reverendo Padre Manuel de Cerqueira Torres, Bahiense, etc. [1760]	191
13.1 Licenças do Paço	193
13.2 Disposição das Festas	197
13.3 Princípios das Festividades	198
13.4 Soneto [S.I.A.]	201
13.5 Continuação das Festas	202
13.6 Festa na Catedral e Procissão	210
13.7 Cavalaria no Terreiro	216
13.8 Touros no Terreiro	219
13.9 Fogo Último Complemento das Festas	225

TOMO 4

14. Relação das Faustíssimas Festas que celebrou a Câmara da Vila de Nossa Senhora da Purificação, e Santo Amaro da Comarca da Bahia pelos [...] Desposórios da [...] Senhora Dona Maria [...] com [...] Dom Pedro, por Francisco Calmon, 1762	7
14.1 [Dedicatória] Ao Senhor Sebastião Borges de Barros	11
14.2 Ao Senhor Francisco Calmon, Soneto, João Borges de Barros	13
14.3 Ao nobilíssimo e eruditíssimo Autor [...], Soneto, Padre Domingos da Silva Teles	14
14.4 Al medesimo assunto, Soneto, Padre Domenico Silva Teles	14
14.5 Al mismo asunto, Soneto, Padre Domingo da Silva Teles	15
14.6 Ao mesmo Autor. Soneto, Manuel Ferreira Neves	15
14.7 Relação, [Francisco Calmon]	17
14.8 Licenças do Santo Ofício, do Ordinário, do Paço	23
15. Epanáfora Festiva, ou Relação Sumária das Festas, com que na Cidade do Rio de Janeiro, [...] se celebrou o Feliz Nascimento do Sereníssimo Príncipe da Beira Nosso Senhor, [S.I.A.], 1763	25
16. Catálogo Epipomptêutico dos Aplausos Soleníssimos, que na Vila [...] de São Francisco de Sergipe do Conde [...] em Obséquio dos [...] Desposórios da Sereníssima Princesa dos Brasis [...] com o Sereníssimo Infante Dom Pedro [...] por Frei Bento da Apresentação, 1760	39
16.1 [Dedicatória] Senhor Juiz Ordinário Bernardo de Siqueira Lima e Meneses, Frei Bento da Apresentação	43
16.2 Prefácio	45
16.3 [Relação] Catálogo, Frei Bento da Apresentação	47
17. Relação das Festas Públicas, que na Cidade de São Paulo fez [...] Dom Luís Antônio de Sousa em Louvor da Senhora Santa Ana [...], [S.I.A.] 1770	55
17.1 Relação, [S.I.A.]	59
17.2 O cartel, de que se faz menção [...] se compunha da Fábula de Tirésias [...] [S.I.A.]	65

	Págs.
17.3 O sermão, que pregou o Reverendo Padre Mestre Frei José Manuel de Sampaio, na manhã do domingo 19 de agosto [...]	69
17.4 O Sermão, que pregou o Reverendo Padre Mestre Doutor em Teologia Frei Salvador Machado na tarde do Domingo, quarto dia destas Festas, [...]	77
17.5 Loa que se representou no Teatro das Óperas na terça-feira 21 de agosto, 6.º dia destas festas [...]	83
17.6 A Introdução, que serviu de Loa para a Comédia, que se representou no Teatro das Óperas na quinta-feira 23 de agosto, [...]	92
17.7 A Academia que se fez na Igreja do Colégio desta Cidade em o sábado 25 de agosto [...] Oração do Presidente da Academia [...] José Gomes Pinto de Moraes	97
17.8 Problema em que se disputou de onde resultava a maior glória a Sua Excelência se de ser Morgado de Mateus, se de ser General desta Capitania de São Paulo, [...] Frei Joaquim de Santa Ana Silva	103
17.9 Mostra-se pela parte contrária do Problema que a maior glória provém a Sua Excelência de ser Morgado de Mateus, Padre Mestre Reginaldo Otaviano da Encarnação Ribeiro	107
17.10 Em louvor da Gloriosa Santa Ana, Soneto, do Senhor General [Dom Luís Antônio de Sousa]	113
17.11 Ilustrissimo ac Excelentissimo Domino Aloisio Antonio de Sousa Mourão [...] Epigramma, [S.I.A.]	113
17.12 Dominae nocte templum ingrediente, Epigramma. Fratres Gaspare da Soledade Matos	114
17.13 Louva-se o Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor [...], Soneto, Frei Fernando da Madre de Deus	114
17.14 Soneto, [Frei Fernando da Madre de Deus]	115
17.15 Soneto, [Frei Fernando da Madre de Deus]	115
17.16 Beatissimae Annae, noue in Altari collocatae et templum ingredientis, Epigramma, [Frei Fernando da Madre de Deus]	116
17.17 As partes com que se faz mais Ilustre o Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor General Dom Luís Antônio de Sousa, Soneto, Frei Felisberto Antônio da Conceição	116
17.18 Ao Doutissimo Presidente desta tão nobre Academia, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	117
17.19 Foi o assunto sonhar o Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor General, [...], Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	117
17.20 Ao mesmo assunto com circunstância de se achar no seguinte dia em um Caixão a Imagem de Santa Ana, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	118
17.21 Foi assunto as famosas ações, partes, e virtudes do Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	118

	Págs.
17.22	Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor, [...] Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição] 119
17.23	Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, [...] Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição] 119
17.24	Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor mostrando pela sua fama felicidades, e favores, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição] 120
17.25	Refere um Pastor a outro o misterioso Sonho, e execução dele nas pomposas festas, com que o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor colocou a Senhora Santa Ana, convidando-o também para o festejo, Egloga, [Frei Felisberto Antônio da Conceição] 121
17.26	Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor descrevendo-se as suas grandes partes, virtudes, e sangue, Carmen Heróico, [Frei Felisberto Antônio da Conceição] 127
17.27	Em louvor da Senhora Santa Ana, Romance, Frei Joaquim de São José Silva 130
17.28	Em confirmação dos problemas, Soneto, Frei Joaquim de São José Silva 132
17.29	Soneto, [Frei Joaquim de São José Silva] 132
17.30	In confirmationem Problematum, Epigramma, [Frei Joaquim de São José Silva] 133
17.31	In Laudem Beatissimae Annae, ab Illustrissimo et Excelentissimo Domino Cordieitus Venerabiliterque celebrate, Frei Bernardino de Sena 133
17.32	Secundum nomen Illustrissimi et Excelentissimi Domini Luduici Antonii de Sousa Botelho Mourão laus eius qua canitur pacis honor martisque uicus fortis, Epigramma, [Frei Bernardino de Sena] 134
17.33	Versão do Epigrama antecedente, em Soneto, [Frei Bernardino de Sena] 134
17.34	In laudem eiusdem Excelentissimi Domini nimis pro prudentia pietate quae ad gubernandum dispositi, Aliud Epigramma, [Frei Bernardino de Sena] 135
17.35	Versão do Epigrama antecedente em Soneto, [Frei Bernardino de Sena] 135
17.36	In laudem Santissimae et Gloriosissimae Annae, Epigramma, [Frei Bernardino de Sena] 135
17.37	Illustrissimus et Excelentissimus Dominus Ludouicus Antonius de Sousa Botelho Mourão, Epigramma, Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça 136
17.38	Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça] 136
17.39	Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça] 136
17.40	Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça] 137
17.41	Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça] 137
17.42	Soneto, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça] 137
17.43	Illustrissimo, ac Excelentissimo Domino Ludouico Antonio a Sousa Botelho Mourão [...], Epigramma, Fratre Iosepho Mariano ab Amore Diuino 138

	Págs.
17.44 Circa ipisius malorem Laudem, quae eritur ex deuotione erga Genitricis Dei Protoparentes Annam relatam illi, quam consecrat Virgini Maria a Gaudiis, cuius est Filius, Aliud, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	138
17.45 Ipsius adhuc dormientis superiora arcana penetrantis in laudem, Aliud [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	139
17.46 In laudem ipisius, cuius somnia uera sunt Aliud, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	139
17.47 Epigramate, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	139
17.48 Versão do epigrama antecedente em o seguinte Soneto, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	140
17.49 Em Louvor do Illustrissimo, e Excelentissimo Senhor Dom Luís de Sousa, [...], Soneto, Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	140
17.50 Na Colocação de Santa Ana [...] Oitavas, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	141
17.51 Santissima, Gloriosissima Anna Laudibus celebratur Iuxta metrum et Ecclesiastica Verba, Hymnus, Fratre Antonio A Santa Anna,	142
17.52 Hymnus Iuxta metrum, et Ecclesiastica uerba, Ode, [Antonio a Santa Ana]	142
17.53 Ad eiusdam encomium Rhythmus, [Antonio a Sancta Anna]	143
17.54 Beatissima Anna ara in noua collocata celebratur, Epigramma, [Antonio a Sancta Anna]	144
17.55 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	144
17.56 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	144
17.57 Beatissima Anna Illustrissimo Excellentissimo Domine Spes firma, Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	144
17.58 Etiam populo Spes firma, Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	145
17.59 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	145
17.60 Anna Gloriosissima Illustrissimo Excellentissimo Domine Spes firma, Epigramma [Antonio a Santa Anna]	145
17.61 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	145
17.62 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	145
17.63 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	146
17.64 Laus Beatissimae Annae consagrata, Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	146
17.65 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	146
17.66 Illustrissimi, Excellentissimi Domini Militares uirtutes celebrantur, Ode, [Antonio a Santa Anna]	146
17.67 Illustrissimus, Excellentissimus Dominus Aluisius Antonius de Sousa Botelho Mourão [...] Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	147
17.68 Todo o seu empenho é louvar a Santa Anna, Epigramma, Frei Joachino a Sancta Anna Silva,	148
17.69 Festeja a Santa Ana em dia de São Joaquim, Epigramma, [Frei Joachino a Sancta Anna Silva]	148

	Págs.
17.70 Castigar, e ser piedoso, Epigramma, [Frei Joachino a Sancta Anna Silva]	148
17.71 De maximis politicis et militaribus instructionibus, Carmen, [Frei Joachino a Sancta Anna Silva]	149
17.72 Laudes a me huc usque propalatas iure, meritoque Illustrissimo, e Excellentissimo Domino esse debitas concludit sequens, Epigramma, [Frei Joachino a Sancta Anna Silva]	150
17.73 "Distinto herói, não posso decantar-vos", [S.I.A.]	150
17.74 Felicitatis in somnio habito per caeli signa confirmantur, Epigramma, Francisco a Sancta Anna Mourato	150
17.75 Promete Santa Ana ao Ilustrissimo, e Excelentissimo Capitão General felicitar esta cidade de São Paulo [...] [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	151
17.76 Aplauda-se a fé, [...], Em Idioma de Caboclo, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	151
17.77 Discours, qui donne a connaitre l'haute action du très excelent seigneur Capitaine Général D. Louis Antoine de Sousa Botelho Mourão [...], [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	152
17.78 Versão no seguinte Soneto, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	154
17.79 Ao nome, e primeiro sobrenome do Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor Capitão General, Décima, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	155
17.80 Aquela generosa ação que Sua Excelência obrou na baixa, que a um Soldado deu, pedindo-lha na Ópera, em traje extravagante, Soneto, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	155
17.81 Não pode faltar Deus aos rogos de Santa Ana, Soneto, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	156
17.82 Recolhe-se o Pastor Alcino da Cidade para a sua Cabana, e dá notícias a Gil seu companheiro das Festas celebradas nestes dias no seguinte Diálogo, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	156
17.83 Ao Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Canção, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho	163
17.84 In laudem Praesedis, Epigramma, Frei Joaquim Antônio Taques	164
17.85 Illustrissimo, ao Excelentissimo Domino Aloisio Antonio de Sousa Botelho Mourão [...], Epigramma, Padre João Tibúrcio Domingues	165
17.86 Aliud, [Padre João Tibúrcio Domingues]	165
17.87 Aliud, [Padre João Tibúrcio Domingues]	165
17.88 Aliud, [Padre João Tibúrcio Domingues]	166
17.89 Ao Assunto Acadêmico do Sonho que teve o Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor Governador, [...] Dom Luís Antônio de Sousa [...], Soneto 1.º, Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme	166

	Págs.
17.90 Ao mesmo Assunto, Soneto 2. ^o , [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	167
17.91 Ao mesmo Assunto, Soneto 3. ^o , [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	167
17.92 Ao mesmo Assunto, Soneto 4. ^o , [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	168
17.93 Ao mesmo Assunto, Soneto 5. ^o , [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	168
17.94 Ao mesmo Assunto, Oitavas, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	169
17.95 As Luzes com que resplandece o Illustríssimo, e Excelentíssimo Senhor, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	170
17.96 Ao Problema, Qual é mais glorioso ao Illustrissimo e Excelentissimo Senhor ser Morgado de Mateus, ou General da Capitania de São Paulo, Soneto, [Antonio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	170
17.97 Ao mesmo problema, Décima, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	171
17.98 Ao Régio Sangue de Sua Excelência, Soneto, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	171
17.99 Ao acertado Governo de Sua Excelência no levantamento das Tropas, e construção das Fortalezas, Soneto, [Antonio Fortes de Bustamante], e Sá Leme]	172
17.100 Em louvor da gentileza, prudência, cristandade, valor, e liberalidade de Sua Excelência, [...] Soneto, [Antonio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	172
17.101 Aos anos do Príncipe Nosso Senhor, Décima, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	173
17.102 Em louvor da Gloriosa, e Portentosa Santa Ana, Mãe da Mãe de Deus, [...] Oração escrita por um devoto da Santa, [...] Luís de Campos	175
17.103 Cum de Laudibus Illustrissimo ac Excelentissimo Domino collatis gloria, [...], Ode, Francisco Xavier de Passos ..	181
17.104 In laudem Illustrissimi Excellentissimique Domini Aloisii Antonii de Sousa Botelho Mourão [...], Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	182
17.105 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	183
17.106 Illustrissimus, ac Excellentissimus Dominus simulacrum reperit Annae Beatissimaeque Thaesauros ab conditus non immerito esset nuncupanda..., Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	183
17.107 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	184
17.108 Obstantes conatus, quos, ut gloriam Deo [...], Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	184
17.109 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	185
17.110 Tam literis, quam uirtutibus praestantissimus ostenditur, Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	185
17.111 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	185
17.112 Diuae Annae nobillus obtulit sacrificium amor eximius, Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	186

	Págs.
17.113 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	186
17.114 Dum Annae Beatissimae Aram construit, eadem sibi decus assequitur imortale, Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	187
17.115 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	187
17.116 Se nimia animi fortitudine in regendis [...], Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	188
17.117 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	188
17.118 Pre inumeris, que exhibet praedicanda, [...], Epi- gramma, [Francisco Xavier de Passos]	189
17.119 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	189
17.120 Em aplauso do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Luís Antonio de Sousa, [...], Ode, Lourenço José Botelho de Mesquita	190
17.121 Canta o Pastor Fileno as glórias de Sua Excelência [...], Oitavas, Luís Antonio	194
17.122 Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General ao assunto da sua ilustre festividade, Soneto Acróstico, Padre Manuel da Silva	199
17.123 Descreve-se o assunto da festividade, e Academia, que a gloriosa Senhora Santa Ana dedica Sua Excelência nesta incolta Canção, [Padre Manuel da Silva]	200
17.124 Louva-se a Senhora Santa Ana com o título de poderosa, Soneto, De um Anônimo	203
17.125 Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, Soneto, [Anônimo]	204
17.126 Soneto, [Anônimo]	204
17.127 Soneto, [Anônimo]	205
17.128 Soneto, [Anônimo]	205
17.129 Soneto, [Anônimo]	206
17.130 Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, [...], Soneto, Francisco Pereira Cardoso	206
17.131 O mesmo Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor achando a Imagem da Gloriosa Santa Ana [...], Soneto, [Francisco Ferreira Cardoso]	207
17.132 Ao mesmo Excelentíssimo Senhor General aplaudindo com grande devoção a Gloriosa Santa Ana [...], Soneto, [Francisco Ferreira Cardoso]	207
17.133 O mesmo Excelentíssimo Senhor é dotado das virtudes que o constituem General perfeito no seu Governo [...], Soneto, [Francisco Ferreira Cardoso]	208
17.134 Oração panegírica em Louvor da Esclarecida, e sempre Gloriosa Santa Ana [...] Manuel Pereira Crispim	209
17.135 Em louvor do Egrégio Presidente faz Sua Excelência este Soneto [Luís Antônio Botelho de Sousa Mourão]	212
17.136 Praeclarissimo huius Academiae Praesidi ad omnia nato luculenter oranti, Epigramma, [Fratre Gaspere da Soledade Matos]	212
17.137 Aliud, Gaspere da Soledade Matos	213

	Págs.	
17.138	Ao Senhor Doutor José Gomes Pinto de Moraes, Presidente da Academia dos Felizes desta Cidade de São Paulo, [...], Soneto, Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme	213
17.139	Em louvor do Sapiientíssimo Presidente da Academia dos Felizes [...], Soneto, Francisco Xavier de Passos	214
17.140	Ao Senhor Doutor Juiz de Fora da Vila, e Praça de Santos José Gomes Pinto de Moraes [...], Soneto Acróstico, Padre Manuel Alz' da Silva	214
17.141	Em Louvor do Preclaríssimo Doutor Presidente orando doutamente, Décimas, Anônimo	215
18.	Exposição Fúnebre, e Simbólica das Exéquias [...] da Sereníssima Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia [...] no Arraial de Paracatu [...], João de Sousa Tavares, [1771]	217
18.1	[Dedicatória] Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de Meneses, Abranches, Castelo Branco, e Noronha, Conde de Valadares [...], Manuel Lopes Saraiva	221
18.2	Em louvor do Reverendo Doutor João de Sousa Tavares, autor desta Exposição Fúnebre etc., Soneto, José Pereira de Barros	224
18.3	Ao mesmo Autor da Exposição, Soneto, Manuel da Silva Pereira	225
18.4	Exposição Fúnebre e Simbólica [Oração], [João de Sousa Tavares]	227
18.5	Protestação do Autor, João de Sousa Tavares	270
18.6	Nas exéquias que se celebraram à Augustíssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, João de Sousa Tavares	271
18.7	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	271
18.8	Ao mesmo assunto respeitando a Palma, e Coroa com que se ilustrou o remate do Mausoléu, Soneto, [João de Sousa Tavares]	272
18.9	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	272
18.10	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	273
18.11	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	273
18.12	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	274
18.13	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	274
18.14	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	275
18.15	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	276
18.16	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	276
18.17	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	277
18.18	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	277
18.19	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	278
18.20	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	279
18.21	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	279
18.22	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	279
18.23	Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	279

	Págs.	
18.24	A sentida morte da Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, Antônio Nunes Álvares	283
18.25	Ao mesmo assunto, Soneto, [Antonio Nunes Alvares]	283
18.26	Ao mesmo assunto, Soneto, [Antônio Nunes Alvares]	283
18.27	Ao Mausoléu da Senhora Infanta Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, [Antônio Nunes Alvares]	284
18.28	Nas Exéquias, que fez officiar à Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia [...], Silva, [Antônio Nunes Alvares]	285
18.29	A morte da Sereníssima Infanta de Portugal e Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, [Padre Manuel André Fontela]	287
18.30	A sentidíssima Morte da Sereníssima Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia Infanta de Portugal, Soneto moral, Manuel da Silva Pereira	287
18.31	Ao mesmo assunto. [...], Soneto moral, [Manuel da Silva Pereira]	288
18.32	Ao mesmo assunto. [...], Soneto moral, [Manuel da Silva Pereira]	288
18.33	Ao mesmo assunto. [...], Soneto, [Manuel da Silva Pereira]	288
18.34	Ao triste som dos sinos pela morte da Sereníssima Senhora Infanta de Portugal Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, José Pereira de Barros	289
18.35	Ao Túmulo da Sereníssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Epitáfio, [José Pereira de Barros]	290
18.36	Nas Exéquias da Sereníssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Elegia, Padre José Álvares da Costa	291
18.37	Serenissimae Dominae Maria Franciscae Dorotheae mortem lugent Brasiliae Clientes sine cineribus, Elegia, Emanuel da Silva Pereira	292
18.38	Augustissimae Dominae Mariae Franciscae Dorotheae in Domino feliciter dormienti, Epitaphium, [Emanuel da Silva Pereira]	294
18.39	Ad Tumulum, Aliud, [Emanuel da Silva Pereira]	294
18.40	Panegírico Fúnebre nas Exéquias da Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, que fez officiar o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de Meneses Abranches Castelo Branco [...], Padre José Álvares da Costa	295

TOMO 5

19. Coleção das obras feitas aos Felicíssimos Anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses Governador e Capitão General de Pernambuco na Sessão Acadêmica de 19 de Março de 1775, Antônio Gomes Pacheco

	Págs.
19.1 Dedicatória, Antônio Gomes Pacheco	11
19.2 Ao Leitor, Antônio Gomes Pacheco	11
19.3 Oração Panagórica, Antônio Machado Portela	12
19.4 Finge-se que fala com o Brasil erguido do seu Sepulcro o cadáver do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde Sabugosa no seguinte Soneto, Francisco José de Sales ...	25
19.5 Paralelo entre Júlio César, e o Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Governador, e Capitão General de Pernambuco, Soneto, [Francisco José de Sales]	26
19.6 Figura-se uma Índia, que representa Pernambuco, o que se explica neste seguinte Soneto, [Francisco José de Sales]	26
19.7 Sobre a atenção, que tem o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, de conservar um modelo das Ordens Régias, dirigidas a seu Pai o Excelentíssimo Senhor Conde de Sabugosa, quando governava a Bahia, Soneto, José Antônio de Alvarenga Barros Freire	27
19.8 Aos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Soneto, [José Antônio de Alvarenga Barros Freire]	27
19.9 Assunto primeiro. Quanto se interessa Pernambuco nos anos que conta o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Soneto, Frei Francisco Xavier Feijó	28
19.10 Assunto segundo. A maior grandeza de Sua Excelência é a humanidade do seu Governo. Ode, [Frei Francisco Xavier Feijó]	29
19.11 Assunto terceiro. Os votos, que faz Pernambuco para que sejam muitos os anos de Sua Excelência, Mote e glosa joco-séria, [Frei Francisco Xavier Feijó]	30
19.12 Assunto primeiro. Mostra-se que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses pelas heroicidades regula os seus anos, Ode, Antônio Gomes Pacheco	32
19.13 Assunto segundo. Aos felizes anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Êcloga, José Vitorino Pereira Torres	34
19.14 Assunto terceiro. Falam dois Ermitãos, que tendo de costume inventariarem as esmolas das Caixinhas, se convidaram entre si para festejarem os anos de Sua Excelência, Antão, e Barnabé, Romance Joco-sério, [Padre José Vitorino Pereira Torres]	44
19.15 Aos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Assunto primeiro, Ode, José Antônio da Silva Guerreiro	54
19.16 Ao mesmo assunto, Soneto caudato, [S.I.A.]	57
19.17 Assunto segundo. Aos felizes anos de Sua Excelência, Ode, José Vitorino Pereira Torres	57
19.18 Ao mesmo assunto, Soneto, [S.I.A.]	60
19.19 Assunto terceiro, Soneto Festivo, [S.I.A.]	60
19.20 Ao mesmo assunto, Soneto Festivo, [S.I.A.]	61

	Págs.	
19.21	Assunto primeiro. As virtudes do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses foram sempre saudosas, e eternos os seus anos na lembrança dos homens, Ode, José Vitorino Pereira Torres	61
19.22	Fazendo anos o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses. Assunto primeiro. As virtudes do Superior são as que conciliam a veneração dos Súditos, Soneto, João Carneiro da Cunha	63
19.23	Assunto primeiro. Louva-se o prudente governo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses no dia, em que faz anos, representado no nome de Montano, Egloga, Frondélio, Eulino, e Umbrana, [S.I.A.]	64
19.24	Soneto, José Gomes da Costa Gadelha	72
19.25	Assunto segundo. Nada assegura mais o governo público, que a afabilidade para com os Súditos, Soneto, [José Gomes da Costa Gadelha]	73
19.26	Assunto primeiro. Aos felicíssimos anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, Silva, João Batista de Sousa	73
19.27	Assunto terceiro. História da Cota Marota no dia, em que saltou em terra Sua Excelência, Romance Joco-sério, [João Batista de Sousa]	75
19.28	Assunto primeiro. Verificam-se no Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses aquelas palavras do César Romano: Cheguei — vi — e venci, Soneto, Manuel Rebelo Pereira	79
19.29	Assunto segundo. Mostra-se o quanto convém a Sua Excelência o nome de César, Oitavas, [Manuel Rebelo Pereira]	80
19.30	Assunto terceiro. Aos felicíssimos anos de Sua Excelência, Romance lírico, [Manuel Rebelo Pereira]	82
19.31	Ao mesmo Assunto, Décima, [Manuel Rebelo Pereira]	86
19.32	Assunto primeiro. Mostra-se que mais se aumenta a glória de Pernambuco vendo-se governado pelo Ilustríssimo Senhor José César de Meneses por ser natural do Brasil, Romance, Belquior de Campos Camelo	86
19.33	Assunto segundo. Aos felizes anos de Sua Excelência, Soneto, [Belquior de Campos Camelo]	89
19.34	Assunto terceiro. Louvam-se em comum as virtudes de Sua Excelência no seguinte Romance, [Belquior de Campos Camelo]	89
19.35	Assunto primeiro. Mostra-se que a maior glória, que nos provém do estimável governo do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses, é a sua respeitável presença no dia em que faz anos, Romance, [S.I.A.] ..	92
19.36	Soneto, Frei João Batista de Santa Ana	93
19.37	Assunto segundo. Será incomparável a felicidade de Pernambuco enquanto for governado pelo Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José Cesar de Meneses, Romance, [Frei João Batista de Santa Ana]	94
20.	Festejos Comemorativos do Aniversário de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, realizados em Cuiabá, em agosto de 1790, [S.I.A.] ..	97

	Págs.
20.1 Festejos Comemorativos [...] Lista das pessoas que entraram nas funções principais de agosto de 1790	99
20.2 Obras Poéticas que se recitaram nas noites de 6 e 15 de agosto de 1790, e são as únicas que se puderam haver das muitas que se ouviram nas noites sobreditas e em outras ocasiões próprias da presente festividade, Soneto, [S.I.A.]	109
20.3 Soneto, [S.I.A.]	110
20.4 Soneto, [S.I.A.]	110
20.5 Soneto, [S.I.A.]	111
20.6 Endechas, [S.I.A.]	111
20.7 Crítica das Festas, [S.I.A.]	117
21. Relação das Festas, que fez a Câmara da Vila Real do Sabará na Capitania de Minas Gerais por ocasião do Feliz Nascimento da Sereníssima Senhora Princesa da Beira, [S.I.A.]	123
21.1 Relação [...] [S.I.A.]	125
21.2 Descrição das iluminações, que fizeram os Magistrados daquela Vila, [S.I.A.]	128
22. Relação dos Festejos realizados a 10 de agosto de 1801, no Arraial da Conceição, Capitania de Minas Gerais, em Homenagem a Bernardo José de Lorena, [S.I.A.], 1801	135
23. Descrição da maneira por que foi aplaudido na Capitania da Paraíba do Norte o Memorável Dia 13 de Maio de 1803, em que fez Anos o Sereníssimo Príncipe Regente de Portugal Nosso Senhor, [S.I.A.], 1803	141
24. Relação das Festas que se fizeram no Rio de Janeiro, quando o Príncipe Regente Nosso Senhor, e Toda a Sua Real Família chegaram pela primeira vez àquela Capital, [S.I.A.], 1810	147
24.1 Ao Leitor, [S.I.A.]	151
24.2 Meu Caro Irmão, [S.I.A.]	151
24.3 Edital. Dom Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, do Conselho de Sua Alteza Real, Vice-Rei, e Capitão General de mar, e terra dos Estados do Brasil, Etc.; etc.; etc., Conde dos Arcos	152
24.4 [Relação], [S.I.A.]	155
24.5 Particularidades notáveis, e curiosas ..., [S.I.A.]	160
25. Elogio, que ao sempre Fausto Aniversário de Sua Majestade Fidelíssima a Rainha Dona Maria I Nossa Senhora O.D.C. o seu mais Humilde Vassalo Bernardo Avelino Ferreira e Sousa, 1815	163
26. Relação Circunstanciada do que se praticou na Província do Pará com a Infausta Notícia do Falecimento da Rainha Fidelíssima a Senhora Dona Maria I., a qual participação chegou a esta Província em o dia primeiro de agosto do corrente ano, [S.I.A.], 1816	171
27. Relação do que se fez na Corte do Rio de Janeiro pela Morte da Nossa Augusta Rainha, a Senhora Dona Maria I., e no que também se executou nesta Cidade de Lisboa no dia sábado 20 do corrente, pela ação de quebrar os escudos, [S.I.A.], 1816 ..	177

	Págs.
28. Relação do Festim que ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Marcos de Noronha e Brito, VIII Conde dos Arcos, [...]. [S.I.A.], 1817	185
28.1 Relação	189
28.2 Termo, [S.I.A.]	189
28.3 Invocação, [Inácio José de Macedo]	196
28.4 Ode Pindárica, Antonio José Osório de Pina Leitão	197
28.5 Elogio, Domingos Borges de Barros	202
28.6 Elogio ao Comércio, Inácio José de Macedo	206
28.7 Elogio, José Procópio de Castro	211
28.8 Elogio Poético, Paulo José de Melo Azevedo e Brito ...	213
28.9 Epinícium, José Francisco Cardoso de Moraes	219
28.10 [Relação], [S.I.A.]	231
29. Relação dos Festejos, que à Feliz Aclamação do muito Alto, muito Poderoso, e Fidelíssimo Senhor Dom João VI Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves, [...], coligidas por Bernardo Avelino Ferreira e Sousa, 1818	235
29.1 [Dedicatória], [S.I.A.]	239
29.2 [Relação], [S.I.A.]	239
29.3 Ode, [S.I.A.]	248
29.4 A feliz Aclamação do Muito Alto e Poderoso Rei o Senhor Dom João VI. Ode, [S.I.A.]	254
29.5 Por ocasião da Faustíssima Aclamação D'el-Rei Nosso Senhor, Ode, [S.I.A.]	257
29.6 Ode, [S.I.A.]	258
29.7 Canto Épico à Aclamação Faustíssima do Muito alto, e muito poderoso Senhor Dom João VI o Liberalíssimo Rei do Reino Unido de Portugal, e do Brasil, e Algarves, composto e oferecido Em Suas Reais Mãos Por seu Vassalo Fiel Estanislau Vieira Cardoso	261
29.8 Soneto, [S.I.A.]	274
30. Pará: Relação das Festas, que se fizeram nesta Cidade de Nossa Senhora do Belém, de Ordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Flor, [...] pela feliz Ocasão do Glorioso Casamento de Sua Alteza o Príncipe Real do Reino Unido de Portugal [...], [S.I.A.] 1818	275
31. Descrição da Iluminação Simbólica, que na Noite do Faustíssimo dia 4 d'abril de 1819, [...] feliz Nascimento da Sereníssima Senhora Princesa Recém-nascida, [...], Antonio José da Silva Braga, 1819	283
32. Relação das Festas com que o Senado da Câmara com toda a Nobreza da Vila de São José da Parnaíba celebrou no dia 13 de maio de 1820 o Aniversário Natalício de Sua Majestade El-Rei Nosso Senhor [...], João Cândido de Deus e Silva, 1820	291
33. Relação Fiel da Ação de Patriotismo, e Fidelidade, que a Câmara e Povo da Cidade de São Luís do Maranhão praticou, em obséquio do Muito Alto e Poderoso Rei, o Senhor Dom João VI., [...], Isidoro Rodrigues Pereira, 1820	301
34. Relação dos Sucessos do dia 26 de fevereiro de 1821. Na Côte do Rio de Janeiro, [S.I.A.], 1821	311

	Págs.
35. Descrição dos Emblemas Alegóricos e Seus Epigramas com que se adornou a Iluminação que na Fachada das Casas de sua Residência apresentou ao Público o Coronel Antonio José da Silva Braga, [S.I.A.], 1818 [Ed. 1821]	325

TOMO 6

Advertência	7
36. Aplausos natalícios com que a Cidade da Bahia celebrou a notícia do felice Primogênito do Excelentíssimo Senhor Dom Antônio de Noronha, Conde de Vila Verde, do Conselho de Sua Majestade e seu Mestre de Campo General, e Governador das Armas da Província de Entre Douro e Minho [...] Lisboa Ocidental, Na Oficina de Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, e da Sereníssima Casa de Bragança. [S.I.A.] 1718	21
36.1 Ao Capitão João de Brito e Lima descrevendo em quatro métricos cantos as festas, que nesta Cidade da Bahia se fizeram ao Excelentíssimo Senhor Marquês Vice-rei pelo nascimento de um Neto, preclaríssimo herdeiro da sua Casa. Soneto, Sebastião da Rocha Pita .	24
36.2 A ficção que fez o Autor da obra João de Brito Lima, de ser arrebatado ao Coro das Musas. Décimas [S.I.A.] ..	24
36.3 Ao mesmo autor debaixo da alegoria, ou metáfora de três Aves Reais, Águia, Fênix, e Cisne. Décima [S.I.A.]	25
36.4 Ad eundem Authorem, Epigramma, Aloisius Canello de Noronha	25
36.5 Ao Capitão João de Brito de Lima em louvor dos quatro Cantos panegíricos, em que descreveu as festas, que na Cidade da Bahia se fizeram pelo nascimento feliz do Neto do Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja Vice-rei do Estado do Brasil. Soneto [S.I.A.]	26
36.6 Ao Capitão João de Brito e Lima escrevendo em Oitavas as mesmas festa (sic) Por um íntimo amigo do Autor. Décimas, [S.I.A.]	26
36.7 A Ambos os Autores com a metáfora da solfa pelo mesmo. Soneto [S.I.A.]	27
36.8 Licenças do Santo Officio	29
36.9 Censura do Padre Mestre Dom Antônio Caetano de Sousa	29
36.10 Censura do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Manuel Guilherme	30
36.11 [Licenças] do Ordinário	30
36.12 [Licenças] do Paço	30
36.13 Senhor, Lourenço Botelho Souto Maior	30
36.14 Poema elogíaco, e narração verdadeira, em que se descrevem as festas, que o Mestre de Campo João de Araújo de Azevedo Mandou celebrar na Cidade da Bahia em obséquio do Primogênito do Excelentíssimo Senhor Conde de Vila Verde, Neto, e Herdeiro da Casa do Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja, Digníssimo Vice-rei dos Estados da Índia, e do Brasil, Capitão General de mar, e terra, do Conselho de Estado, e Guerra de Sua Majestade, que Deus guarde, Vedor da sua Real Fazenda [João de Brito e Lima]	33

	Págs.
36.14.1 Dedicatória: Excelentíssimo Senhor. Soneto, João de Brito e Lima	35
36.14.2 Canto I	35
36.14.3 Canto II	51
36.14.4 Canto III	77
36.14.5 Canto IV	93
36.15 Ao Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo sobre a narração das festas, que na Cidade da Bahia se fizeram ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja, pelo nascimento de um Neto, dirigidas, e ordenadas pelo Mestre de Campo João de Araújo de Azevedo. Soneto, Sebastião da Rocha Pita	115
36.16 Ao Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo Corregedor do Crime na Relação da Bahia, na eruditíssima narração, que fez das festas, com que os habitadores daquela Cidade aplaudiram o felicíssimo nascimento do Primogênito Varão da ilustríssima, preclaríssima, e excelentíssima Casa de Vila Verde [...] Soneto [S.I.A.]	115
36.17 Ao Doutor o Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo, Ouvidor geral do Crime, pela narração que fez das festas celebradas ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja, Vice-rei, e Capitão general do mar, e terra, etc. pelo Mestre de Campo João de Araújo de Azevedo. Soneto, Luis Canelo de Noronha	116
36.18 Ao Doutor Caetano de Brito meritíssimo Corregedor do Crime na Relação da Bahia, em louvor da elegância com que se descreveu as festas, que nela se fizeram pelo feliz nascimento de um Neto do Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja Vice-rei do Estado do Brasil. Soneto [S.I.A.]	117
36.19 Ao Desembargador Caetano de Brito de Figueiredo fazendo Relação das festas, que se celebraram na Cidade da Bahia ao felicíssimo nascimento do Senhor Dom Pedro de Noronha, filho do Excelentíssimo Senhor Conde de Vilaverde, e digníssimo Neto do Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja. Soneto [S.I.A.]	117
36.20 Ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Angeja, Vice-rei, e Capitão general do Brasil, oferecendo-lhe a Relação das festas dedicadas ao mesmo Senhor em aplauso do fausto Natalício do Excelentíssimo Senhor Dom Pedro de Noronha seu felicíssimo Neto. Soneto [S.I.A.]	118
36.21 Diário Panegírico. Relação das festas que na famosa Cidade da Bahia, se fizeram em aplauso do fausto, e feliz Natalício Do Excelentíssimo Senhor Dom Pedro de Noronha, Glorioso Primogênito dos Excelentíssimos Senhores Condes de Vilaverde. [Caetano de Brito e Figueiredo] [1718]	119
37. Relação da Entrada que fez O Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Antonio do Desterro Malheiro Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste presente Ano de 1747 havendo sido seis Anos Bispo do Reino de Angola, donde por nomeação	

	Págs.
de Sua Majestade, e Bula Pontifícia, foi promovido para esta Diocese. Composta pelo Doutor Luís Antonio Rosado da Cunha Juiz de Fora, e Provedor dos defuntos, e ausentes, Capelas, e Resíduos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Na Segunda Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca. [1747]	127
37.1 [Relação] Luís Antonio Rosado da Cunha	131
37.2 [Licenças]	139
37.3 Em Aplauso do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor. Dom Frei Antônio do Desterro Malheiro Digníssimo Bispo desta Cidade. Romance Heróico [S.I.A.]	141
37.4 Epigramma [S.I.A.]	144
37.5 Epigramma [S.I.A.]	144
37.6 Epigramma [S.I.A.]	144
37.7 Epigramma [S.I.A.]	144
37.8 Epigramma [S.I.A.]	145
37.9 Epigramma [S.I.A.]	145
37.10 Epigramma [S.I.A.]	145
37.11 Soneto [S.I.A.]	146
37.12 Epigramma [S.I.A.]	146
37.13 Epigramma [S.I.A.]	146
37.14 Epigramma [S.I.A.]	147
37.15 Epigramma [S.I.A.]	147
38. Relação da Viagem, e Entrada, que fez O Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Miguel de Bulhões e Sousa, Sagrao Bispo de Málaca, e Terceiro Bispo do Grão Pará para esta sua Diocese: Escrita por um dos seus Familiares. Lisboa. Na Oficina de Manuel Soares. Ano de 1749. Com as licenças necessárias. [S.I.A.]	149

FIM DO VOLUME III

Tomos 1, 2, 3, 4, 5 e 6.



IMPrensa OFICIAL DO ESTADO S/A - IMESP
SÃO PAULO - BRASIL
1978

34

